

4

Um olhar analítico sobre nossos entendimentos

4.1

Primeira Etapa: Narrativas Nucleares

A primeira etapa de minha análise corresponde à identificação das narrativas nucleares/ações complicadoras nas histórias co-construídas por nossa equipe em frequentações, na APE 1. Todos os relatos surgiram em intercâmbios no qual o principal questionamento era: O que tenho aprendido como orientador e que histórias de aprendizado tenho para contar? Recuperando o posicionamento de Mishler (1986), o mapeamento das narrativas nucleares, orações temporalmente relacionadas, é utilizado por mim como uma ferramenta comparativa que permite analisar a presente coleção de narrativas. Nesta primeira abordagem dos dados, buscarei observar os elementos sugeridos por Wenger (1998:147) em relação à configuração de uma identidade na prática dentro de uma comunidade de prática específica. As histórias completas geradas pela APE 1 podem ser encontradas no Anexo 1. Neste capítulo, apresentarei fragmentos que correspondem a minha interpretação da localização das narrativas nucleares, marcadas em *itálico*.

Observando o conjunto de ações complicadoras e considerando que as entradas e saídas marcadas por mim são apenas propostas de interpretação, recupero a noção de comunidade de prática proposta por Wenger (1998:149). O autor propõe uma “identidade na prática” e explicita a relação íntima entre identidade e prática. Segundo ele:

Desenvolver uma prática requer a formação de uma comunidade cujos membros podem engajar-se entre si e, assim, reconhecer uns aos outros como participantes. Como consequência disso, a prática provê a negociação de maneiras de ser uma pessoa naquele contexto.

A primeira caracterização wengeriana da identidade na prática é a de experiência negociada (ibid: 150-151). Tal visão torna a identidade uma maneira de estar no mundo que não é equivalente à auto-imagem. O autor observa esse fenômeno como um encontro de efeitos no mundo e relações entre os membros da comunidade

que “sobrepõem-se para produzir nossa identidade como um entretido muito complexo de experiência participativa e projeções ratificadoras”.O processo de ratificação parte de como os demais membros observam nossa prática, níveis, diferenciações em relação à comunidade de prática.

O primeiro critério para identificar as narrativas nucleares foi o de sua continuidade temporal, i.e., descritas como subsequentes no tempo. Em seguida, busquei momentos nos quais, ao longo do relato, os narradores retomavam a narrativa identificada. Assim, nos dados da frequência Rafael-Sabine (anexo 1, seqüência 1), identifiquei como narrativa nuclear o fragmento 1.1, no qual observo que não existe nenhuma menção direta à função de Rafael como orientador (ainda que esta apareça posteriormente).

Fragmento 1.1

APE 1 – RAFAEL/SABINE – GRAVADO E TRANSCRITO

4	videogame. <i>E teve um dia... que a gente nem só fica jogando, né?</i>
5	<i>Come pizza, come esfiha, fica batendo papo e ai teve...rolou uma</i>
6	<i>conversa, pessoal falando sobre futuro e tal...Aí um desses meus</i>
7	<i>amigos falou assim: “Porra, cara, eu... eu fico pensando eu</i>
8	<i>velho...pô, eu fico...me vejo tendo filho. Cláudio falou “Não!”.</i>
9	<i>E o Rafael... O Paulinho também não falou isso. “Ah!”, falou,</i>
10	<i>“Eu não me vejo tendo filho” e tal...Depois, o Rafael falou:</i>
11	<i>“Não, eu... eu me vejo tendo filho, eu me vejo casando, vejo meu</i>
12	<i>futuro.” Depois o Paulinho voltou e falou: “Porra, uma coisa que</i>
13	<i>é... que ia me bater muito seria se o meu filho fosse gay, pô, ia</i>
14	<i>ser muito difícil” e tal. Aí o Rafael virou e falou: “ Pô, com</i>
15	<i>certeza seria muito difícil”. Aí tinha um outro amigo também na</i>
16	<i>sala e falou: “ Pô, eu também acho, acho que seria muito</i>
17	<i>difícil”. Aí, eu comentei... falei: “Ah pra mim não seria muito</i>
18	<i>difícil não porque...é... eu não teria muita dificuldade, o... o</i>
19	<i>maior problema seria que... seria ele, porque ele ia sofrer o</i>
20	<i>preconceito, mas por mim não teria muito problema”. E aí,</i>
21	<i>esse amigo, Daniel, falou : “Ah, não, é com certeza, pra mim</i>
22	<i>também a maior dificuldade é porque meu filho ia sofrer</i>
23	<i>muito, eu ia sofrer com ele” e tal. E aí, nesse dia aconteceu</i>
24	<i>uma coisa muito interessante, né?. Houve uma discussão</i>
25	<i>depois sobre isso, o outro Rafael era meio contra, achava que</i>
26	<i>era um absurdo um homem...um filho ser gay e tal. Ele</i>
27	<i>ach...achou que...eu ia...queria que meu filho fosse gay,</i>
28	<i>mas...ai...uma coisa que eu achei muito interessante nesse dia</i>

No fragmento 1.1, existe um posicionamento diferenciado de Rafael frente a outros membros de seu grupo de amigos que parece conferir-lhe certo destaque. Rafael constrói sua narrativa de maneira que a maioria de seus amigos seja representada como tendo a mesma opinião em relação a um filho *gay*: ter um filho *gay* é um problema e/ou uma experiência muito ruim.

É interessante observar como Rafael constrói discursivamente a estratégia de repetir estruturas extremamente semelhantes de sentenças, para posicionar seus amigos como tendo a mesma opinião. Para isso, utiliza-se, inclusive, das mesmas frases, iniciadas por “Porra” (linha 12) ou “Pô” (linhas 14 e 16) e variações de uma mesma opinião: “ia ser muito difícil” (linhas 13-14) e “seria muito difícil” (linha 15 e linhas 16-17). Ao expressar sua opinião, Rafael indica que o difícil seria acompanhar o sofrimento do filho e, em seguida, reporta que um amigo seu, Daniel, concordou com ele. Para construir tal concordância, novamente, Rafael reconstrói sua própria fala e a fala de seu amigo Daniel como extremamente semelhantes, munindo-se inclusive dos mesmos vocábulos e estrutura temporal (fragmento 1.2).

Fragmento 1.2

FREQUENTANÇA RAFAEL/SABINE

17	difícil”. Aí, eu comentei... falei: “ <i>Ah pra mim não seria muito</i>
18	<i>difícil não porque...é... eu não teria muita dificuldade, o... o</i>
19	<i>maior problema seria que... seria ele, porque ele ia sofrer o</i>
20	<i>preconceito, mas por mim não teria muito problema”</i> . E aí,
21	esse amigo, Daniel, falou : “ <i>Ah, não, é com certeza, pra mim</i>
22	<i>também a maior dificuldade é porque meu filho ia sofrer</i>
23	<i>muito, eu ia sofrer com ele”</i> e tal. E aí, nesse dia aconteceu

A estratégia de reconstrução das falas no dia parece ser utilizada por Rafael, de maneira altamente sofisticada, para posicionar os personagens. Existe o grupo de amigos que apresenta o problema, existe a negação dele de que o problema mencionado seja da maneira descrita por seus amigos e existe a concordância de Daniel em relação a seu ponto de vista. Tal concordância é apresentada como inequívoca e óbvia, pois Daniel é apresentado como alguém que repete o mesmo discurso feito por Rafael.

Na narrativa nuclear, não existe menção clara à função de orientador, nem à função dos demais membros da equipe humanista, como anteriormente mencionado. No entanto, observo uma construção discursiva voltada para provar que Rafael tem um posicionamento diferente da maioria dos seus amigos e que tal posicionamento é visto como interessante (digno de citação) por pelo menos um deles, o que está diretamente relacionado ao motivo pelo qual sua narrativa é reportável. Aqui, implicitamente, observo um primeiro momento de diferenciação de funções relacionado à nossa experiência negociada. Existe uma “projeção ratificadora” (Wenger, 1998:151) da validade de nossa qualificação e de como esta atua na prática, mesmo em âmbitos fora do Movimento. O próprio fato de que Rafael tenha escolhido uma estória ambientada fora de nossas reuniões e atividades me parece digno de nota: faz parte de sua aprendizagem como orientador recontar um momento no qual sua referência junto a não-membros do Movimento aparece destacada.

No fragmento 1.3, já fora da narrativa nuclear, Rafael retoma o dia do videogame e constrói uma ligação entre as modificações ocorridas no relacionamento entre ele e Daniel (além de outros amigos mencionados brevemente) e a avaliação que faz do porquê sua narrativa é reportável.

Fragmento 1.3

APE 1 – RAFAEL /SABINE

31	ele começava a me... ele me perguntava muito algumas coisa
32	assim, ele queria saber de mim porque que...quê que eu
33	achava...por qual motivo as pessoas viravam...porém depois quis
34	saber o que quê eu achava do César Maia investir tanto
35	dinheiro no Pan-americano. <i>Depois ele queria saber porque que</i>
36	<i>ele se sentia frustrado quando jogava videogame e perdia. E</i>
37	<i>isso... isso até foi no dia, esse do videogame...E teve um outro</i>
38	dia ele me parou para perguntar uma outra coisa super boba,
39	queria saber quantas dimensões existiam e eu acho muito

Na frequência Valdir- Sabine (Anexo 1 – seqüência 2), a estória refere-se a um ponto específico no tempo, um dia de reunião de núcleo. No entanto, no meio de tal reunião, existe uma reflexão, realizada por Valdir naquele dia, que se refere à maneira como foi qualificado (fragmento 2.1) Considero as recordações de Valdir,

encaixadas na estrutura da narrativa, como parte da ação mesma, já que estão posicionadas no dia da reunião. A sugestão de que as recordações ocorreram no mesmo dia fica mais clara em “fui me lembrando” (linha 15). Valdir observa que existe a dificuldade em transmitir o que ele aprendeu a outros setores administrativos e a referência a “tarefas específicas da função administrativa” (linha 4). Surgindo dessa necessidade, há seu pedido de ajuda a Ricardo, nosso orientador, para tentar entender isso. O pedido é feito em uma reunião de núcleo, ou seja, a reunião na qual Ricardo, Andréa e Valdir se juntam para traçar estratégias para a equipe como um todo e para ver como podem ajudar a cada participante no desenvolvimento de seus projetos.

Aqui, o orientador parece estar representado como aquele que pode levá-lo a entender um problema e o administrativo que o qualificou como o modelo a ser seguido na qualificação de outros administrativos. Além de reiterar a hierarquia orientador/orientado, reitera a hierarquia baseada em qualificação vista como positiva, trazendo resultados para o questionamento de Valdir.

Fragmento 2.1

APE 1 – VALDIR/SABINE – GRAVADO E TRANSCRITO

1	Bom, é...há alguns anos atrás eu comecei a entender como é que
2	os modelos operam sem que a gente perceba...Eu numa reunião
3	<i>de núcleo com o meu orientador, a gente tava conversando sobre</i>
4	<i>porque quê algumas tarefas específicas da função administrativa</i>
5	<i>que outras pessoas na rede tavam tendo dificuldade de fazer e....</i>
6	<i>eu dizia que... comentava que eu informava as pessoas que elas</i>
7	<i>tinham que fazer, que eram as coisas mínimas da função</i>
8	<i>administrativa e ainda sim a coisa não fazia. Ai essa era uma</i>
9	<i>coisa que eu não, não entendia porque que isso acontecia.</i>
10	<i>Por que quê tudo que eu aprendi eu não tava conseguindo</i>
11	<i>transmitir. Então o Ricardo comentou comigo que... pra eu tentar</i>
12	<i>recordar qual é... qual foi a condição de origem que eu fui</i>
13	<i>qualificado. Como é que o administrativo que me qualificou,</i>
14	<i>como ele me qualificou, pra eu tentar me lembrar e realmente eu</i>
15	<i>fui me lembrando que o Robby é que eu tive muito pouco</i>
16	<i>contato pessoal com ele, basicamente era contato via Internet,</i>
17	<i>mas o Robby...ele... todas as coisas que tinham que ser feitas ele</i>

A questão do modelo hierárquico trazido pelo administrativo Robby fica ainda mais clara no fragmento 2.2, quando Valdir retoma a narrativa nuclear. Considerando

o fragmento como um todo, observo claramente que a identidade na prática está destacada frente à identidade pessoal de Valdir e da identidade que ele atribui a Robby. Ao comentar seus entendimentos em relação ao que um administrativo “tem que” fazer (linhas 43,44), Valdir distancia-se da imagem de Robby como “uma pessoa chata” (linha 41) e aproxima-se do necessário para cumprir sua função. A função fica saliente perante as identidades pessoais, tais como Valdir as representa. Tal como mencionado por Wenger (ibid.) deslocamo-nos do campo da auto-imagem para o campo da identidade na prática.

Fragmento 2.2

APE 1 – VALDIR/SABINE

36	percebia. <i>Então foi aí que eu percebi que eu, na verdade, eu tinha</i>
37	<i>que ser com a minha rede administrativa recíproco como o</i>
38	<i>Robby foi. Se hoje eu sei algumas coisas básicas da função</i>
39	administrativa é porque o Robby, ele foi muito enfático em me
40	ensinar, mesmo que eu tenha, às vezes, na época, eu tinha essa
41	idéia sobre ele, que era uma pessoa chata que falava sempre a
42	mesma coisa. Hoje eu entendo porque ele fazia isso. Na verdade,
43	nem sempre o administrativo ele tem que...é...supor qual é o
44	óbvio das coisas, né? Você tem que falar como se nada fosse
45	óbvio, então, na verdade, eu vi que eu não estava sendo recíproco
46	com os administrativos na minha linha. Então, de forma que...por
47	que quê as coisas não aconteciam, por que quê a comunicação
48	era falha? Porque já começava falha a partir de mim. Certas
49	coisas eles não sabiam porque eu também não repetia o tempo
50	todo, falava uma vez...falava duas vezes...daqui a pouquinho
51	levava quinze dias para falar de novo, ou um mês para falar de
52	Novo. Não era enfático. <i>Então, deu pra perceber nesse exemplo</i>
53	<i>como é que um modelo forte opera na pessoa. E é isso.</i>

Na frequência Alice – Sabine (anexo 1, seqüência 3), Alice refere-se a uma estória que aconteceu com ela e a uma estória reportada a ela. A linha divisória entre os dois momentos nem sempre está clara, principalmente porque, na estória reportada a ela, reside o ponto, a reportabilidade de sua narrativa nuclear. No fragmento 3.1, apresento, em itálico, uma marcação sugerida da narrativa nuclear. Durante a frequência que deu origem a esse relato, eu, como ouvinte, não percebi nenhuma indicação à mudança de protagonismo. A sensação que tive, logo após a

frequentação, foi a de ter ouvido uma estória que aconteceu com Alice e com sua acompanhante simultaneamente, de que as duas tinham conversado com a menina em Nova Iguaçu. No entanto, ao rever a estrutura dos dados, percebi uma narrativa nuclear na qual Alice conta um dia que viveu em Nova Iguaçu e incluí que, ao voltar para casa com sua acompanhante, ouviu sobre uma conversa que essa teve com a menina que orientava. Tal interpretação surgiu no trecho “Isso ela me contando, né?” (linha29). Ao apresentar minha conclusão para Alice, a hipótese foi confirmada com certa surpresa por parte dela, em relação a como havia construído sua narrativa.

Fragmento 3.1

APE 1 – ALICE/SABINE – GRAVADO E TRANSCRITO

2	Vou contar um negócio agora pra vocês, né?... <i>que eu tava com</i>
3	<i>Uma pessoa me ajudando a qualificar meu setor apoio, né?</i> Ela
4	Tava vindo de Piabetá, né?... que é longe, né?... prum projeto lá
5	em Nova Iguaçu, cara! Simplesmente, a figura tinha que
6	Atravessar o Rio de Janeiro inteiro pra tá lá..... (incompreensível)
7	e depois a gente fazer reunião com a garotada. <i>E aí ela tava indo</i>
8	<i>Para lá justamente para Qualificar essa pessoa que era muito</i>
9	<i>Novinha, tinha acabado de entrar na confusão e além disso ela era</i>
10	<i>novinha, tinha dezesseis anos e tal. E fizemos nossa reunião</i>
11	<i>(incompreensível) tavamos discutindo projetos, como de</i>
12	<i>Costume. A reunião transcorreu normal né?... natural, bem... e</i>
13	<i>quando terminou a reunião a gente tava voltando pra casa,</i>
14	<i>Né?... Voltando, as meninas indo pra casa, a gente tava indo pro</i>
15	<i>Ponto de ônibus e no caminho né?... a gente na caminhada, essa</i>
16	<i>Pessoa que tava indo nessa história comigo né?... lá pra Nova</i>
17	<i>Iguaçu que vinha de Piabetá e tal, tava muito decidida né?... no</i>
18	<i>que tinha que fazer, né?...afinal de contas era uma distância</i>
19	<i>Tremenda que ela tinha que enfrentar...e aí ela foi muito clara</i>
20	<i>Assim, né?... pra essa menina, com a imagem de ir para São</i>
21	<i>Paulo, pra um Fórum de Educação que ia ter lá. E falava</i>
22	<i>Assim...”Pô, você gostaria de participar do Fórum? Você gostaria</i>
23	<i>de participar Fórum de Educação e tal, num sei que?” E a</i>
24	<i>Menina: “Ah, onde é que vai ser?” “Ah vai ser em São Paulo”.</i>
25	<i>Aí a menina: “Ah, mas eu nunca fui a São Paulo, eu pra falar a</i>
26	<i>Verdade poucas vezes eu saí daqui de Nova Iguaçu.” (risos) Que</i>
27	<i>Louco, né? (risos) Aí falou assim: “Pôxa, então, pô como é que</i>
28	<i>Você acha que dá pra ir? Você tá a fim de ir e tal, num sei que?”.</i>
29	<i>Isso ela me contando, né?. Aí, a menina falou assim: “Ah, eu tô</i>

Segundo meus diários de campo, em uma reunião posterior, discutindo o tema das virtudes, foi exposta a necessidade de adquirirmos novas habilidades de relação

para orientarmos. O trabalho de reflexão foi proposto por Andréa, em sua função de apoio do conselho. Nesse dia, em junho de 2006, discutimos se, ao observarmos virtudes em nossos colegas de equipe, não estávamos, na realidade, observando potenciais em nós mesmos. Partindo do pressuposto de que, ao observar uma virtude em outra pessoa, eu a observo a partir de meus próprios conhecimentos do que tal virtude significa (meu próprio conceito de bondade, segurança, força, etc.), começamos a contar histórias uns dos outros nas quais as virtudes que observávamos nos outros se faziam evidentes. Andréa sugeriu que as histórias que lembramos acerca dos demais são nossas histórias também, já que as co-construímos ao recontá-las, e que, se nos lembramos de coisas boas a respeito de nossos colegas, podemos aproveitar tais modelos. A idéia era não partir de uma perspectiva do que nos falta e o outro tem e sim de uma perspectiva do que temos como conjunto, por estarmos em relação com nosso grupo. Nesta oportunidade, a maneira como Alice apropriou-se da história de sua acompanhante foi lembrada e sugeriu-se que ter atenção a tais histórias compartilhadas era uma forma de aumentar nosso potencial de aprendizagem.

Dada a complexidade no protagonismo neste fragmento, sugiro a seguinte paráfrase:

Alice chega a Nova Iguaçu com uma acompanhante que tem a função de qualificar uma das meninas que mora lá. As duas fazem uma reunião na qual discutem projetos e na qual várias meninas de Nova Iguaçu estão presentes. Alice e sua acompanhante vão ao ponto de ônibus, pegam o ônibus para voltar ao Rio e começam a conversar. A acompanhante conta como foi sua conversa com a menina que foi qualificar, sobre a possibilidade de uma viagem a São Paulo. Alice fica feliz.

Retomando o observado nas narrativas anteriores, Alice parece ratificar novamente a hierarquia baseada em qualificação na qual uma pessoa com mais experiência dispõe-se a qualificar “essa pessoa que era muito novinha, tinha acabado de entrar na confusão” (linhas 8-9) e consegue bons resultados. Novamente, delinea-se uma experiência compartilhada baseada na complementação entre os que têm mais e os que têm menos experiência.

Na frequência Cláudio-Sabine (anexo 1, seqüência 4), existe uma grande orientação e uma grande avaliação que explicitam a reportabilidade da narrativa. No fragmento 4.1, Cláudio sugere que não é possível prever a influência de uma ação em

particular – um dia de inscrição para um pré-vestibular – e as conseqüências positivas que essa ação possa gerar no futuro. Antes de falar sobre o ocorrido no dia mesmo, respeitando uma seqüência de orações temporalmente conectadas, Cláudio indica em diferentes pontos o que convencionei chamar de falsa entrada na narrativa, i.e., momentos nos quais existem trechos temporalmente contínuos, intercalados com avaliações bastante extensas e que levarão a uma narrativa mais completa posteriormente. Identifico cada uma das falsas entradas com uma marcação em itálico nos fragmentos 4.1 e 4.2 como tendendo à narrativa mais completa que finaliza a estória (fragmento 4.3)

Fragmento 4.1

APE 1 – CLÁUDIO/SABINE –GRAVADO E TRANSCRITO

11	voltou pra montar. O que me chamou atenção, que hoje me
12	chama atenção, <i>é esse primeiro dia porque de todos os dias que</i>
13	eu fiz inscrição, que eu montei projeto, que eu fiz isso, isso e
14	aquilo, <i>tem muito gravado o primeiro dia do pré-vestibular, né,</i>
15	como ele...como ele se deu, né? Porque a gente trabalhava
16	muito, né, e...parecia que tinha um exército trabalhando e, mas
17	eram duas pessoas só...eu e a Viviane colando cartaz no
18	colégio...Fazendo assim a conta acho que a gente deve ter tido
19	contato com umas 3000 pessoas, talvez. Se a gente levar em
20	consideração que a gente ia em colégios a noite e que em cada
21	colégio você falava com turmas de 40, você falava com dez
22	turmas por dia, às vezes, dá pra chutar isso...isso daí. E de fato eu
23	não podia imaginar o que...que <i>daquele momento ali, daquele dia</i>
24	<i>que a gente convidou pessoas pra irem Sábado na UERJ fazer</i>
25	<i>inscrição</i> que ia surgir um projeto que ia durar 6 anos...que eu ia

Fragmento 4.2

APE 1 – CLÁUDIO /SABINE

38	por semestre. <i>E legal desse dia foi que a gente ficou o dia inteiro</i>
39	<i>com esses alunos e...a tarde inteira, vamos dizer de 10 da</i>
40	<i>manhã, pegando a manhã, até quase 3 da tarde e no final</i>
41	<i>terminou no bar, num bar em frente a UERJ, conversando sobre</i>
42	<i>um monte de coisas que nada tinha a ver com vestibular e...</i>
43	<i>algumas pessoas saíram dali, foram pra outro lugar que a gente</i>
44	<i>tinha como ponto de referência das equipes do Movimento e</i>
45	<i>tal...E hoje, até hoje, eu ainda tenho contato com 1 pessoa...com</i>

Depois de desenvolver um pouco mais o tema dos contatos, projetos, aprendizados gerados pela iniciativa do primeiro dia de inscrição do pré-vestibular com ele e com a Viviane, Cláudio sistematiza a narrativa nuclear apresentando-a com maior detalhe (fragmento 4.3).

Fragmento 4.3

APE 1 – CLÁUDIO/SABINE

126	quinto andar. É por aí. <i>A gente esperou as pessoas, é...em</i>
127	<i>determinado horário, acho que, se não me engano foi 10 da</i>
128	<i>manhã...Elas vieram. A gente explicou como que o pré-vestibular</i>
129	<i>funcionava, a gente explicou o que que era o Movimento</i>
130	<i>Humanista, explicou que aquele era um projeto que ia muito</i>
131	<i>mais além de passar no Vestibular, explicou ideologicamente,</i>
132	<i>né? Que era uma proposta de revolução mesmo, que a gente era</i>
133	<i>contra o Vestibular, que a gente tava fazendo um vestibular</i>
134	<i>apenas porque ainda era necessário, havia uma lacuna e ainda</i>
135	<i>existe essa lacuna de exclusão e tal...Mas que a gente, o nosso</i>
136	<i>sonho, era a gente num tá fazendo aquilo, porque a gente num</i>
137	<i>gosta de pré-vestibular, todo mundo tem que Ter acesso à</i>
138	<i>universidade imediato. Todo mundo tem direito a fazer isso à</i>
139	<i>hora que quiser, sem prestar vestibular. E...e fazia-se filtro que</i>
140	<i>era explicar como o pré ia funcionar e aí surgiam todas as</i>
141	<i>dúvidas dos alunos. “Mas quem é que coordena? Mas quem é</i>
142	<i>que banca? Mas ninguém vai vir aqui dar aula de graça!” e aí a</i>
143	<i>gente convidava aqueles que se interessaram em trabalhar</i>
144	<i>voluntariamente no projeto a continuar. E dava um intervalo,</i>
145	<i>uma saída mineira de fazer um “vamo tomar um café” e tal e</i>
146	<i>daqui a meia hora a gente volta com quem quiser continuar e se</i>
147	<i>inscrever. Então só se inscreveu quem retornou e aí a gente abre</i>
148	<i>um círculo...e nesse círculo a gente construía a primeira equipe.</i>
149	<i>E cabe que logo de cara Cleide entrou pra equipe,o David já era</i>
150	<i>da equipe, tava lá naquele dia, a Viviane...Tinha um outro rapaz</i>
151	<i>que, se não me engano se chamava Alexandre, mas esse sumiu</i>
152	<i>depois... Desses ficaram, muita gente ficou, mas no final, além</i>
153	<i>desse ficar, ainda ficou esse grupo que foram pro bar, pro</i>
154	<i>bar...em frente a UERJ que ela já tava fechada, já e a gente ficou</i>
155	<i>papeando sobre Movimento Humanista e a Cleide entrou pro</i>
156	<i>Movimento Humanista nesse dia. E até hoje não saiu. Tá por aí.</i>

Nesse ponto da estória, a experiência negociada aparece em termos de procedimentos práticos como em “fazia-se filtro” (linha 139). Fazer filtro é um procedimento compartilhado por todos nós – uma expressão de uso interno em nossa equipe – e, na narrativa, surge como o procedimento de explicar como o curso iria

funcionar, responder às dúvidas dos recém-chegados e dar um intervalo antes da inscrição para que aqueles que quisessem ir embora por não concordar com nossas opiniões, ideais ou formas de organização tivessem oportunidade de sair. O procedimento é descrito na ação complicadora como “uma saída mineira de fazer um ‘vamos tomar um café?’” (linha 145) para depois construir um círculo e formar a primeira equipe.

Cláudio representa seu entendimento acerca do que é ser um orientador, a partir de tal procedimento, baseada na garantia de montar equipes com aqueles que querem e de informar as pessoas em relação à em que elas estão entrando. Tal conhecimento como prática compartilhada, reitera a importância de não forçar, enganar ou iludir aqueles que entram de maneira alguma. Na narrativa, tal dimensão só pode ser compreendida em sua totalidade a partir do conhecimento prévio do que é um filtro, bem como do objetivo de Cláudio, como orientador, em transformar aquela equipe do pré em uma equipe de membros do Movimento Humanista. A ratificação do funcionamento positivo de tal mecanismo pode ser observada em “cabe que logo de cara a Cleide entrou para a equipe” (linha 149) o que parece sugerir que o cuidado em não forçar gera frutos.

Na frequência Ricardo/Sabine (anexo 1, seqüência 5), lembrando que Ricardo é o orientador de nossa equipe, orientador de todos os demais participantes, a narrativa nuclear refere-se a um momento específico em uma reunião na Argentina, seguida por uma orientação em relação às pessoas presentes e a seu momento de processo estrutural, também destacada em itálico (fragmento 5.1).

No fragmento 5.1, a narrativa nuclear está relacionada a um momento de *insight*, um “click” (linha 14), um “estalo” (linha 15) que, infere-se, aconteceu durante a reunião. Tal inferência fica facilitada quando o fluir da estória é interrompido pela pergunta “É pra contar o caso todo?” (linha 9) a que eu respondo “Pode contar” (linha 10) e Ricardo prossegue falando de sua dúvida e de como foi resolvida, incluindo assim seu insight como parte do caso que contava, parte da estória. Há uma breve colocação em relação ao resultado posterior de seu insight na prática e em seguida uma nova ligação com a narrativa nuclear em “a partir daquele projeto naquela reunião lá na Argentina” (linhas 21,22).

Fragmento 5.1

APE 1 – RICARDO/SABINE – GRAVADA E TRANSCRITA

1	<i>É...eu tava...na Argentina...há alguns anos atrás...E várias</i>
2	<i>pessoas que participavam da...da minha equipe...ou seja, várias</i>
3	<i>pessoas que eram orientadas como eu, né, por uma pessoa mais</i>
4	<i>experiente...é...tinham conseguido completar, né...é,é,é...dar um</i>
5	<i>salto estrutural, né...tinham conseguido configurar as... as suas</i>
6	<i>equipes...fazer o último passo. Eu e outras algumas pessoas não</i>
7	<i>tínhamos dado esse passo ainda...e nos sentimos bastante</i>
8	<i>pressionados a Ter que dar esse passo e não sabíamos se</i>
9	<i>estávamos preparados ou não...É pra contar o caso todo?</i>
10	<i>Pode contar (intervenção minha)</i>
11	<i>E...foi bastante interessante porque...eu tava...em dúvida se</i>
12	<i>eu...como eu e se eu ia dar o salto no próximo semestre, né?</i>
13	<i>Como é que eu ia fazer a mesma coisa que as outras pessoas</i>
14	<i>tinham feito antes. E foi bastante interessante quando deu o click</i>
15	<i>na cabeça, quando deu o estalo...dizendo que era óbvio que ia ser</i>
16	<i>feito, como ia ser feito e eu consegui construir a...uma imagem</i>
17	<i>inicial na minha cabeça que destravou...que a única coisa eram</i>
18	<i>os detalhes, mas que a decisão tinha sido tomada que sim ou sim</i>
19	<i>aquilo ia ser feito. E obviamente depois de muito trabalho,</i>
20	<i>depois de muita gente ajudando, a imagem conseguiu se</i>
21	<i>concluir...a partir daquele projeto lá naquela reunião na</i>
22	<i>Argentina. Mas foi muito duro, foi muito difícil...é como se você</i>
23	<i>tivesse...é...se atirando... numa piscina sem saber a profundidade</i>
24	<i>da piscina, sem saber direito se você sabe nadar...né?...uma</i>
25	<i>imagem é desse tipo, sem saber se a água tá congelada ou</i>
26	<i>não...mas você resolve se atirar...Você acredita que você vai se</i>
27	<i>atirar e...vai chegar lá do outro lado, né? Num vai morrer</i>
28	<i>afogado. É isso, agora eu tô vendo se eu não vou morrer</i>
29	<i>afogado.”</i>

Na interpretação sugerida, eu poderia encarar a citação “Mas foi muito duro, foi muito difícil” (linha 22) como parte da seqüência temporal ou como parte das reflexões sobre o trabalho posterior para que a imagem a que se refere Ricardo se concretizasse. Interpreto como parte do esforço posterior dada a colocação de que “a partir daquele projeto lá naquela reunião na Argentina” (linhas 21,22) a questão se resolveu.

Observo que aqui já existe um distanciamento do momento retratado, marcado a partir de um advérbio “lá” (linha 21). A retomada do fluxo narrativo em “... uma imagem desse tipo, sem saber se a água tá congelada ou não... mas você resolve se

atirar” (linhas 24-26) também é duvidosa. Considero tal reflexão parte da ação complicadora dada a referência anterior à “uma imagem inicial na minha cabeça que destravou” (linhas 16, 17) cuja explicação metafórica parece encontrar-se mais abaixo no exemplo da piscina. A imagem a que se refere Ricardo teria sido construída no momento da reunião, fato que está marcado tanto pela seqüência de orações que descrevem sua reflexão, quanto pelo adjetivo “inicial”.

No fragmento 5.1, parece existir, em termos de experiência negociada uma ratificação da experiência de participação em reuniões de planejamento. Ricardo posiciona o momento de seu *insight* como o momento em que “a partir daquele projeto lá naquela reunião na Argentina” (linhas 21-22) ele se questiona: “Como é que eu ia fazer a mesma coisa que as outras pessoas tinham feito antes”.(linhas 13-14). Assim, além de ratificar a equipe em si e a reunião como locais de aprendizado, Ricardo refere-se a outras pessoas que já tinham experimentado o “salto” (linha 12) que ele, naquele momento, estava se propondo a dar. Uma vez mais, a questão da ratificação da hierarquia da experiência surge em nosso discurso.

Na frequência Andréa/Sabine, aqui apresentada em sua versão completa no fragmento 6.1 com a marcação de suas ações complicadoras em itálico, Andréa não quis gravar sua estória que foi escrita após uma frequência presencial entre nós. A estória escrita partiu de uma sistematização feita por ela, após uma breve discussão acerca de que experiência seria importante ou poderia ser contada, para efeitos desta pesquisa.

No fragmento 6.1, existe uma breve orientação em relação ao seu estado emotivo no dia a que se refere, que poderia ser incluída como parte da narrativa nuclear (linhas 1-8) já que parece estar reconstruindo seus pensamentos no dia específico a que se refere. Para efeitos desta análise, opto por marcar a entrada da narrativa quando Andréa claramente começa a referir-se a como se sentia (linha 8). Nessa estória, mas longamente que na frequência com Ricardo, existe claramente uma narrativa nuclear que se refere a conteúdos internos, ou seja, pensamentos, sentimentos e observações reflexivas que seguem uma seqüência temporal. A reportabilidade da narrativa reside na possibilidade de reverter um clima ou uma “situação interna” (linha 17).

Fragmento 6.1

APE 1 – ANDRÉA/SABINE – POR ESCRITO

1	Era mais uma atividade, com um monte de gente, onde eu
2	deveria dar o tom, o ânimo. Ah, mas e os hormônios? O que
3	fazer quando a TPM te faz querer matar um e vc tem que ser uma
4	referência de bom humor e calidez? Bom, o fato é que eu podia
5	não ir...Mas essa possibilidade parecia ser pior do que ir. Afinal,
6	era uma atividade para a qual meus pares haviam se preparado
7	muito tempo, mobilizado seus grupos, e eu havia trabalhado
8	bastante para o evento. <i>Me sentia com um registro de injustiça</i>
9	<i>muito grande, indignada contra a natureza, mal dizendo minha</i>
10	<i>condição, claro, fazia parte do clima. Algo tinha que fazer. Então</i>
11	<i>pedi ajuda ao meu guia interno, que me trouxesse a paz</i>
12	<i>necessária, a sabedoria e a força para superar o climaço.</i>
13	<i>imediatamente, como se abrisse uma caixinha, um conjunto de</i>
14	<i>imagens carregadas de significado começaram a aparecer em</i>
15	<i>minha mente, evocando registros de alegria, de entusiasmo....</i>
16	<i>então, fui para a atividade, cheia de ânimo, tudo correu muito</i>
17	<i>bem e vi que a decisão de estar nesta ou naquela situação interna</i>
18	é nossa, que mesmo submetidos a um clima interno infernal,
19	podemos superar isso com a conexão com o profundo, não
20	aceitando as coisas mecanicamente.

A ratificação da qualificação de uma função também aparece no fragmento 6.1. Como setor apoio, responsável pela qualificação em trabalhos de autoconhecimento, Andréa narra como a utilização de uma ferramenta de desenvolvimento interno permitiu que ela fosse a uma atividade. Em termos de experiência compartilhada, a identidade na prática é construída a partir de um procedimento compartilhado por todos nós: o trabalho com o guia interno.

A ratificação de sua função parte de uma narrativa relacionada a mudanças internas, uma narrativa de reflexão, que conta procedimentos de meditação, “pedi ajuda ao meu guia interno” (linha 11) e reitera a questão de como os trabalhos de autoconhecimento, pelas quais ela é responsável, podem ajudar a nos preparar para uma atividade. Assim, uma vez, mais a experiência negociada reconhece a importância de sua função, a partir de um exemplo de sua própria vida.

Após realizar as frequentações que deram origem a APE 1, registrei também um momento de aprendizado meu que pudesse ser compartilhado com os demais participantes. Minha versão da APE 1 a princípio não seria analisada. No entanto, optei por incluí-la também neste capítulo por considerar um exercício interessante de

auto-reflexão, por demonstrar uma parte importante de nosso trabalho para o entendimento e para ser coerente com a proposta de incluir a todos. Considerei que a não-análise de minha estória poderia ser uma forma de exclusão, de posicionar-me fora do processo.

Em minha estória (anexo 1, seqüência 7), encontrei dois momentos interligados que poderiam ser vistos como duas narrativas nucleares. O primeiro momento discriminado em itálico e o segundo momento em fonte sublinhada. A estória já havia sido gravada em outro momento por Rodrigo Alípio Nascimento, também pesquisador na área da Lingüística e membro do Movimento Humanista, que, observando minha estruturação da narrativa, ao retornar os dados, chamou atenção para a minha dificuldade em ser direta. Posso dizer que o simples fato de realizar a marcação nesta primeira fase de minha análise, em um recontar que foi feito por escrito, levou-me a repensar outros momentos em que utilizei estórias para exemplificar aprendizagens e transmiti-las. Ainda que, na estória trabalhada aqui, as duas narrativas nucleares sigam o fluxo temporal dos acontecimentos por mim reconstruídos, estive mais atenta à minha tendência a não ser direta e como isso poderia prejudicar minha comunicação com meus orientados. Foi um primeiro entendimento.

No fragmento 7.1, a primeira narrativa nuclear (em itálico) refere-se a uma série de eventos que serve de orientação à segunda narrativa nuclear (sublinhada). A segunda narrativa seria a narrativa principal e a primeira narrativa cumpriria somente com a função de aumentar a carga dramática do ponto da estória. Uma série de eventos desafortunados que têm sua resolução em uma roda de capoeira, o que cria um “momento mágico” (linha 59). A seqüência de ações está bastante clara no corpo da estória e eu não saberia dizer se isso pode ser visto como uma influência de meu conhecimento prévio da metodologia de análise, uma vez que a narrativa foi gerada depois de todas as outras ao preparar-me para escrever este capítulo.

Na minha narrativa nuclear, existe uma menção clara a como a organização de funções é importante para “manter o ânimo” (linha 39). Existe ainda uma relação de oposição entre o “ônibus mais legal” (linha 37) e o “nosso ônibus ferrado” (linha 40). O ônibus legal estava com funções divididas e organizadas e o ferrado não estava.

Fragmento 7.1

APE 1 – SABINE – POR ESCRITO

16	<i>SP era às 14 horas!). Então, chegamos às 6:00 em SP</i>
17	<i>(!!!!!!!!!!!!!!) e eu me joguei no chão da rodoviária, dormi</i>
18	<i>apoiada nas bolsas, fizemos uma baita confusão. Da hora da</i>
19	<i>partida dos ônibus a hora de chegada, muita coisa aconteceu: a</i>
20	<i>empresa que contratamos não tinha dois ônibus, terceirizou o</i>
21	<i>segundo ônibus que veio em péssimas condições; os motoristas</i>
22	<i>se perderam várias vezes; fazia um frio de rachar; os motoristas</i>
23	<i>declararam que não tinham sido avisados pela empresa de que</i>
24	<i>teriam que nos levar tão longe, etc. Mas a pior situação</i>
25	<i>aconteceu quando chegamos no Rio Grande do Sul, em uma</i>
26	<i>parada de caminhoneiros, para almoçar (não me lembro o nome</i>
27	<i>do lugar). O almoço era ruim, eu não tinha dinheiro, mil coisas!</i>
28	<i>Fomos tomar banho, era uma fila enorme! Foi quando</i>
29	<i>descobrimos que o ônibus mais ferrado precisaria de uma nova</i>
30	<i>correia. Meu orientador e outras pessoas que ficaram</i>
31	<i>responsáveis pelos ônibus começaram a se mobilizar para</i>
32	<i>resolver e gasta dinheiro de celular, fala com um, fala com outro,</i>
33	<i>pede ajuda! Quando vimos já era noite, um frio de rachar e</i>
34	<i>estávamos parados há seis horas. Foi quando bateu em todo</i>
35	<i>mundo um espírito de “não importa o que aconteça, temos que</i>
36	<i>ficar em um bom clima”. Eu não sei bem porque isso aconteceu.</i>
37	<i>no ônibus mais legal (eu estava no ônibus mais ferrado),</i>
38	<i>durante a viagem, as pessoas tinham organizado funções, tinha</i>
39	<i>até uma função de entretenimento, para manter o ânimo durante</i>
40	<i>a longa viagem. No nosso ônibus ferrado, não tinha muito isso,</i>
41	<i>ou se tinha (não me lembro), não foi levado a sério. Eu tentei me</i>
42	<i>animar, me colocar em uma posição de referência, pensar em</i>
43	<i>mim mesma como uma orientadora, que põe as coisas para</i>
44	<i>frente, que anima, que dá gás, mas a viagem tinha acabado</i>
45	<i>comigo e eu estava com preguiça de tomar qualquer atitude. Foi</i>
46	<i>quando, sabe-se lá porque, talvez sugestão de alguém para</i>
47	<i>melhorar o clima, um baiano pegou o berimbau, alguém</i>
48	<i>começou uma roda e eu fui me aproximando, outras pessoas</i>
49	<i>foram chegando. Quando vi, estava no meio de uma imensa roda</i>
50	<i>de capoeira e todos (à exceção de uns poucos que ficaram com a</i>
51	<i>“missão-correia”) estavam ali cantando, imitando os passos,</i>
52	<i>suando! Era uma roda, no escuro de um aterro ao lado da parada</i>
53	<i>de caminhoneiros, com umas cinquenta pessoas, dançando!</i>
54	<i>Depois, um dos paulistas começou um jogo e ele cantava:</i>
55	<i>“Quando eu fui pra Nova Iorque, visitar a minha vó, minha avó</i>
56	<i>me ensinou, a dança do chapchap...Uh dança do chapchap...” E a</i>
57	<i>cada rodada uma pessoa tinha que inventar um passo para a</i>
58	<i>“Dança do Chapchap”, enquanto todos cantavam. Eu me sentia</i>
59	<i>uma criança, foi um momento mágico, o clima era</i>
60	<i>completamente outro. Senti que pertencia aquela grupo, registrei</i>

Ainda no fragmento 7.1, observo uma menção à dificuldade que tive em “me animar, me colocar em uma posição de referência, pensar em mim mesma como uma orientadora, que põe as coisas pra frente, que anima, que dá gás” (linhas 41-44). Existe portanto uma ratificação à hierarquia baseada em funções e à função do orientador especificamente ainda que, nesse caso, não de maneira positiva. A função do orientador está colocada a partir do nível do que deveria ser ou do que se espera de um orientador, segundo meu ponto de vista.

Considerando o tema emergente da **hierarquia** em nossa comunidade de prática, em relação à nossa experiência negociada, da maneira na qual esta se apresenta no discurso, observo os seguintes pontos:

1. A construção de um vocabulário próprio relacionado a funções e procedimentos
2. A construção de uma diferenciação de funções vista como positiva
3. A construção de uma hierarquia para tais funções que é vista também como positiva e ratificada a partir do tema qualificação.
4. A ratificação de nossos âmbitos de trabalho – reunião de núcleo, reunião de planificação – como âmbitos que cumprem com funções positivas.
5. O tema qualificação aparece como o domínio de certos procedimentos de autoconhecimento e de ação no mundo.
6. A hierarquia baseada na qualificação, ou seja, está um nível acima aquele que já participa há mais tempo e me qualificou e/ou aquele que já conseguiu tem uma experiência na prática que eu não tenho.

O segundo ponto através do qual Wenger (ibid: 149,152) define a construção identitária na prática é o que chama de “*group membership*” ou “*community membership*”, resumindo o conceito na frase: “nós definimos quem somos através do familiar e do não-familiar”. O território de uma comunidade de prática é “território familiar” no qual podemos nos mover competentemente.

O primeiro elemento na construção da *community membership* é a “mutualidade do engajamento”, i.e., o fato de que aprendemos maneiras de nos engajarmos junto a outras pessoas, traduzida em uma espécie de identidade individual em relação à

comunidade. Porque cumprimos funções parciais dentro de um contexto mais amplo, porque nos vemos mutuamente engajados na prática deste contexto, desenvolvemos uma forma diferenciada de identidade individual. Para ilustrar tal fenômeno (ibid: 152):

Por exemplo, eu reporteï que entre analistas de reclamações é mais importante dar e receber ajuda do que saber de tudo por si mesmo. Isso parte de uma definição de individualidade que se diferencia de, podemos dizer, formas de individualidade em alguns círculos acadêmicos, onde o conhecimento é uma forma de poder pessoal e não saber é amplamente construído como um déficit pessoal.

Partindo das interpretações em relação a nossa experiência negociada, observo que, em nossa construção discursiva, a individualidade parece ser construída a partir do aprendizado, ou qualificação, do grupo como um todo. Existe uma conotação positiva no que chamamos internamente de “seguir a orientação”, ou seja, seguir aquilo que é dito por seu orientador e no caso dos setores apoio e administrativo, seguir aquilo que é dito pelos setores mais experientes que estão em posição de qualificá-lo. A experiência de um membro, em termos de permanência no projeto e de tempo de participação, é vista como algo valoroso a que deve recorrer-se (narrativas de Ricardo, Valdir, Alice e a minha).

Da mesma maneira, a qualificação em si (procedimentos de trabalho pessoal e de como construir projetos) é vista como algo a ser valorizado (o que aparece mais claramente nas narrativas de Andréa, Rafael e Cláudio). Os comentários positivos em relação aos âmbitos de reunião colaboram com essa visão. O que valoriza a experiência trazida pelos membros que participam há mais tempo é o fato de que estes já participaram de mais projetos, reuniões, situações de qualificação e também o fato de que já tiveram a experiência que agora tentamos reproduzir. Além disso, na narrativa de Andréa, temos a visão dos trabalhos de autoconhecimento como ferramentas voltadas para o trabalho que realizamos.

Assim, construímos um senso de individualidade baseado em quanto estamos voltados para realizar ações em direção a outros no mundo e em quanto aprendemos da experiência daqueles que nos antecederam. É valoroso ver-se como alguém que conseguiu apropriar-se da experiência de outros, mais qualificados, e colocá-la em prática a serviço do projeto. Andréa aplica uma ferramenta de trabalho pessoal,

Valdir recorre à experiência de quem o qualificou e segue a orientação de Ricardo, Cláudio recorre a procedimentos específicos de como construir equipes, Alice recorre a uma pessoa mais qualificada para ajudar alguém de sua equipe, Ricardo buscando seguir a orientação de “dar um salto” tem um *insight*, eu reitero a importância da divisão em funções e justifico o fato de não colocar minha qualificação em prática por estar cansada (mas isso não é visto como algo positivo). Mesmo na narrativa de Rafael, existe a marcação de diferenciação que o posiciona em um plano que poderia ser interpretado como mais qualificado por ter uma opinião voltada para o outro em relação ao tema da sexualidade: sua preocupação não é consigo mesmo e sim com o sofrimento de seu filho gay imaginário.

Aqui, recupero o que Wenger chama de “accountability” (ibid: 152) de um empreendimento. As formas através das quais contribuimos para a ação de uma determinada comunidade, fazem com que olhemos o mundo a partir de uma perspectiva particular.

Isso não significa que todos os membros de uma comunidade vejam o mundo da mesma maneira. No entanto, uma identidade nesse sentido manifesta-se como uma tendência a criar certas interpretações, engajar-se em certas ações, fazer certas escolhas, valorizar certas experiências (ibid: 153).

No caso de nossa equipe, a tendência discursiva parece ser a de valorizar atividades em direção a outros e atitudes que permitam aportar ao projeto maior de construção de equipes e qualificação dos membros de tais equipes. A (re) criação e análise de nossas histórias permitem explicitar a “negociabilidade de um repertório” (ibid: 153), ou seja, negociar discursivamente de que maneiras nossa individualidade relaciona-se com os procedimentos específicos do Movimento Humanista. Observo que explicitamos a questão da qualificação em diferentes momentos, direta e indiretamente, como parte importante de tal repertório, resignificando nossas experiências a partir de como entendemos nossa qualificação e dos demais membros.

O terceiro elemento de uma identidade na prática trazido por Wenger é o da “trajetória” (ibid: 153-155) que é entendida como temporal, como um aprendizado construído ao longo do tempo e que não corresponde a uma direção fixa e previsível e sim a momentos observáveis a cada passo da atividade da comunidade. Em nossas narrativas, construímos uma perspectiva temporal de “trajetórias de *insider*”, i.e., da

formação da identidade que não está concluída quando alguém se torna membro efetivo. Segue construindo-se e reconstruindo-se na medida em que novas atividades, desafios, eventos, surgem na trajetória pessoal, tal como esta é construída nas narrativas. Considerando que todos os participantes desta pesquisa têm pelo menos três anos de participação no Movimento Humanista, alguns chegando a ter dezoito anos de participação, observo que, em geral, nos representamos como aprendizes frente a novas situações. Ainda que algumas narrativas remontem a estágios iniciais de sua participação, a necessidade mesma de uma trajetória de qualificação faz-se presente. É essencial para a maneira como construímos nossas narrativas compreendermos que fazemos parte de uma trajetória baseada na ação voltada para outros, na ação que reproduz a qualificação, na implementação das ferramentas que aprendemos ao sermos qualificados.

O quarto elemento da identidade na prática é o Wenger chama de “*nexus of multimembership*” (ibid: 158-161) e está relacionado à maneira como as identidades construídas dentro e fora da comunidade de prática em questão relacionam-se. Optei por manter a expressão em inglês ao longo do texto por não encontrar uma tradução que me parecesse transmitir em essência seu significado. Participamos de mais de uma comunidade de prática e nos relacionamos com outros em diferentes âmbitos de nossa vida. Para cada sistema de relações existe um sistema identitário construído e reconstruído com base em diferentes trajetórias, i. e., “ser uma pessoa requer algum trabalho para reconciliar nossas diferentes formas de *membership*”. Esse processo de reconciliação não é necessariamente harmonioso. “A experiência de *multimembership* pode requerer a reconciliação de um *nexus* que é único e, portanto, muito pessoal”.

Da mesma maneira, ao colocar como quinto elemento a questão da relação entre o local e o global (ibid: 161-163), Wenger aponta à necessidade que toda comunidade de prática tem de localizar seu trabalho em um contexto mais amplo. Muitas vezes,

Nós nos juntamos não somente para nos engajarmos na realização de alguma atividade, mas também para descobrir como nosso engajamento se encaixa no esquema mais amplo das coisas.

Na narrativa de Rafael, a reconciliação de sua identidade no grupo de amigos com quem sempre joga *videogame* e sua identidade como orientador é construída

cuidadosamente em sua maneira de reportar o diálogo do qual foi parte. Tal reconciliação só é possível partindo de uma concepção do conceito de qualificação: por ser qualificado, ele consegue dar uma resposta diferenciada em uma situação fora do contexto do Movimento. Por estar inserido em uma comunidade local de prática que se refere a um “sistema de *expertise*” mais amplo, ele discute como seu engajamento atua junto a seu grupo de amigos.

Da mesma maneira, na minha narrativa, existe um impedimento para que eu me coloque como uma orientadora deveria ser no meu entendimento (incentivando os outros, dando ânimo) por conta de meu cansaço e justifico minha impossibilidade de corresponder de acordo com uma identidade que está voltada para outros, apoiando a outros, a partir do cansaço da viagem. Não se trata de dizer que o grupo aprovasse ou não tal postura, nem que o grupo exercesse de meu ponto de vista um olhar crítico frente à minha falta de atuação – isso não está expresso na narrativa em nenhum momento. No entanto, foi extremamente interessante para mim observar como senti a necessidade de justificar minha falta de atuação como orientadora no cansaço da viagem. Acredito que se trate também da dificuldade em negociar duas identidades: a da viajante e a da orientadora. Essa dificuldade me coloca em situação de não contribuir para a crença mais global de que estamos sempre voltados para os demais.

Construo, então, mais uma série de entendimentos em relação à nossa individualidade dentro da comunidade de prática equipe humanista:

1. Existe uma conotação positiva em seguir a orientação e seguir o modelo daqueles que têm mais experiência/ qualificação do que nós.
2. Existe uma conotação positiva ao negociarmos nosso repertório de procedimentos de construção de projetos sociais e de reflexão.
3. Existe uma tendência, embasada no sistema de *expertise* da equipe, a sugerir como positivo aquilo que é feito em direção a outros.
4. Existe a construção de uma trajetória de aprendizado, com a qual se identifica o conceito de qualificação: crescemos em qualificação e crescemos em aprendizado. Tal qualificação é a proposta por nossas práticas de reflexão e procedimentos de ação no mundo e os modelos

gerados por aqueles que têm mais experiência que nós são altamente valorizados pelo grupo.

Ao ler as histórias em sua versão completa, percebo que muita informação relacionada à construção de tal *nexus of multimembership* está incluída em elementos não considerados até aqui, elementos esses que estão fora do que delimiti como ações complicadoras. Passarei, então, a analisar os demais elementos da narrativa, com atenção especial à estrutura avaliativa dos textos, em busca desse lugar onde diferentes identidades são expressas discursivamente.

4.2

Segunda Etapa: Estrutura Avaliativa

4.2.1

A história de Rafael

Ao iniciar esta etapa, busquei a história de Rafael para embasar a suposição de que analisar mais atentamente a estrutura avaliativa em um texto narrativo colaboraria à compreensão de nossas questões identitárias. Em minha primeira análise, observei os diferentes elementos sugeridos por Labov, e mencionados anteriormente, que não faziam parte da narrativa nuclear/ações complicadoras estudadas na Etapa 1 desta análise. Para isso observei a versão completa da história (anexo 1, seqüência 1). Segundo as definições resumidas por Bastos (2005:75), considerei o trecho inicial como um momento em que se encontram os elementos orientação (linhas 1-4) e resumo (linhas 5-6). Após a série de ações complicadoras reproduzidas em forma de um diálogo acerca do tema da homossexualidade, Rafael passa a explicitar porque sua narrativa é reportável, i.e., realiza sua avaliação do que aconteceu.

Na avaliação, Rafael utiliza-se de expressões como “muito interessante” repetida diversas vezes, “muito engraçado”, “um pouco esquisito” que indicam porque o fato dele ter se tornado referência para alguns de seus amigos tem a ver com sua qualificação como orientador. Na medida em que ele foi se tornando orientador,

foi se tornando referência para outros (linhas 46-51). Tal avaliação é complementada por uma resolução na qual representa que ele não tinha essa relação com os amigos e a relação começou a aparecer a partir de sua qualificação, o que ele avalia como “diferente” (linhas 63-65).

A partir de uma primeira análise dos elementos aqui explicitados, temos uma situação recorrente na vida de Rafael – o juntar-se para jogar videogame – na qual a relação entre os participantes – ele e seus amigos – é alterada a partir de seu processo de qualificação no Movimento Humanista. Ele representa que a medida em que foi se convertendo em um “orientador da não-violência... prática, né?” (linha 49) foi construída a referência em sua pessoa frente a amigos que não participam de nossa equipe. Assim, sua identidade na prática da comunidade, acabou por influenciar a maneira como sua identidade estava constituída em outros âmbitos. Temos aqui o *nexus of multimembership* em ação.

No entanto, ampliando a concepção do que é avaliação em uma narrativa, conforme sugestão de Labov e aplicando a sistematização proposta por Oliveira (1994: não paginado) existiriam em tal estrutura uma **avaliação externa**, na qual há uma suspensão da narrativa para que o narrador conte diretamente ao ouvinte seu ponto de vista; uma **avaliação encaixada**, na qual não existiria interrupção do fluxo das orações narrativas; **ações avaliativas**, nas quais o narrador descreve o que as pessoas fizeram ao invés do que disseram e **elementos avaliativos** diversos que podem ocorrer em quaisquer pontos da narrativa, tais como intensificadores, comparativos, etc.

Ao aplicar tal concepção de estrutura secundária à estória de Rafael buscando observar as tensões entre identidade pessoal, social e coletiva (Snow, 2001), percebi que focar meu trabalho nas diferentes formas de avaliação seria altamente produtivo. Em um primeiro momento, após a orientação e o resumo, considero que Rafael introduz ações avaliativas anteriores ao uso do discurso direto, dizendo o que as pessoas fizeram ao invés do que disseram. Ainda que, logo depois de suas introduções, Rafael apresente o discurso direto dando lugar a uma avaliação encaixada, o fato de que ele apresente com segurança, utilizando-se do pretérito perfeito, a fala de seus amigos, aponta uma estratégia de construir a narrativa em

cima do que seus amigos fizeram, ou seja, caso eles não tenham falado o que ele disse que falaram, sua narrativa perde em força de reportabilidade. Como sabemos que o discurso direto é uma reconstrução, o interesse de Rafael pode estar calcado na manutenção do fluxo da narrativa, como também na necessidade de expor os dizeres de seus amigos de tal forma a não deixar dúvida em relação ao que disseram. É a observação de como as avaliações encaixadas e ações avaliativas se comportam no texto de Rafael que decido analisar todas as demais estórias observando somente a estrutura avaliativa.

Nos fragmentos apresentados a seguir, observei a seguinte marcação: avaliações externas representadas em *itálico*; avaliações encaixadas representadas através de fonte sublinhada e ações avaliativas representadas em **negrito**. Não destaquei os chamados elementos avaliativos já que estes aparecem em diferentes momentos na estória e não podem ser separados da avaliação externa, encaixada ou das ações avaliativas destacadas nos dados. Optei por comentar alguns desses elementos avaliativos (intensificadores, explicativas, etc.), citando-os na medida em que me ajudassem a compreender a carga dramática da narrativa e como esta se constituía.

No fragmento 1.4, chamam-me a atenção os “sempre” (linha 1) e “nem só” (linha 4) que garantem que aquele evento tem permanência no tempo e não se constitui somente a partir da ação de jogar videogame. Se considerarmos o grupo a que Rafael se refere como uma comunidade de prática em si, com trajetória própria, tal informação assume grande relevância, pois estaremos tratando de como uma outra comunidade de prática – o Movimento Humanista – alterou a trajetória de aprendizado do grupo do videogame. Constatamos novamente a saliência da identidade coletiva humanista na construção discursiva de Rafael.

Fragmento 1.4

FREQUENTANÇA RAFAEL/SABINE

Legenda das marcações

Avaliação Externa

Avaliação Encaixada

Ações avaliativas

6	conversa, pessoal falando sobre futuro e tal... Aí um desses meus
7	amigos falou assim: “Porra, cara, eu... eu fico pensando eu
8	velho... pô, eu fico... me vejo tendo filho. Cláudio falou “Não!”
9	E o Rafael.. O Paulinho também não falou isso. “Ah!”, falou,
10	“Eu não me vejo tendo filho” e tal... Depois, o Rafael falou:
11	“Não, eu... eu me vejo tendo filho, eu me vejo casando, vejo meu
12	futuro.” Depois o Paulinho voltou e falou: “Porra, uma coisa que
13	é... que ia me bater muito seria se o meu filho fosse gay, pô, ia
14	ser muito difícil” e tal. Aí o Rafael virou e falou: “ Pô, com
15	certeza seria muito difícil”. Aí tinha um outro amigo também na
16	sala e falou: “ Pô, eu também acho, acho que seria muito
17	difícil ”. Aí, eu comentei... falei: “Ah pra mim não seria muito
18	difícil não porque...é... eu não teria muita dificuldade, o... o
19	maior problema seria que... seria ele, porque ele ia sofrer o
20	preconceito, mas por mim não teria muito problema”. E aí,
21	esse amigo, Daniel, falou : “Ah, não, é com certeza, pra mim
22	também a maior dificuldade é porque meu filho ia sofrer
23	muito, eu ia sofrer com ele” e tal. <i>E aí, nesse dia aconteceu</i>

Quanto à construção de avaliações encaixadas mediante o uso do discurso direto, Rafael apresenta a primeira opinião como algo que ia “bater muito” (linha 13) e ser “muito difícil” (linha 14). Considero o próprio verbo “bater” uma forma de avaliação, interpretando-o como algo que afeta profundamente e, provavelmente, de maneira negativa. A reiteração da opinião vem seguida de “com certeza” e “muito difícil” (linha 15). A terceira opinião é precedida por “também” (linha 16) e “muito difícil” (linhas 16-17). Quando Rafael apresenta seu ponto de vista diferenciado recupera o “muito difícil” (linhas 17-18) e insere uma explicativa “porque” (linha 18) seguida de um superlativo “maior” (linha 19). Quando Daniel reitera a opinião de Rafael, utiliza-se do “com certeza” (linha 21), do “também” (linha 22) e do superlativo “maior” (linha 22).

Rafael apresenta o que cada amigo “falou” utilizando-se da avaliação encaixada: o discurso direto tem um papel fundamental na interpretação identitária nesse discurso. Ao reportar diretamente a mim o que torna essa estória interessante, avaliação externa, Rafael começa dizendo “nesse dia aconteceu uma coisa muito interessante” (linhas 23 e 24) e em seguida, constrói seu discurso com base no que os outros fizeram e o que ele observou. Assim, constrói um movimento discursivo da avaliação externa à ação avaliativa. Na ação avaliativa, a maneira a partir da qual o

narrador escolhe rever as ações dos demais participantes é uma avaliação em si do ocorrido.

Rafael indica que, a partir de um questionamento que “até foi no dia, esse do videogame” (linha 37), um amigo seu – Daniel - começou a vê-lo como referência e isso está indicado justamente pelo fato de que Daniel “depois começou a fazer várias perguntas” (linha 29). A estória não respeita a ordem cronológica dos fatos a partir dessa declaração, sendo tal ordem sugerida tão somente pela retomada na linha 37 da referência ao dia do videogame. A necessidade de referir-se a momento que transcendem o escopo da narrativa nuclear parece encontrar eco na linha 44: “e isso parece que vai acontecendo aos poucos, né?”. A **noção de processo** dada pelas ações avaliativas – a descrição das ações de Daniel – indica uma referência construída no tempo, uma trajetória de aprendizagem construída discursivamente.

No trecho seguinte da estória, Rafael utiliza-se do advérbio “muito” (linhas 24 e 28) para reforçar porque sua narrativa é reportável, porque ela é, em suas palavras “interessante”. Indica a partir do uso de “meio” (linha 25) que outro amigo seu teria se posicionado sem tanta confiança em relação ao tema já que não era inteiramente contra, mas achava “absurdo” (linha 26) ter um filho gay. Considerando a importância do tema confiança, o uso de “meio” enfatiza o valor da aceitação de Daniel. Daniel expressou-se com confiança, com certeza.

Além disso, Rafael utiliza-se de “várias outras perguntas” (linha 29) e “vários outros momentos” (linha 30) para demonstrar como Daniel passou a considerar sua opinião. Daniel passa a perguntar “muito algumas” (linha 31) coisas e a partir daí Rafael exemplifica que tipos de coisas eram. Não eram quaisquer tipos de coisa: o “algumas” refere-se a coisas específicas que Rafael começa a elencar. Eram coisas relacionadas à política e o “tanto dinheiro” (linha 34) – referindo-se ao gasto por César Maia - pode indicar uma postura crítica de Daniel que busca embasamento na resposta de Rafael. Eram perguntas relacionadas a como ele se sentia, porque se sentia “frustrado” (linha 36), bem como perguntas em relação ao próprio funcionamento do universo. As perguntas exemplificadas sugerem um amplo escopo de assuntos para os quais Rafael tornou-se referência. Assim, podemos inferir que o

tipo de referência de consulta a que Rafael faz menção é uma referência para a vida como um todo, não só para âmbitos de transformação social, baseada na confiança.

Fragmento 1.5

FREQUENTAÇÃO RAFAEL/SABINE

Legenda das marcações

Avaliação Externa

Avaliação Encaixada

Ações avaliativas

23	<u>muito, eu ia sofrer com ele</u> ” e tal. <i>E aí, nesse dia aconteceu</i>
24	<i>uma coisa muito interessante, né?</i> . Houve uma discussão
25	depois sobre isso, o outro Rafael era meio contra, achava que
26	era um absurdo um homem...um filho ser gay e tal. Ele
27	ach...achou que...eu ia...queria que meu filho fosse gay,
28	mas...ai... <i>uma coisa que eu achei muito interessante nesse dia</i>
29	<i>foi que o Daniel depois começou a me fazer varias outras</i>
30	perguntas e... e percebi depois em vários outros momentos que
31	ele começava a me... ele me perguntava muito algumas coisa
32	assim, ele queria saber de mim porque que...quê que eu
33	achava...por qual motivo as pessoas viravam...porém depois quis
34	saber o que quê eu achava do César Maia investir tanto
35	dinheiro no Pan-americano. Depois ele queria saber porque que
36	ele se sentia frustrado quando jogava videogame e perdia. E
37	isso... isso até foi no dia, esse do videogame... E teve um outro
38	dia ele me parou para perguntar uma outra coisa super boba,
39	queria saber quantas dimensões existiam e eu acho muito
40	<i>engraçado porque eu vi que para ele, isso eu percebi com</i>
41	<i>algumas outras pessoas também, fui virando meio que uma</i>
42	<i>referencia, uma pessoa a quem perguntar as coisas quando</i>
43	<i>tem alguma dúvida, alguma coisa que ele quer saber. E... e</i>
44	<i>isso parece que vai acontecendo aos poucos, né?</i> Depois...

Rafael classifica o terceiro exemplo de questionamento por parte de Daniel como uma coisa “super boba” (linha 38) o que poderia ser interpretado tanto a partir de sua superioridade me relação a ele, quanto em relação a sua surpresa diante dos questionamentos. Rafael começa a ampliar seu escopo de exemplos de pessoas que se tornaram referenciadas nele colocando que é “muito engraçado” (linhas 39-40) o processo que ele percebeu com “algumas” (linha 41) pessoas “também” (linha 41) e modaliza sua conclusão dizendo que “meio que” (linha 41) virou uma referência.

A ordenação da trajetória de aprendizado no tempo está indicada pelos elementos avaliativos. Rafael indica que é um processo ao utilizar-se de “aos poucos” (linha 44). Reforça o fato de que já existia uma relação anterior com Daniel com “sempre”, “muito tempo” (linha 45) e “há maior tempão, né?” (linha 46). Dessa maneira, reforça a existência de uma relação prévia, baseada em outra comunidade de prática, que se transformou na medida em que sua identidade coletiva ganhou saliência perante sua identidade pessoal e coletiva. Ao utilizar-se da conjunção “depois” (linha 46) ordena mais uma vez o processo indicando que existe um antes de entrar para o Movimento. Enfatiza ainda que a qualificação que recebeu só tem sentido ao ser aplicada, segundo sua aprendizagem, já que é “prática, né?” (linha 49).

A partir do fragmento 1.6, a estória indica uma ampliação do fenômeno da referência, na qual Rafael indica que outros amigos também lhe faziam questionamentos em relação a certos temas, também o viam como uma referência. Rafael utiliza-se do advérbio “realmente” em um primeiro momento (linhas 52 e 54) para referir-se a como seus amigos observaram a função de orientador sendo construída em sua identidade pessoal. Tal colocação está relacionada ao uso de “mesmo” (linha 55), ou seja, seus amigos percebem que ele faz o que o orientador deveria realmente fazer. Seus amigos passam a reiterar, portanto, que ele está fazendo certo, o que é uma de suas preocupações indicada como tensão. Ao incluir dois nomes a mais como exemplos de amigos que observaram a mesma coisa, se utiliza de “já” (linhas 57 e 58) e parece modalizar a participação de Paulinho na experiência dizendo que percebeu “um pouco” (linha 58). Retoma o uso de “realmente” (linha 59) para dizer que não planejou ou forçou esse fenômeno: sua identidade pessoal não estava atrelada ao fenômeno que se dá na maneira em como passa a ser visto, sua identidade social. Ele se torna uma pessoa “diferente” (linha 61) e constrói algo que é “diferente” (linha 65) e “um pouco esquisito” (linha 64). Parece existir um estranhamento implícito que só é possível na trajetória de sua identidade coletiva. Existe ainda a reiteração da modalização com “um pouco” (linhas 60 e 63) e “meio que” (linha 62) que já haviam sido utilizados anteriormente.

Fragmento 1.6

FREQUENTAÇÃO RAFAEL/SABINE

Legenda das marcações

Avaliação Externa = itálico

Avaliação Encaixada = sublinhado

Ações avaliativas = negrito

45	<i>Eu... eu sempre fui...tem muito tempo que eu conheço o Daniel,</i>
46	<i>há maior tempão, né? E... e percebi depois que eu entrei pro</i>
47	<i>Movimento Humanista, que eu me tornei um orientador, que</i>
48	<i>eu fui conhecendo outras ferramentas e fui me convertendo</i>
49	<i>realmente em um orientador da não-violência... prática, né?</i>
50	<i>...percebi que ele é... que o Daniel e outras pessoas</i>
51	<i>começaram a...a... a...a...me ver como alguém que</i>
52	<i>realmente podia orientar, podia e dar sugestões, dar idéias de</i>
53	<i>como...da um...dizer como as coisas funcionam, dar</i>
54	<i>sugestões do que fazer, dar idéias realmente orientações, o</i>
55	<i>papel do orientador mesmo. E é muito engraçado porque eu</i>
56	<i>mesmo nunca me coloquei nessa posição para eles. Eles</i>
57	<i>mesmo... o Daniel, teve o Gabriel que eu já percebi, o Paulinho</i>
58	<i>também que eu já percebi um pouco. E é muito interessante</i>
59	<i>porque realmente não foi uma coisa que eu me coloquei para ser,</i>
60	<i>mas que teve uma transformação foi percebendo um pouco</i>
61	<i>...com a pessoa diferente que eu fui me transformando eu, eles</i>
62	<i>meio que me começaram a me ver como uma referência assim, o</i>
63	<i>que para mim é um pouco esquisito, né?... porque eu não</i>
64	<i>tinha essa relação antes e de repente essa relação começa a</i>
65	<i>aparecer e aí é diferente.</i>

É nesse momento em que aparece, mais claramente, na estrutura avaliativa a questão do *nexus of multimembership*. Rafael indica que conhece Daniel “há maior tempão, né?” (linha 46) e continua colocando sua avaliação externa junto a uma construção do que as pessoas fizeram, relacionada a como as pessoas o viam. Entre as linhas 55 e 63, diz que ele mesmo nunca se colocou nessa posição pra eles (linha 56) e começa a intercalar o que ele percebe, com ações que reconstrói de seus amigos. Amplia a referência para outras pessoas “teve o Gabriel” e “o Paulinho também” (linha 57). O fenômeno que me parece mais interessante é o de não concordância verbal nas linhas 59 a 62 no qual diz que “realmente não foi uma coisa que eu me coloquei pra ser, mas que teve uma transformação foi percebendo um pouco”. A falta de concordância verbal poderia ser um lapso de coerência textual, mas a utilização da

terceira pessoa no singular pode indicar que, conforme sugerido por minha marcação, Rafael intercala seu ponto de vista à reconstrução das ações de seus amigos.

Mais adiante, ele pontua que “com a pessoa diferente que eu fui me transformando eu, eles meio que começaram a me ver como uma referência assim, o que pra mim é um pouco esquisito, né?” (linhas 61-63) Novamente, a troca de sujeitos no meio da frase de “eu” para “eles” pode sugerir uma dificuldade de falar de sua transformação como algo que ele fez, sobre o qual tem responsabilidade. Na verdade, não foi ele e sim seus amigos que começaram a vê-lo de maneira diferenciada, processo que ele acha esquisito. Assim, Rafael não parece assumir a autoria dos efeitos de sua transformação, sua trajetória. Como ele mesmo coloca, ele não se colocou assim para seus amigos.

Considerando os conceitos propostos por Snow (ibid.) de identidade pessoal, social e coletiva, observo que a identidade pessoal, atribuída a si mesmo por Rafael, é a de alguém que não optou por tornar-se uma referência, ao menos não entre seus amigos. Não existe, no entanto, uma referência clara à não opção em tornar-se um orientador na estória. Observo que a utilização de verbos como “convertendo” sugerem uma participação não muito agentiva ou um processo que não está bem compreendido. O que sim existe é uma identidade pessoal que não se reconhece como agente da transformação em referência. No entanto, como narrador, Rafael constrói uma estória em que tal referência é ponto principal.

Em relação à identidade atribuída por outros ou identidade social, é justamente a de quem se converte em referência, quem passa a ser alvo de questionamentos diversos por parte de três de seus amigos, na medida em que se qualifica na metodologia da não-violência e na medida em que tal qualificação é posta em prática (linha 49). A qualificação em si faz parte de sua identidade na prática, sua identidade de membro do Movimento Humanista, membro de nossa equipe e estaria relacionada a uma identidade coletiva.

Ampliando o conceito de identidade coletiva segundo Snow (ibid: 3) observo que tal identidade não está inserida na identidade social explicitada por Rafael. Ao contrário, a identidade social que ele, até então, constrói com seus amigos, fica subjugada à identidade de orientador em formação, a tal ponto que seus amigos

começam a perceber os efeitos de sua qualificação, relacionando-se com ele de maneira diferenciada. A identidade coletiva gerada na estória também é mais fluida e transitória, é lida nas entrelinhas de suas identidades pessoal e social. Também está bastante saliente em sua identidade pessoal, na medida em que, ele diz que foi convertendo-se, viu-se parte de um processo que foi acontecendo e que resultou na transformação de como os demais o viam. Sem negar a escolha de tornar-se um orientador, ele se afasta da autoria de sua transformação, resultante de tal escolha.

Não posso avaliar a partir desse trecho discursivo as motivações de Rafael, no entanto, a observação de que apesar de que seu discurso é construído na tensão mesma entre sua identidade pessoal, social e coletiva, ele busca mostrar seu processo de aprendizagem a partir do olhar de outros. É a identidade social, construída em suas ações avaliativas, que reitera a reportabilidade de seu texto, soando como uma prova de que a qualificação tem efeitos na prática. Aqui parece operar o que Snow chama de “senso de nós compartilhado” (ibid: 3). Já observei anteriormente que parte de nossa tendência como membros do Movimento Humanista é a de valorizar a ação em direção a outros e a qualificação. Para Snow, o senso de nós compartilhado anima e mobiliza de diferentes maneiras, inclusive cognitivamente. Podemos dizer que existe uma saliência na narrativa de Rafael do ponto de vista compartilhado, mas o estudo da estrutura avaliativa permite aprofundar em como ele se reconstrói discursivamente.

Ao comparar tais observações ao trabalho de reflexão proposto pela APE 2 (anexo 2), encontrei paralelos interessantes. A APE 2 foi enviada por correio eletrônico, após a gravação que originou a APE 1. A primeira observação, já realizada quando propusemos nosso *puzzle* é a de que as tensões estão relacionadas ao que chamamos “compulsão do olhar do outro”, ou seja, à identidade social segundo o ponto de vista de quem se observa: o que acreditamos que os demais sentem ou pensam em relação a nós.

No início de sua reflexão, Rafael refere-se a um “medo de orientar as pessoas de forma errada” (linhas 3-4) e assim perder a confiança dessas pessoas. Considerando que a identidade coletiva saliente em sua estória é justamente o que proporciona a transformação em sua identidade social, podemos alinhar sua primeira tensão à reconstrução do fato. Rafael constrói uma maneira de dizer que sua trajetória

está tendo efeitos positivos, i.e., ele está se convertendo em referência na medida em que se converte em orientador. A narrativa, portanto, poderia cumprir a função de reafirmar um jeito certo de ser orientador, trazer a ele na medida em que ressignifica o evento certa segurança em relação a sua identidade.

Rafael menciona também “o lance de às vezes se achar fodão por participar do Movimento Humanista” (linhas 6-7). Como o trabalho pede que ele reflita acerca de tensões e climas, podemos inferir que ele não vê utilidade neste tipo de pensamento, mas reconhece essa tendência em sua conformação identitária. A tendência não faz parte de sua trajetória, pois acontece “às vezes”, segundo sua colocação. Considerando sua estória, posso inferir que, se considerar superior é uma tendência ocasional observada por ele, colocar-se superior em relação aos amigos por ter uma opinião diferenciada em relação à sexualidade pode estar mais relacionado a tal tendência do que à colocação em prática de uma qualificação que venha recebendo. O que me chama mais atenção, nesse sentido, é a forma como o discurso direto nivela a participação dos demais personagens, na medida em que as frases ditas por eles são extremamente semelhantes. Tanto às frases que indicam a opinião negativa quanto ao fato de ter um filho *gay*, quanto à frase que indica que Daniel seguiu a opinião de Rafael são cópias quase bipolares de duas vertentes: a dos contra e a dos humanizados. Quem traz a humanização é Rafael e, ao ouvir pela primeira vez a estória, minha impressão foi a de que Daniel copiou a opinião de Rafael, justificada pela semelhança do discurso.

Ao apresentar tal análise para Rafael, ele comentou que não se reconhecia fazendo isso, que não tinha observado em momento algum a forma como se utilizava o discurso direto. A análise foi comentada com outros participantes também, em diferentes momentos, e iniciou-se um debate em relação à importância de reconhecer o que construímos discursivamente, em conversas paralelas ao estudo. Efeito semelhante aconteceu com as demais análises, criando uma certa consciência lingüística ao longo do processo.

No fragmento 8.1, Rafael comenta acerca da preocupação em ser visto como maluco em um primeiro momento de sua participação no Movimento o que o teria levado a desenvolver a estratégia na qual “falava do movimento com algumas pessoas

como se fosse um negocinho ali que eu fazia de vez em quando, sem muita importância” (linhas 10-11).

Fragmento 8.1

ANÁLISE DA SITUAÇÃO, TENSÕES E CLIMAS - RAFAEL

7	participar do movimento humanista, heh. Houve uma época que
8	eu tinha a preocupação dos outros acharem que eu era meio
9	maluco por participar desse movimento. Hoje em dia isso não me
10	acontece não, mas antes eu falava do movimento com algumas
11	pessoas como se fosse um negocinho ali que eu fazia de vez em
12	quando, sem muita importância. As vezes tudo parece muito

Sua estória também se refere a um momento inicial de sua participação na comunidade. Conversando acerca da estória, lembramos que, na verdade, essa estória já havia sido contada em Julho de 2005, quando, em uma reunião de planificação, eu, Rafael e mais uma participante da equipe na época estávamos intercambiando acerca de como se dava nossa influência com amigos, como não era uma coisa forçada e sim parte do processo de qualificação.

A estratégia de posicionar-se na estória como alguém que não se colocou para seus amigos como referência, alguém que foi convertendo-se em referência, pode ser entendida como a visão de que se tornar referência é uma consequência quase natural de ser um orientador em formação. Relacionar tal perspectiva ao posicionamento de falar do Movimento como uma coisa ocasional, sem importância, reiteraria a sua identidade pessoal como a de alguém que não se forçou como referência, alguém que, por ser qualificado, naturalmente transformou-se em referência.

No fragmento 8.2, Rafael refere-se à dificuldade de estar envolvido nesse processo e à vontade de desistir. Coloca uma “vontade de arrumar muita grana” (linha 14) porque acha que vai resolver todos os problemas. Traz humor e/ou um certo tom irônico com a marcação “heh” comum em textos virtuais – o texto foi enviado por correio eletrônico. Como texto descritivo de suas tensões e climas, somando-se o toque de humor, Rafael não posiciona o arrumar muita grana como positivo, o que corresponde à tendência discursiva do grupo de valorizar o que é feito em direção a outros.

Fragmento 8.2

ANÁLISE DA SITUAÇÃO, TENSÕES E CLIMAS - RAFAEL

12	quando, sem muita importância. As vezes tudo parece muito
13	difícil, e tenho vontade de jogar tudo pro alto, largar de tudo,
14	desistir de tudo, ai dá vontade de arrumar muita grana pq acho
15	que vai resolver todos os problemas heh.

Rafael incluiu, ainda que isso não fizesse parte formalmente do trabalho de Análise da Situação, Tensões e Climatas, comentários diretos em relação ao que é para ele orientar e o que é para ele ser par. Um par, segundo vocabulário interno do Movimento, é toda pessoa orientada pelo mesmo membro que te orienta. Assim, Rafael, Alice, Andréa, Valdir, Cláudio e eu somos pares – todos orientados por Ricardo.

Observei, em relação à estória, o que Rafael considera que seja orientar, seu aprendizado. Ele se refere a procedimentos, ações, que estão incluídas em nosso sistema de *expertise*, em nossos materiais escritos, fazendo parte do que chamamos qualificação. Também são exemplificadores da tendência de ação em direção a outros. A primeira observação diz respeito à “ouvir as pessoas” (linha 17) e, voltando à estória, está fracamente representada. A função do discurso direto que pode ser entendida como estratégia para manter a fluência das orações narrativas, também poderia ser vista, partindo desta observação, como inabilidade para atender ao que cada pessoa realmente colocou no dia a que Rafael está se reportando. Ainda que consideremos que toda narrativa é uma reconstrução e não um relato fidedigno dos fatos narrados, contrapor sua visão expressa objetivamente do que é orientar à forma como seu discurso foi construído em relação a seus amigos, nos levou a refletir acerca de uma dificuldade em ouvir, um ponto a ser trabalhado. Digo nos levou porque outro participante da pesquisa chegou à mesma observação, a partir de minha análise e considerou importante que não só Rafael, como todos nós, estivéssemos mais atentos ao ouvir outras pessoas. Esse foi um entendimento compartilhado importante a partir do discurso.

Existe uma menção a “saber dizer aquilo que vai ajudar as pessoas a avançar” (linhas 19-20) e na estória o posicionamento de Rafael frente ao tema em discussão, o

homossexualismo, ocupa um papel central na dinâmica de sua trajetória de aprendizagem. Seu saber compartilhado, em forma de opinião, acerca do tema, é o que faz com que os questionamentos brotem da parte de Daniel e de outros amigos. Interpreto a partir deste conjunto de dados, que o tema da referência para Rafael é visto como alguém que se torna fonte de informações seguras, interessantes, fonte de consulta. Voltando à tensão em não orientar errado, não perder a confiança das pessoas, a estória é uma trajetória de sucesso. Uma forma de reassegura-se (nos) que Rafael tem a confiança de seus amigos.

A estrutura avaliativa parece seguir um padrão no qual o autor da opinião intensifica, dando ênfase a seu ponto de vista. Quem reitera, utiliza-se de “com certeza” e “também” e do mesmo nível de intensidade, expresso pelo advérbio “muito”. Isso é válido tanto para aqueles que reiteram a primeira opinião, quanto para o discurso de Daniel reiterando a opinião de Rafael. As duas diferenças mais importantes, a meu ver, entre a primeira opinião e a de Rafael são: a) sua opinião vem seguida de uma explicativa, ou seja, aprofundada, desenvolvida e b) sua opinião vem precedida de um superlativo, ou seja, destacada dentre variações possíveis da opinião anterior. Desta maneira, a opinião de Rafael destaca-se no texto, não somente de maneira temática pela interpretação de que aquela é menos preconceituosa, mas através dos marcadores lingüísticos avaliativos utilizados por ele. Quando Daniel corrobora o ponto de vista de Rafael, no entanto, não existe mais a explicação acerca do porque de sua aceitação. Isso enfatiza a idéia de que a opinião foi copiada na íntegra, por assim dizer, bem como uma aceitação implícita do argumento que Rafael utilizou para justificar sua opinião.

A modalização na parte final da estória pode ser interpretada de várias maneiras. Antes de qualquer coisa, é um recurso altamente sofisticado e que, a meu ver, contribui com a veracidade construída no texto. Ao enfatizar a mudança e a perspectiva de seus amigos, entremeada com uma postura incerta em relação a certos aspectos, Rafael parece estar realmente indicando que sua interpretação não é a única possível, o que faz com que ouvi-lo seja mais fácil, bem como aceitar seu ponto de vista. Modalizar passa a ser então uma maneira de negociar a sua interpretação dos fatos: na medida em que ele diz claramente que Daniel reagiu a sua qualificação,

poderíamos considerá-lo parcial ao extremo. Ao dizer que outros assumiram posturas intermediárias, ele facilita nossa aceitação do fenômeno que resignificou.

O “de repente” (linha 24 – APE2 – anexo 2) referindo-se à relação nova que começa a aparecer poderia sugerir uma discrepância entre a visão processual proposta até então e a sugestão de que se tornar referência aconteceu de maneira abrupta. Interpreto esse trecho a partir da lógica da conclusão da narrativa: se o objetivo desta colocação é resumir o ponto da narrativa e o que a torna reportável é o fato de que ele percebeu que ao qualificar-se a relação de seus amigos com ele se modificou, então o de repente pode estar dando ênfase a esse descobrimento. Ele descobriu de repente uma coisa que já vinha se processando há certo tempo. O momento de descoberta pode ter sido, inclusive, o próprio ato de recontar a estória, organizando sua trajetória de aprendizado.

Da análise da estrutura avaliativa na estória de Rafael, recuperei diferentes pontos de tensão identitária que foram retornados a ele e geraram outros entendimentos. Surge o tema da compensação: estariam nossas estórias compensando tensões e climas que nós mesmos indicamos na APE 2 e cumprindo com a função de assegurar-nos de que estamos seguindo uma trajetória evolutiva de aprendizagem? A análise preliminar havia gerado muitos outros entendimentos compartilhados e passei a analisar as demais estórias com um olhar específico sobre a estrutura avaliativa de cada uma delas.

4.2.2

A estória de Valdir

Da mesma maneira que na estória de Rafael, comecei identificando as avaliações externas, encaixadas e ações avaliativas, considerando diferentes elementos avaliativos de acordo com sua relevância para a compreensão da carga dramática da estória. A primeira observação que fiz foi a de que a estória de Valdir (anexo 1, seqüência 2) está organizada, observando sua estrutura secundária avaliativa, de maneira mais explícita do que a de Rafael, já que quase toda avaliação é feita de maneira externa, interrompendo o fluxo da narrativa e indicando claramente o

ponto do fato narrado. Outra questão interessante, mencionada anteriormente, é a de que, dentro da narrativa nuclear, referente à reunião, parece existir uma segunda narrativa, uma narrativa interna, que reconstrói os passos a partir dos quais, na reunião, Valdir foi relembrando a maneira pela qual foi qualificado.

No fragmento 2.3, Valdir explicita o motivo de sua reportabilidade como o momento em que ele começou a “entender como é que os modelos operam sem que a gente perceba” (linhas 1-2).

Fragmento 2.3

FREQUENTANÇA VALDIR/SABINE

Legenda das marcações

Avaliação Externa

Avaliação Encaixada

Ações avaliativas

1	Bom, é...há alguns anos atrás <i>eu comecei a entender como é que</i>
2	<i>os modelos operam sem que a gente perceba...</i> Eu numa reunião
3	de núcleo com o meu orientador, a gente tava conversando sobre
4	porque <i>quê</i> algumas tarefas específicas da função administrativa
5	que outras pessoas na rede tavam tendo dificuldade de fazer e....
6	eu dizia que... comentava que eu informava as pessoas que elas
7	tinham que fazer, que eram as coisas mínimas da função
8	Administrativa e ainda sim a coisa não fazia . <i>Aí essa era uma</i>
9	<i>coisa que eu não, não entendia porque que isso acontecia.</i>
10	<i>Por que <i>quê</i> tudo que eu aprendi eu não tava conseguindo</i>
11	<i>transmitir</i> . Então o Ricardo comentou comigo que... pra eu tentar
12	recordar qual é... qual foi a condição de origem que eu fui
13	qualificado. Como é que o administrativo que me qualificou,
14	como ele me qualificou, pra eu tentar me lembrar e realmente eu
15	fui me lembrando que o Robby é que eu tive muito pouco
16	contato pessoal com ele, basicamente era contato via Internet,

A compreensão de Valdir é construída a partir de uma ação avaliativa na qual coloca os administrativos que qualifica como pessoas que “tavam tendo dificuldade de fazer” (linha 5), certas “coisas mínimas da função” (linha 7). Ele diz que tais pessoas são membros da “rede” (linha 5). Em nosso vocabulário interno, existem três redes: a rede estrutural, formada pelos orientadores; a rede apoio e a rede administrativa. A rede é o conjunto de membros que se conectam a partir de laços de

qualificação. Valdir como administrativo de Ricardo é parte da rede tendo sido qualificado pelo administrativo da orientadora de Ricardo e qualificando os administrativos dos orientados de Ricardo. Assim, as redes seguem as linhas de orientação em termos de qualificação. As redes seguem orientação o que já foi observado como positivo em análises anteriores de nosso discurso.

Valdir reforça este aspecto com “algumas” tarefas que são “específicas” (linha 4) e com o fato de que essas tarefas são “coisas mínimas” (linha 7) uma escala de valor para as coisas que os administrativos não conseguem fazer. Ao dizer que “ainda sim a coisa não fazia” (linha 8), Valdir refere-se ainda às coisas mínimas da função que os administrativos que ele deveria qualificar não faziam, ainda que ele informasse a eles o que deveria ser feito.

A presença de “ainda sim” (linha 8), considerando o sim uma abreviação de assim presente no discurso oral, sugere uma representação na qual “informar” não é o suficiente para mobilizar as pessoas. Ele não entende porque isso acontece, assim como não entende porque não consegue transmitir “tudo” (linha 10) que ele aprendeu. Interpreto que esse tudo não está se referindo à totalidade do aprendizado de Valdir e sim a quanto ele aprendeu exercendo sua função. Antes de formular uma paráfrase como: Valdir informa que não consegue transmitir tudo, interpreto “tudo” como um intensificador, que tem a função de reiterar que ele aprendeu muita coisa, um uso que também pode ser observado no discurso oral.

Assim, Valdir parece não ter dúvidas em relação à sua própria qualificação, pois aprendeu muita coisa. Seu problema parece ser uma questão de metodologia para qualificar a outros, um problema sério considerando a tendência presente em nosso discurso de valorizar a ação em direção a outros. Digo que é uma questão de procedimento, pois Valdir constrói uma perspectiva na qual “informar” – procedimento utilizado até então – não garante que as pessoas façam nem as coisas mínimas, mesmo que ele domine os tais procedimentos, bem como coisas mais amplas relacionadas à função, implícitas em seu “tudo”.

Segundo o observado no fragmento 2.3, é pré-requisito para que compreendamos o problema que Valdir observar que posiciona os membros da rede como pessoas que não fazem o que deve ser feito. Esse é o fenômeno que ele não

compreende, que não sabe porque acontece, ou como ele mesmo avalia: “Porque que tudo o que eu aprendi eu não tava conseguindo transmitir” (linhas 10-11) Assim, temos uma primeira interpretação de sua identidade como administrativo baseada na ação de transmitir o que aprendeu e com a expectativa de que quem se qualifica faça certas “coisas mínimas”. Aqui, sua identidade pessoal não concorda com o que ele compreende que sua identidade coletiva de administrativo humanista requer dele. Ele posiciona-se como alguém que não cumpre com um dos requisitos de sua função e não entende porque. A identidade social, a maneira como ele é visto por outros, é justamente o que o intriga: parece considerar que sua individualidade no Movimento Humanista não está se expressando de maneira adequada por não atender às expectativas de resultado de sua função de qualificador.

É interessante observar que o problema, ainda que se baseie em como ele é visto, é um problema de como fazer sua ação estar voltada para que outros ajam, ou seja, ele não explicita nenhuma preocupação com a opinião que os demais formam dele, mas sim com o porquê de sua ação não gerar ações em outros. É uma questão voltada para a identidade na prática, a identidade que deve ser funcional para nossa comunidade de prática e que ele identifica como não sendo.

Interpreto no fragmento 2.3 o período “Então Ricardo comentou comigo que...” (linha 11) como ação avaliativa, pois, reconstruindo a trajetória de aprendizado, Valdir posiciona Ricardo como aquele que traz a reflexão, que abre caminho para suas conclusões em relação a modelos. Não temos como saber se, no dia em questão, foi realmente uma frase, um pedido de Ricardo, já que, sendo uma reunião de núcleo, Andréa também estava presente, o fato que propiciou seu flashback reflexivo acerca de sua relação com quem o qualificou. Pode ter sido uma discussão, pode não ter sido elaborado como um pedido claro, pode Ter sido puxado a partir de um texto. O interessante é que existe uma reconstrução discursiva que indica Ricardo também como referência para consulta, da mesma maneira que Rafael a compreende frente a seus amigos, sendo que, no caso de Valdir, a proposta de Ricardo é um caminho para a resignificação de sua identidade pessoal/coletiva, sua identidade na prática.

Existe portanto a construção de um orientador como alguém que indica procedimentos para a reflexão. O orientador como um guia para a reflexão e não como alguém que fornece procedimentos para a resolução de problemas do cotidiano das funções. No texto, a referência clara está no orientador, ainda que o caminho de reflexão possa ter surgido em um debate ou já fazer parte de um trabalho para o entendimento pré-construído por Valdir. Valdir indica que “realmente” (linha 14) a partir da sugestão de Ricardo, ele “foi se lembrando” (linha 15). Considero o realmente uma reiteração da importância da reflexão, do acerto de Ricardo ao sugerir tal reflexão. Realmente, Valdir observa coisas ao repensar sua qualificação que são interessantes em sua busca pelo entendimento. Considero a utilização do gerundismo em “fui me lembrando” (linha 15) uma marcação avaliativa importante, no sentido de que indica que o relembrar-se foi um processo ao longo de um determinado tempo.

Ainda no fragmento 2.3, Valdir introduz ainda uma questão não explorada em suas compreensões posteriores: o fato de que Robby não tinha muito contato pessoal com ele. Robby é chileno e, portanto, grande parte de seu contato com todos os membros de nossa equipe acontecia “basicamente” (linha 16) pela Internet. É interessante observar que Valdir não examina a possibilidade de que, estando distante, o procedimento aplicado por Robby tenha um peso bastante diferente do procedimento que ele aplica estando próximo dos setores que qualifica, quase todos brasileiros, presentes em reuniões quinzenais ou semanais de rede.

Já no fragmento 2.4, Valdir realiza uma ação avaliativa em relação a como Robby agia e começa, a partir daí a traçar um perfil de Robby. Robby é visto primordialmente ao longo do discurso como uma pessoa que repetia muito o que devia ser feito, “repetia quinhentas vezes” (linha 18). Valdir posiciona-se em relação ao desconforto que sentia com a metodologia de qualificação utilizada por Robby. Suas repetições davam a entender que Robby o via como se ele fosse um “retardado” (linha 18). Valdir ainda avalia externamente, falando diretamente comigo que na época ele “ficava muito puto, né?” (linha 19). Assim, observo que sua identidade pessoal, aquela que ele mesmo se atribui, chocou-se com a identidade social, como era visto por Robby, no processo de qualificação. Ainda em flashback, Valdir enfatiza tal ponto utilizando-se de uma avaliação interna, usando o discurso direto: “Pô,

Ricardo, o Robby me trata que nem um retardado! Toda vez ele fala a mesma coisa”.(linhas 20-21).

Desse modo, existe um conflito entre sua identidade pessoal, a identidade social que ele acredita ter (como ele acredita que Robby o veja) e a identidade coletiva. A tensão frente à identidade coletiva, que o posiciona como alguém que deve ser qualificado pelo administrativo mais experiente, expressa-se na associação que Valdir faz entre o fato de que Robby seja repetitivo e o fato de considerá-lo um retardado. O procedimento utilizado por Robby para qualificar, segundo a visão de Valdir, parece menosprezar suas qualificações prévias.

Fragmento 2.4

FREQUENTANÇA VALDIR/SABINE

Legenda das marcações

Avaliação Externa

Avaliação Encaixada

Ações avaliativas

17	mas o Robby...ele... todas as coisas que tinham que ser feitas ele
18	repetia quinhentas vezes, como se eu fosse um retardado. Eu me
19	<i>lembro na época que eu ficava muito puto, né?, e comentava</i>
20	com o Ricardo: <u>“Pô, Ricardo, o Robby me trata que nem um</u>
21	<u>retardado! Toda vez ele fala a mesma coisa.”</u> Mas é... <i>me lembro</i>
22	<i>que funcionou, né, porque...tudo que ele fazia, hoje eu faço</i>
23	<i>certinho na marca, nos prazos que tem que ser feitos, entendeu,</i>
24	<i>não furo com a passagem de dados, é, o tema do</i>

Ainda no fragmento 2.4, pode ser interessante observar a utilização de “ter que” quando Valdir detalha o procedimento de repetição de Robby no qual “todas as coisas que tinham que ser feitas” (linha 17) e ao referir-se a sua própria atividade (linha 23) no presente. Existe uma reiteração de que ele realmente aprendeu o que Robby o transmitiu, já que o que tem que ser feito, ele hoje faz. No entanto, a carga dramática associada às funções que cumpre para ser a de responsabilidades extremamente disciplinares que têm que ser feitas “certinho na marca” e a partir da descoberta de como Robby fazia para que ele as cumprisse, ele parece esperar que os

administrativos de sua linha, caso ele repita o procedimento, também cheguem a ter a mesma disciplina que ele tem.

Há ainda a questão de que ele se sentisse tratado como um “retardado” (linha 18) e chegasse a verbalizar isso a seu orientador, conforme sugerido em sua construção discursiva (linha 20). Poderia construir uma pressuposição com base na trajetória de aprendizagem estabelecida no texto de que: atingir um determinado nível de disciplina específico e mínimo da função administrativa pressupõe passar por uma qualificação na qual se repete várias vezes as obrigações e prazos para tais obrigações até transferi-las para aqueles que estão sendo qualificados. Também posso supor que a identidade pessoal e social envolvidas – como me vejo fazendo o que faço e como os outros me vêem fazendo o que faço – não são relevantes frente à enorme saliência da identidade coletiva justificada a partir de uma necessidade de precisão. Obviamente, a estória parece permitir tal interpretação, não estando em questão o fato de que Valdir tenha ou não tais crenças em relação a sua função.

No momento seguinte, Valdir reconcilia discursivamente as identidades conflitantes a partir de sua observação de que a forma de qualificação de Robby “funcionou, né?” (linha 22). A coerência temática parece ser o que permite a Valdir resignificar suas experiências de maneira positiva, atendendo ao *nexus of multimembership* expresso nas facetas de sua identidade pessoal, social e coletiva. Entendo tal coerência a partir do fato de que seu maior problema era agir de maneira a fazer com que outros administrativos agissem, i. e., construir uma identidade na prática que, ao qualificar, permitisse que os administrativos sob sua responsabilidade fizessem as “coisas mínimas” da função. Se o ponto da narrativa está relacionado à funcionalidade de sua função, o que permite a reconciliação identitária com seu processo de qualificação é justamente o fato de que aquele tenha “funcionado”. Não importa o que Robby tenha feito ou como ele tenha se sentido, o que importa é que deu resultados. Ele reitera tal conciliação a partir da constatação de que “tudo que ele fazia, hoje eu faço certinho na marca, nos prazos que tem que ser feitos, entendeu, não fuero com a passagem de dados” (linhas 22 a 24).

Nesse caso, já que Valdir começou colocando que não estava fazendo o que tinha que ser feito, ou seja, qualificar para a ação, a própria reestruturação de sua

trajetória de aprendizado parece cumprir com a função de assegurar que ele também está em processo de desenvolvimento. Ele aprendeu a fazer tudo o que Robby fazia. Valdir segue refere-se ao fato de cumprir com a data da passagem de dados como não furar (linha 24) o que é visto como uma das virtudes de seu aprendizado. Posso inferir que os administrativos que não fazem o mesmo são aqueles que furam e que estão negativamente valorados pela própria lógica interna do texto. Valdir só consegue construir discursivamente tal aprendizado baseando-se na saliência de sua identidade coletiva frente à social: mais importante do que como ele é visto por Robby é o fato de que ele agora faz o que tem que ser feito para o conjunto. Tal colocação enquadra-se na tendência de que a ação que valorizamos é a ação voltada a outros.

Em seguida, Valdir exemplifica uma ação voltada para o conjunto, o “autofinanciamento” (linha 25) e posiciona tal ação como algo relevante para todos a partir da avaliação do que os outros fizeram: “a gente teve que organizar para que a coisa acontecesse no prazo certo” (linhas 25-26). O fato de que ele e outros tivemos que organizar indica a prioridade desta ação, vista por outros também como relevante e isso só é possível a partir de uma ação avaliativa, dizendo o que os outros fizeram.

Ele volta a referir-se às atividades que espera que os administrativos realizem e que ele agora realiza como “coisas básicas” (linha 26) o que carrega ainda mais a negatividade da não-ação daqueles que estão sob sua responsabilidade. A partir daí começa a elaborar o propósito do procedimento utilizado por Robby com maior profundidade. Indica que isso era feito “porque, na verdade” (linha 29) realizar tais tarefas não é um “hábito” (linha 30). Aqui Valdir retoma uma construção lógica muito comum em nossas reuniões, parte de nosso sistema de expertise, em relação a como as atividades realizadas no Movimento Humanista não são hábitos normais do cotidiano e, portanto, tendem a requerer mais energia para serem efetivadas. Aparece, portanto, uma nova identidade do qualificador como aquele que ajuda a criar hábitos novos, que respondam as necessidades do projeto no qual o setor ou orientador desejou incluir-se.

Valdir organiza o aprendizado dizendo que o fato de que as “coisas básicas” (linha 26) estejam muito bem definidas na cabeça dele está relacionado à sua “condição de origem” (linha 28). Por condição de origem, internamente, entendemos

o momento do início de um processo. Em reuniões de avaliação muitas vezes nos detemos à análise da condição de origem de determinado projeto ou problema, pois acreditamos que as motivações, dificuldades, o contexto mesmo em que algo tem início é fundamental para a compreensão de como aquilo posteriormente se desenvolveu.

Nesse ponto, Valdir avança uma hipótese elucidadora da maneira como ele vê Robby em “ainda que ele soubesse que era uma pessoa que: ‘Ah, não, ele sabe que tem que fazer tudo isso’” (linhas 32 e 33). Poderia ter considerado todo o trecho como uma avaliação externa, dirigida a mim como ouvinte, com a intenção de descrever a personalidade de Robby que, além disso, é vista como enfática “o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo” (linhas 31 e 32) reiterando o senso de repetição como procedimento de qualificação. Ao invés de ver o trecho simplesmente como uma avaliação externa, considerando que Valdir está reorganizando o aprendizado e pulando do flashback ao que sabe nos dias de hoje, considero que existe um discurso direto que tem a função de dar fluência ao texto, propiciando que o ouvinte imagine uma cena na qual Robby, a pessoa caracterizada, pensa ou diz o período citado.

Essa construção, compreendida como discurso direto, assume especial relevância. Se partir da premissa de que Valdir iniciou um processo de conciliação identitária, na medida em que deu utilidade à forma como foi qualificado apesar de seu desconforto com a forma de Robby, nesse momento Valdir lança a hipótese de que talvez Robby não o visse como retardado. Talvez Robby simplesmente estivesse assegurando-se de que sua função fosse cumprida. É aqui que Valdir constrói em definitivo sua reconciliação. Comentei anteriormente que a individualidade expressa no discurso referia-se à funcionalidade de Valdir como alguém que qualifica para a ação. Não há em seu texto nenhuma menção à preocupação de como os administrativos que qualifica irão vê-lo: o que importa em seu questionamento é a utilidade de sua função. No entanto, é justamente a forma como ele é visto por Robby o que explica o porquê de seu desconforto com o procedimento de qualificação. Ao aventar a hipótese de que, talvez, Robby não o visse dessa maneira, carregando o personagem que descreve com a mesma preocupação com a funcionalidade e os resultados, Valdir reconcilia-se discursivamente e reforça a conciliação com o uso do

discurso direto, provendo o ouvinte de uma imagem na qual Robby pensa que pode estar exagerando por que Valdir “sabe que tem que fazer tudo isso” (linha 33).

Valdir traça a virada na maneira como Robby parecia vê-lo ao utilizar-se de “ainda que” (linha 32). Ou seja, o procedimento aplicado por Robby era o mesmo, ainda que ele não visse a pessoa que qualificava como menos capaz por algum motivo. É a partir daí que Valdir consegue alterar a perspectiva de desconforto com sua identidade social e observar o procedimento a partir de sua utilidade, distanciando-se dele. Nesse momento, já não importa o fato de que ele visse Robby como “chato” ou de que Robby o visse como “retardado”, o que importa é a eficácia do método. Valdir começa a realizar ligações entre como foi qualificado e como deve qualificar - “pra que... talvez seja” (linhas 33-34), “então, na verdade” (linha 35) - até chegar a localizar seu entendimento no momento em que realizava a reflexão na reunião de núcleo em “Então foi aí” e “na verdade” (linha 36). Porém, tais relações só sejam possíveis porque, em um momento anterior, ele considera Robby a partir de sua identidade coletiva, de pessoa interessada em qualificá-lo de uma maneira ou de outra, e não a partir de sua identidade social, de pessoa que o vê como retardado. É a identidade na prática de Robby que permite que ele supere o problema com a visão comprometida que o outro teria dele: ao ver Robby como a sua função, ele consegue entrever que Robby faria o mesmo, “ainda que” não o considerasse “retardado”.

Quando interpreto que Valdir resignifica de maneira útil à forma pela qual foi qualificado, não estou certamente entrando na questão da repetição como método adequado ou não para qualificar outras pessoas. Simplesmente pontuo que, dentro de uma realidade na qual seu problema é não ter resultados, ele é capaz de observar seu próprios resultados, refletir acerca de como tais resultados se tornaram possíveis, realinhar-se frente a um desconforto identitário e observar que o modelo deixado por Robby continua operando, conforme exposto na orientação da estória. Tampouco me parece útil entrar no tema da qualificação como “transmissão” de aprendizagens, como Valdir parece enxergá-la. Simplesmente pontuar um processo discursivo de reorganização de seu *nexus of multimembership* para que a sua trajetória de aprendizagem fosse possível. Na época ele achava que Robby era uma “pessoa chata” (linha 41) e hoje ele entende porque Robby fazia isso (linha 42).

No fragmento 2.5, Valdir sistematiza seu aprendizado em “nem sempre o administrativo ele tem que... é... supor qual é o óbvio das coisas, né? Você tem que falar como se nada fosse óbvio” (linhas 43-45) Avaliando externamente, ele identifica que não está sendo “recíproco” (linha 45) com os administrativos de sua linha. O conceito interno ao Movimento de reciprocidade é o de que aquilo que alguém fez por mim e que eu considero útil ou importante, devo levar a outros. Para nós, a reciprocidade na prática é a aplicação da regra de ouro: tratar aos demais como gostaríamos de ser tratados. Se alguém faz algo comigo ou para mim que me faz bem, gostei de ter essa oportunidade, de ser tratada dessa maneira. Devo portanto buscar dar a mesma oportunidade a outros. Considerando tal noção prática de reciprocidade, que revela uma vez mais no texto a tendência da comunidade em valorizar ações em direção a outros, Valdir concluiu que a comunicação com os outros administrativos já começava falha a partir dele (linha 48). Assume, com base na trajetória construída de aprendizado, que os administrativos não deixavam de fazer as coisas porque não queriam fazê-las ou por desorganização, mas sim porque “Certas coisas eles não sabiam” (linhas 48-49).

Fragmento 2.5

FREQUENTANÇA VALDIR/SABINE

Legenda

Avaliação Externa

Avaliação Encaixada

Ações avaliativas

43	<i>nem sempre o administrativo ele tem que...é...supor qual é o</i>
44	<i>óbvio das coisas, né? Você tem que falar como se nada fosse</i>
45	<i>óbvio, então, na verdade, eu vi que eu não estava sendo recíproco</i>
46	<i>com os administrativos na minha linha. Então, de forma que...por</i>
47	<i>que quê as coisas não aconteciam, por que quê a comunicação</i>
48	<i>era falha? Porque já começava falha a partir de mim. Certas</i>
49	<i>coisas eles não sabiam porque eu também não repetia o tempo</i>
50	<i>todo, falava uma vez...falava duas vezes...daqui a pouquinho</i>
51	<i>levava Quinze dias para falar de novo, ou um mês para falar de</i>
52	<i>novo. Não era enfático. Então, deu pra perceber nesse exemplo</i>
53	<i>como é que um modelo forte opera na pessoa. E é isso.</i>

Valdir avalia assim a ação dos demais membros da rede como ignorância do que deve ser feito e a falta de comunicação a partir do comentário de que ele “não era enfático” (linha 52). Robby era “muito enfático” (linha 39) em ensiná-lo “mesmo que” (linha 40) ele tenha “às vezes, na época” (linha 40) o considerado uma “pessoa chata que falava sempre a mesma coisa” (linhas 41-42). Se buscarmos o conceito de reciprocidade na estrutura mesma do texto, observamos que a preocupação inicial de Valdir, com a forma como Robby supostamente o via, não é colocada como uma preocupação de Robby. Além de ser um modelo de conduta prática, na medida em que Valdir tenta alinhar sua identidade na prática a dele, quem o qualificou é colocado como estando acima de tais questões identitárias. Ao menos no que é relevante para nossa comunidade de prática, sua ação de qualificador, Robby age a partir de um senso de identidade coletiva e eficiência que, como anteriormente mencionado, é o que Valdir observa em sua APE 2 como o ideal de funcionamento da rede.

A partir de tais considerações, Valdir chega a um outro nível de compreensão “nem sempre o administrativo ele tem que... é... supor qual é o óbvio das coisas, né?” (linhas 43-44). Se relacionarmos o sentido de óbvio na primeira frase e em “Você tem que falar como se nada fosse óbvio” (linha 45) podemos inferir que o que anteriormente foi rotulado como “coisas mínimas” ou “básicas” por Valdir não é “óbvio”. Aqui surge uma compreensão muito interessante, além do procedimento da repetição. Em termos de trajetória, para apoiar os administrativos em seu aprendizado, Valdir reclassifica os conhecimentos que ele antes considerava primários e os revaloriza a partir do ponto de vista de que, para quem entra, nada é óbvio. Além disso, assim como se preocupa com a permanência dos setores na reunião de rede, que não é só sua responsabilidade, Valdir descobre que não tem permanência na qualificação que passa aos administrativos, pois fala poucas vezes e com grandes espaços de tempo entre uma fala e outra “daqui a pouquinho levava quinze dias para falar de novo ou um mês pra falar de novo” (linhas 50-52). Abre-se uma nova dimensão para o que ele considera ser “enfático” (linha 52): ser permanente. É a permanência, criando “hábito”, que permite com que o “modelo forte” (linha 53) deixado por Robby em sua qualificação siga operando. É importante

observar que, ainda que apresentado no contexto do procedimento de repetição e com relação a atividades muito específicas, este último aprendizado transcende a fronteira da tarefa mecânica.

Valdir realizou sua APE 2 (Anexo 2, seqüência 9) de maneira organizada, respondendo a cada um dos itens do trabalho de reflexão proposto e não em texto corrido, como Rafael o fez. Em seu texto, indica que sua “maior tensão” (linha 2) é: “ter formada uma rede que realmente se faça responsável” (linhas 2-3) por uma série de procedimentos que na estória ele identifica como “coisas mínimas” da função. A “maior tensão” está voltada para os resultados, a qualificação para a ação, assim como o ponto de sua estória. Posso inferir que existam outras tensões, vistas como não prioritárias, assim como, na análise da estória, percebo a tensão entre a identidade pessoal e social – como é visto por Robby e como ele se vê – que não está explícita no texto, mas pode ser observada a partir da maneira com a qual Valdir reconstrói sua opinião acerca de Robby. Seu objetivo explícito é o de ser eficiente, formando setores que “realmente aportem com a estruturação na base” (linha 6), ou seja, que contribuam com a tarefa de seus orientadores (também chamados estruturais) de formarem equipes na base.

O que chamamos de clima, segundo o explicitado no capítulo 3, é uma postura relacionada a como sentimos as atividades que realizamos, é um padrão não necessariamente racional, uma interpretação da situação que vivemos, que leva a que reajamos emotivamente. Ao descrever o “clima” em que ocorre sua atividade, Valdir acaba tendo que me orientar em relação à “situação atual” anterior. Descreve uma “rotatividade de setores” (linha 7), ou seja, ao fato de que nós, seus pares orientadores, convidamos setores administrativos diferentes em um curto período de tempo. No momento em que Valdir escreve, muitos de nós estávamos sem setor administrativo ou com setores novos: ou porque os antigos desistiam ou porque mudavam de função. Em minha estória como orientadora, cheguei a ter algo em torno de dez setores administrativos diferentes, todos passando pelas reuniões de rede com Valdir, e, em seguida, desistindo ou saindo do Movimento. O mesmo fenômeno aconteceu com os demais orientadores.

Valdir achava Robby uma “pessoa chata” porque ele “falava sempre a mesma coisa” (linhas 41-42). Um administrativo, nas primeiras reuniões de rede, informa a respeito do programa de dados que utilizamos no Movimento, a respeito de como funciona nossa campanha financeira, de como fazemos a circulação de informações, como criamos novos materiais. A “rotatividade” a que Valdir se refere faz com que, segundo ele, interrompa-se um processo para recomeçá-lo (linha 8). Posso inferir que, se Robby era uma pessoa chata porque falava sempre a mesma coisa, Valdir repetindo-se nas reuniões poderia considerar o processo chato. Tal inferência é facilitada como pesquisadora-praticante, devido à minha própria experiência de um ano como setor administrativo de Ricardo, na qual observei o mesmo fenômeno da rotatividade e encarei o mesmo desafio de não querer ser repetitiva, mas ter que qualificar setores novos que chegavam a cada reunião.

Na APE 2, Valdir indica sentir-se “desesperançoso e desorientado” (linha 10) e questiona-se acerca de sua responsabilidade na rotatividade dos setores, bem como em relação ao que poderia fazer para “promover uma retenção dos novos” (linha 12) na função. Apesar de que as duas APEs foram realizadas com uma semana de distância entre elas, admitindo referência a diferentes momentos e temas, é interessante observar o quão relacionados estão seus climas ao ponto de sua estória. Na APE 2, Valdir sente-se “desesperançado e desorientado” frente a uma situação de falta de continuidade, falta de seqüência temporal. Na APE 1, Valdir reconstrói uma trajetória de aprendizado com orientação clara em direção à reprodução da qualificação que foi feita com ele, em direção à reciprocidade. Sua identidade pessoal e social conflitantes podem partir da observação de que se repetir é chato, mas necessário dentro do contexto gerado por sua identidade coletiva.

No último momento de sua APE 2 (fragmento 9.1), Valdir retoma o tema da “reciprocidade” (linha 14) e o tema do “modelo” (linha 19) a que se referiu em sua estória. Indica ainda que a motivação para que os setores que qualifica coloquem-se na ação pode estar relacionada à geração de tal modelo (linhas 19-20). Motivá-los está relacionado, segundo seu discurso, demonstrar a eficiência do que é feito. A mesma eficiência voltada para resultados que é exposta nos questionamentos da estória e do posterior trabalho reflexivo.

Fragmento 9.1

ANÁLISE DA SITUAÇÃO, TENSÕES E CLIMAS – VALDIR

13	Hoje vejo o quanto é necessário o que chamamos de
14	reciprocidade. tenho tentado recordar fortemente como fui
15	qualificado, recordar quanta paciência tiveram comigo, recordar
16	que, apesar dos meus vacilos, acreditaram em mim e me deram a
17	oportunidade de processar na função Administrativa. sinto que
18	devo colocar mais energia e atenção na minha função, para que
19	gere um modelo eficiente para os novos, e que motivem se
20	colocarem a serviço da estruturação.
21	Fui!

Considerarei que a estória de Rafael poderia ser estudada como uma compensação de suas tensões e climas, ainda que essa não fosse a única interpretação possível. Na estória de Valdir, delineia-se uma resposta aos questionamentos sugeridos em sua APE 2, em relação ao que ele poderia fazer para trabalhar o tema da retenção de novos administrativos na rede. O próprio resignificar da estória é uma organização de tal aprendizado, como comentei anteriormente, baseada em uma reconciliação identitária. No entanto, poderia essa estória ser vista como uma compensação de suas dificuldades?

Acredito que a compensação possa ser observada, ao considerarmos que Valdir sente-se desesperançado e desorientado e, no entanto, reconhece na estória a função da reciprocidade, resignificando sua relação com Robby e reconstrói uma trajetória de aprendizado, reconhecendo que sim aprendeu e como, em um momento em que desorientação poderia sugerir falta de temporalidade. O próprio exemplo da falta de permanência na APE 2 seria compensado pela permanência na qualificação de Robby que ele vê como importante de ser reproduzida. Analisando as duas APES comparativamente, Valdir posiciona sua função como precisa e expectativas de resultados práticos, mas indica que só a permanência na qualificação, independentemente da rotatividade dos setores, é o que permitiria tais resultados. Além disso, relaciona a permanência a uma atitude interna proposta pela própria qualificação: a de ser recíproco. Assim, os resultados só seriam possíveis na medida em que ele se detivesse à tarefa e não aos resultados. Negociar suas identidades nesse *nexus of multimembership* é o problema expresso em ambos os relatos.

4.2.3

A estória de Alice

A estória de Alice, que pode ser encontrada em sua versão completa no anexo 1 (seqüência 3) refere-se a uma experiência vivida por outra pessoa. Como anteriormente observado, considerei o relato uma narrativa no sentido Laboviano do termo, pois existe uma construção temporalmente contínua em relação ao momento em que ela ouviu a estória. Assim, ao estudar as narrativas nucleares, busquei ater-me ao dia que ela reporta e ao momento em que retorna à sua casa acompanhada de outra pessoa e essa pessoa conta-lhe a estória que ela apresenta. É uma estória sobre ouvir uma estória interessante - a estória que se ouve é o ponto da narrativa nuclear.

A primeira observação feita por mim é a de que existem nessa estória poucas avaliações externas e muitas ações avaliativas. O ponto está relacionado a como Alice recupera a experiência de outra pessoa, como avalia essa experiência. Existe ainda uma estrutura de avaliação encaixada que não está no corpo da narrativa nuclear: é a reprodução em discurso direto de uma situação da qual Alice não participou. Retomo aqui que, na primeira etapa desta análise, identifiquei momentos nos quais Alice deixa claro que não esteve presente durante o diálogo retratado e sim ouvindo o diálogo recontado por outra pessoa. A primeira coisa que me intrigou na primeira etapa da análise foi o fato de que eu tivesse acreditado, durante a frequência, que Alice contava uma estória que havia vivenciado. Somente depois da transcrição dos dados e do início da análise comecei a observar que, na verdade, parecia haver uma estrutura discursiva montada para incorporar a estória de outra pessoa à sua própria trajetória de aprendizado. O questionamento que se originou em relação aos dados foi: que tipo de estrutura identitária permite a incorporação e reconstrução da estória de outros como parte de minha memória?

No fragmento 3.2, Alice começa sua estória com uma avaliação externa: “teve um dia que foi muito interessante, né?” (linha 1) e antes da entrada marcada na narrativa, na qual diz que vai “contar um negócio agora pra vocês, né?” (linha 2) A partir desse momento, demonstra estar consciente de que sua estória tem como

público não só a mim em uma frequência, mas a diferentes pessoas que lerão meu trabalho de pesquisa. Retornando posteriormente tal avaliação a Alice, ela confirmou que pensava em todos os que leriam a pesquisa e não só em mim ao contar sua estória.

Fragmento 3.2

FREQUENTANÇA ALICE/SABINE – GRAVADA E TRANSCRITA

Avaliação Externa

Avaliação Encaixada

Ações avaliativas

1	Pois é, <i>teve um dia que foi muito interessante, né?... teve um...</i>
2	vou contar um negócio agora pra vocês, né?...que eu tava com
3	uma pessoa me ajudando a qualificar meu setor apoio, né? Ela
4	tava vindo de Piabetá, né?... que é longe, né?... prum projeto lá
5	em Nova Iguaçu, cara! Simplesmente, a figura tinha que
6	atravessar o Rio de Janeiro inteiro pra tá lá..... (incompreensível)
7	e depois a gente fazer reunião com a garotada. E aí ela tava indo
8	para lá justamente para qualificar essa pessoa que era muito
9	<i>novinha, tinha acabado de entrar na confusão e além disso ela era</i>
10	<i>novinha, tinha dezesseis anos e tal. E fizemos nossa reunião</i>

Alice organiza a orientação da estória com base na descrição da personagem que a acompanhará (linha 3). Tal descrição está apoiada em ações avaliativas que recuperam a função dessa pessoa no dia descrito. Assim, Alice avalia essa personagem como alguém que estava “ajudando a qualificar” (linha 3) o setor apoio dela; alguém que “estava vindo de Piabetá... prum projeto lá em Nova Iguaçu” (linhas 4 e 5). Doravante, passo a denominá-la Qualificadora, cuja ação é avaliada por Alice como digna de nota porque “a figura tinha que atravessar o Rio de Janeiro inteiro pra tá lá” (linhas 5 e 6). A característica da distância é reforçada em dois momentos por avaliações externas ao mencionar Piabetá “que é longe, né?” (linha 4) e terminar um período com “cara!” (linha 5). A Qualificadora é construída discursivamente como alguém que, apesar das dificuldades em termos de distância, segue sua missão com sua missão de qualificar. Encaro esse trecho como a verdadeira “orientação” da estória não somente dado seu posicionamento no início do relato, mas também

porque a caracterização da Qualificadora é o primeiro acesso que tenho à situação apresentada.

O “simplesmente” (linha 5) atua por contraste, marcando uma situação que, segundo Alice, nada tem de simples. A utilização de “figura” para caracterizar a Qualificadora parece estar relacionada ao fato de que a pessoa não está fazendo algo comum e corriqueiro: a palavra “figura” coloquialmente pode agregar o significado de alguém incomum ou estranho. Se considerar tal interpretação, a Qualificadora torna-se uma figura porque faz algo que nada tem de simples: cruza o Rio de Janeiro inteiro para cumprir sua função. O tema da superação da distância visto como positivo e admirável aparecerá posteriormente no desenvolvimento de Alice na APE 2.

Ainda no fragmento 3.2, Alice reforça a informação anterior avaliando o propósito da ação da Qualificadora (linhas 7 e 8) em “ela tava indo para lá justamente para qualificar essa pessoa” (linhas 7 e 8). Essa pessoa refere-se a uma segunda personagem descrita como “muito novinha, tinha acabado de entrar na confusão” (linhas 8 e 9) ou seja, alguém que começava a participar dos projetos naquele momento. “Além disso”, é alguém jovem: “ela era muito novinha, tinha dezesseis anos e tal” (linhas 9 e 10). Assim, a personagem que doravante chamarei de “Novata” é caracterizada a partir de avaliações externas e não ações avaliativas.

O elemento avaliativo “novinha” assume dois sentidos diferentes: relacionado à idade e relacionado à experiência no Movimento. Implícita na estória está a consideração de que, a partir de uma orientada que supera o problema da distância (Qualificadora), outra orientada de Alice (Novata) também superará um problema de distância e conseguirá viajar. Alice observa o âmbito que ela organiza no Movimento como uma “confusão” (linha 9) na qual a Novata tinha acabado de entrar. Retomaremos também uma confusão que Alice representa sentir ao não seguir as orientações de Ricardo e que pode ser encontrada na APE 2.

Comparando as duas formas de caracterização avaliativa das personagens, a Qualificadora é reconhecida pelo que Alice diz que ela faz e a Novata é reconhecida por sua idade e seu curto histórico no Movimento. Assim, parece existir uma reiteração do sistema através do qual, em nossa comunidade de prática, a qualificação

está diretamente relacionada à experiência. Tal tendência discursiva parece demonstrar-se também na estória de Alice.

Ainda que não existam menções diretas à Alice, como se sente ou como se posiciona na estória até o momento, sua própria construção das personagens sugere uma identidade coletiva saliente, na medida em que reitera às crenças do grupo em relação à qualificação. Ao pensar sob o ponto de vista da identidade pessoal, Alice parece construir-se discursivamente como alguém que está atento às dificuldades dos demais, na medida em que se ocupa tanto das dificuldades de distância superadas pela Qualificadora, quanto das dificuldades relacionadas à condição descrita da Novata. É interessante notar que tal característica também está relacionada à tendência a valorizar o que é feito em relação a outros: tanto na construção de Alice como alguém que observa os demais, quanto na valorização do trabalho da Qualificadora que supera as dificuldades de distância.

A Qualificadora é também uma orientada de Alice, no momento em que a estória está sendo contada. Isso não está expresso no texto: parte de meu conhecimento como membro da equipe. No entanto, parece-me importante considerar que, sendo orientada de Alice, a Qualificadora é descrita como alguém que consegue superar uma tensão de sua própria orientadora.

Fragmento 3.3

FREQUENTAÇÃO ALICE/SABINE

Avaliação Externa

Avaliação Encaixada

Ações avaliativas

11	(incompreensível) tavamos discutindo projetos, <i>como de</i>
12	<i>costume. A reunião transcorreu normal né?... natural, bem... e</i>
13	quando terminou a reunião a gente tava voltando pra casa,
14	né?...Voltando, as meninas indo pra casa, a gente tava indo pro
15	ponto de ônibus e no caminho né?... a gente na caminhada, essa
16	peessoa que tava indo nessa história comigo né?... lá pra Nova
17	Iguaçu que vinha de Piabetá e tal, tava muito decidida né?... no
18	que tinha que fazer, né?...afinal de contas era uma distância
19	tremenda que ela tinha que enfrentar...e aí ela foi muito clara
20	assim, né?... pra essa menina, com a imagem de ir para São
21	Paulo, pra um Fórum de Educação que ia ter lá. E falava

No fragmento 3.3, Alice avalia que a reunião aconteceu “como de costume” (linhas 11 -12), o que indica a reunião como um projeto com certa permanência no tempo. “A reunião transcorreu normal, né?... natural, bem...” (linha 12). Aqui aparece uma primeira construção temporal em relação à trajetória de aprendizagem: o que será relatado aconteceu depois de um certo número de reuniões, que seguiam uma certa formatação. Os elementos avaliativos “normal” e “natural” podem ser interpretados como uma indicação de que a reunião não foi o ponto de diferenciação no qual os limites foram superados. Não foi no momento em que Alice participava do âmbito que algo se transformou. A transformação é colocada como algo que partiu da “distância tremenda” (linhas 18-19) que a Qualificadora “tinha que enfrentar” (linha 19) e que por isso a leva a agir com a Novata de maneira “muito decidida” (linha 17) e “muito clara” (linha19).

Em sua reflexão na APE 2 (anexo 2, seqüência 10) Alice diz que, pelo fato de que foi ela que se colocou a realizar a atividade, sem que ela tenha sido obrigada a fazer nada, ela decide enfrentar e superar seus limites. Nesse ponto da estória, enxergo uma reiteração de tal aprendizado: quando a Qualificadora decide ir para Nova Iguaçu ela “tem que” superar um problema de distância muito grande e, justamente por isso, torna-se clara e decidida. É a superação de um limite pessoal da Qualificadora o que permite que ela cumpra sua função.

Alice volta no mesmo ônibus que a Qualificadora e, durante sua caminhada até o ponto, bem como ao longo do caminho de volta, a Qualificadora conta-lhe um diálogo que teve com a Novata. Alice introduz esse diálogo com uma série de ações avaliativas, comentando o que a Qualificadora fez, o que tornou difícil para mim, como ouvinte, identificar a estória como um fato que alguém lhe contou. É uma estruturação avaliativa altamente sofisticada que poderia ser interpretada de várias maneiras.

Destaco duas possíveis interpretações que me chamaram atenção: a) a possibilidade de que, considerando o construto identitário alinhado à estória, Alice tenha identificado totalmente sua identidade coletiva à sua identidade pessoal no discurso e b) a possibilidade de que Alice veja a estória como, realmente, parte de sua

trajetória de aprendizado pessoal, ou seja, parte de sua identidade pessoal mesma. No segundo caso, isso tornaria o relato uma experiência de Alice e não da Qualificadora, uma experiência da qual Alice poderia apropriar-se como sua. Como já mencionei anteriormente, a equipe entusiasmou-se muito com essa última explicação e isso gerou várias discussões entre os participantes da pesquisa. No que concerne à interpretação de narrativas, seria uma estrutura transparente, ou seja, uma estrutura narrativa na qual o narrador, conscientemente ou não, não diferencia suas experiências da dos demais personagens. A transparência refere-se ao fato de que, em termos lingüísticos toda estória é uma reconstrução, portanto, nesse tipo de estória a estrutura mesma seria exemplar de que a identidade do narrador perpassa todo texto.

A ação avaliativa que introduz a seqüência é “essa pessoa que tava indo nessa história comigo, né?... lá pra Nova Iguaçu que vinha de Piabetá e tal, tava muito decidida, né?... no que tinha que fazer, né?” (linhas 15-18). Além de retomar e/ou enfatizar a caracterização previamente realizada, Alice acrescenta uma qualidade, “muito decidida”, ao perfil. Este trecho poderia ser interpretado como uma avaliação externa, dirigida a mim, mas optei por marcá-lo como mais uma característica relacionada a como ela reconstrói a ação da personagem, já que, em seguida, Alice novamente apresenta a questão de que “afinal de contas era uma distância tremenda que ela tinha que enfrentar...” (linhas 18,19).

Parece existir uma relação de causalidade implícita entre a retomada da caracterização da Qualificadora e o trecho seguinte: “e aí ela foi muito clara assim, né?... pra essa menina, com a imagem de ir pra São Paulo, pra um Fórum de Educação que ia ter lá”.(linhas 19-21). É interessante observar que, na função de qualificar, a ação descrita por Alice é a de apresentar com clareza uma imagem do projeto. Além de outras funções implícitas no diálogo do trecho seguinte, o próprio fato de apresentar uma imagem clara é visto como qualificação.

Retomando a revisão de Literatura, no que diz respeito à nossa visão de Homem, observo no discurso de Alice uma reiteração do conceito de imagem como mobilizadora para a ação. É a expressão de nosso sistema de *expertise* em seu discurso. A partir daí, Alice reconstrói o diálogo que lhe foi contado pela Qualificadora com: “E falava” (linha 21), marcação a partir da qual reconta o

procedimento utilizado para apresentar tal imagem clara. O diálogo seria, então, mais que um recontar: posiciona-se como reconstrução do procedimento utilizado, baseando-se no fato de que a atitude “decidida” e “clara” de quem qualifica é tão importante quanto sua ação.

Já no fragmento 3.4, a introdução do discurso direto dá início a uma série de avaliações encaixadas em forma de diálogo. As inserções estruturalmente semelhantes de “E a menina” (linhas 23-24); “Aí a menina” (linha 25); “Aí falou assim” (linha 27); “Aí a menina falou assim” (linha 29); “e aí” (linha 30); “Ela falou” (linha 32); “Aí ela” (linha 35), cumprem uma função de organização das falas. Observando o uso de tais inserções, percebo que não antecedem todas as falas e, se forem encaradas como ações avaliativas, como referentes à ação de terceiros, servem também para ratificar, de tempos em tempos, o fato de que foi assim, dessa maneira, que o diálogo realmente aconteceu, ainda que Alice não estivesse presente: as pessoas falaram assim.

Uma outra observação interessante é o fato de que, se tivéssemos de estabelecer um personagem principal para o diálogo, as inserções parecem sugerir a Qualificadora. Já que Alice não dá nomes a nenhuma das duas, o fato de que ela esteja se referindo à Qualificadora como “ela” e a Novata como “a menina”, indicaria maior relevância da primeira. Essa marcação pode referir-se somente ao fato de que a estória foi contada pela Qualificadora.

No fragmento 3.4, as primeiras duas falas do diálogo posicionam as personagens de acordo com suas caracterizações prévias: de ser clara (indo diretamente ao ponto da viagem) e de ser inexperiente, respectivamente. O diálogo coloca a Qualificadora na posição de ajudar desde que a Novata tenha interesse no que está sendo proposto, o que é checado duas vezes. O procedimento da Qualificadora demonstra-se como o de questionar a Novata em relação a como ela pode resolver os problemas que coloca: a questão da distância e do dinheiro. Quando as duas chegam no diálogo à uma situação na qual a Novata realmente não sabe o que fazer, a Qualificadora indica a orientadora como fonte de consulta em relação ao que fazer.

Fragmento 3.4

FREQUENTANÇA ALICE/SABINE

*Avaliação Externa*Avaliação Encaixada**Ações avaliativas**

22	assim... "Pô, você gostaria de participar do Fórum? Você gostaria
23	de participar Fórum de Educação e tal, num sei que?" E a
24	menina: "Ah, onde é que vai ser?" "Ah vai ser em São Paulo".
25	Aí a menina: "Ah, mas eu nunca fui a São Paulo, eu pra falar a
26	verdade poucas vezes eu saí daqui de Nova Iguaçu." (risos) <i>Que</i>
27	<i>louco, né?</i> (risos) Aí falou assim: "Pôxa, então, pô como é que
28	você acha que dá pra ir? Você tá a fim de ir e tal, num sei que?"
29	<i>Isso ela me contando, né?</i> Aí, a menina falou assim: "Ah, eu tô
30	<i>sim, tô a fim de ir.</i> " e aí: "Como é que é isso?" "Ah, eu to sem
31	grana!" "Ah, você não tem grana? Então, como é que você acha
32	que você tem como resolver isso?" "Ah, não sei!" Ela falou:
33	"Então, conversa com a Alice, né? Ela pode tá vendo, né? Aí vê
34	o que é que...que a gente pode fazer pra gente gerar grana pra
35	você ir, né?". Aí ela: "Tá, então tá bom!" E aí a menina foi pra
36	casa e nós voltamos juntas pro Rio. E aí ela me contou e tal,
37	como é que tinha sido e tal...Eu fiquei super feliz, né? E a partir

A primeira consideração realizada a partir da esquematização observada no fragmento 3.4 diz respeito à trajetória de aprendizado de Alice. É ela quem resignifica o que lhe foi contado e o fato de que sua escolha de apresentação do diálogo tenha levado à inferência de tais procedimentos refere-se à um aprendizado seu e não da Qualificadora. Se considerarmos seu recontar uma apropriação da experiência de outra pessoa, posso dizer que é nesse ponto da estória, a partir das avaliações encaixadas, que Alice toma posse de tal experiência discursivamente. A organização do procedimento seria uma maneira de sistematizar o aprendizado da Qualificadora. Assim, Alice posiciona o orientador como uma fonte de consulta: caracterização já observada nas estórias de Rafael e Valdir. Além disso, sugere uma qualificação voltada para a ação agregando o elemento "vontade/interesse" de quem é qualificado. Anteriormente, observei que Valdir parecia não considerar a hipótese de que os administrativos não tivessem interesse em realizar suas funções "mínimas" e "básicas". Seu questionamento estava voltado para o que ele fazia de maneira

ineficiente ou o que deixava de fazer que impedia que eles se movessem. Na estória de Alice, a Qualificadora só realiza sua função após obter uma confirmação, ao menos verbal, do interesse da Novata.

Nesse momento da estória, Alice também insere duas avaliações externas. Ao referir-se ao fato de que a Novata não tinha experiência com viagens, Alice comenta: “Que louco, né?” (linhas 26-27). Essa pode ser considerada tanto uma referência ao fato de que a Qualificadora estava propondo algo inteiramente novo para a Novata, quanto ao próprio estranhamento da falta de experiência daquela com viagens. De uma maneira ou de outra, parece cumprir com a função de estabelecer o diálogo como algo fora da normalidade, algo extraordinário e, portanto, reportável. A segunda avaliação externa em “Isso ela me contando, né?” (linha 29) é um dos poucos momentos nos quais Alice deixa claro que ouviu a estória partir da Qualificadora, não esteve presente. Alice encerra este ciclo dizendo: “E aí ela me contou e tal, como é que tinha sido e tal ” (linha 36-37) o que reforça a impressão de que o diálogo aconteceu da maneira como foi descrito.

Ao colocar-se no diálogo, Alice aparece, na voz da Qualificadora, como alguém que “pode tá vendo... que a gente pode fazer” (linhas 33-34), ou seja, alguém que tem a capacidade de planejar ações para superar os limites relacionados à distância. Destaco o uso do gerúndio como elemento avaliativo importante porque pode ser relacionado às noções de processo e acompanhamento, anteriormente mencionadas. Destaco também o uso de “a gente” (linha 34) como avaliação porque a Qualificadora posiciona o problema de falta de dinheiro da Novata como um problema da equipe, da gente. Ou seja, o limite a ser superado passa a habitar a identidade coletiva, na medida em que se torna algo que todos devem superar. Alice coloca que é “a partir daí” (linhas 37-38) que as atividades de autofinanciamento propriamente ditas começam, organizando assim a trajetória de aprendizado construída. A conversa é um ponto chave para que a viagem seja possível. Alice reconhece a importância deste diálogo porque é a partir dele, na construção temporal da estória, que ela fica “super feliz” (linha 37).

Em termos de construção identitária, é interessante observar que Alice é mencionada no diálogo, sendo este o único momento no qual aponta uma identidade

social: é vista pela Qualificadora como fonte de consulta para saber que ações realizar.

No final de sua estória (anexo 1, seqüência 3), Alice introduz uma avaliação externa: “Eu fiquei super feliz, né?” (linha 37). Essa é a única construção que nos permite ter acesso direto à sua avaliação positiva do evento. Sua identidade pessoal estrutura-se como conseqüência da ação de outros. Em seguida, uma nova série de ações avaliativas que remontam os resultados do diálogo: a Novata vai para o Fórum e isso a beneficia: “voltou cheia de gás, super contente e pra ela foi super importante” (linhas 40-41). A mãe dela também “ficou feliz pelo fato dela ir” (linha 43). A partir da ação da Qualificadora, do uso de procedimentos alinhados a nosso sistema de expertise, tanto Alice, quanto a Novata e sua mãe ficam muito felizes.

Destacando alguns elementos avaliativos, temos que a viagem é vista por Alice como a “primeira” (linha 41) viagem da Novata e, ao mesmo tempo, a primeira viagem “importante” (linha 42) que ela faz. A Novata volta da viagem “cheia de gás, super contente” (linha 40-41) e fica “muito feliz” (linhas 43-44). A mãe da viajante também fica “feliz” (linha 43). O resultado da qualificação na estória é a ação e o resultado da ação é um sentimento relacionado à identidade pessoal daquela que agiu. Este esquema reitera discursivamente a análise de Alice na APE 2, no sentido de aprendizagem pessoal relacionada à superação de um limite na ação.

Parecem existir diferentes paralelos entre os temas mencionados por Alice na APE 2 (Anexo 2, seqüência 10) e os temas emergentes do estudo identitário de sua estória. Alice responde ordenadamente aos itens análise da situação, tensões e climas e, em seguida, assim como Rafael começa a escrever sobre seus aprendizados como orientadora.

Na APE 2, Alice indica como tensão a “dificuldade de acompanhar os orientados devido a distância e por eles não terem hábito de se mover com freqüência na Internet” (linhas 2-4). Considerando o teor de sua estória, pus-me a reavaliar o tema da distância. Alice é moradora do Rio de Janeiro e seu projeto na época em que me conta a estória e redige sua reflexão estava todo concentrado em Nova Iguaçu. Alice também coloca em algumas reuniões sua própria dificuldade com o tema da Internet, ou seja, ela tampouco se vê como alguém que tem o hábito de mover-se com

freqüência virtualmente, para usar suas palavras. Na versão completa da estória (anexo 1), temos duas menções ao tema da distância: a distância superada pela Qualificadora para realizar sua tarefa e a distância superada pela Novata ao ir para outro estado fazer uma viagem que Alice descreve como importante. Alice indica um clima de “incompetência e impotência” (linha 5) relacionado à sua tensão.

Ao mencionar as aprendizagens relativas à sua função, Alice indica que são muitas e que, nesse momento, ela pode se basear “em coisas simples” (linhas 7-8), coisas que são importantes no seu dia-a-dia “e principalmente nas relações pessoais” (linhas 8-9). Assim, indica que sua função – identidade coletiva – está intimamente relacionada à sua identidade pessoal, às maneiras como ela se vê na relação com outras pessoas. Isso é reiterado pelo comentário seguinte: “Sou orientadora e com isso aprendo a superar os meus limites, minhas dificuldades, meus medos”.(linhas 10-11). Aqui a identidade na prática de um orientador é vista como algo que ensina não somente a respeito da prática na comunidade, mas transcende o âmbito tornando-se extremamente saliente em relação à identidade pessoal. Observando tal afirmação a partir do *nexus of multimembership*, interpreto que Alice, ao posicionar sua função como algo útil para outras comunidades de prática a que pertence, concilia suas diferentes identidades a partir de sua identidade na prática no Movimento. Em relação à estória, posso também considerar o fato de que a Qualificadora seja vista como alguém cuja atitude influencia no trabalho de qualificação como alinhada à visão de Alice de que, sem um correto posicionamento pessoal, não há possibilidade de cumprir com as funções no Movimento.

Nesse momento de sua reflexão, podemos alinhar o procedimento pessoal que Alice descreve para iniciar um projeto ao procedimento estudado na estória que ela reconstrói no diálogo Qualificadora/Novata. Assim, Alice diz que se propõe a fazer algo de que goste (linha 12) e que no caminho vão aparecendo os detalhes, dos dramas (linha 13), porém: “como eu que me propus a fazer, não foi ninguém que me mandou, busco superar! Daí vem as grandes aprendizagens” (linhas 13-15). Nesse momento, Alice está descrevendo uma trajetória de aprendizagem pessoal. Tal trajetória pode ser vista na estruturação de sua estória, no diálogo, já que este também parte de uma coisa que se quer fazer, mas que apresenta dificuldades e que só é

possível de realização porque compreende-se que ninguém mandou que fosse feito. No caso do diálogo, já pontuei anteriormente a relevância que a Qualificadora dá ao fato de que a Novata realmente quer ir a São Paulo. A qualificação começa na medida em que o interessado queira. Relacionando os dois procedimentos: segundo Alice, é o fato de que ela não tenha sido obrigada que permite que ela supere seus limites.

Conforme observo no fragmento 10.1, Alice coloca no rol das “grandes aprendizagens” conseguidas a partir de tal superação conseguir planificar para um semestre inteiro (linha 15-16). Menciona “indicadores” (linha 16) que internamente são marcações nos projetos a partir das quais acreditamos ser possível acessar como o processo está sendo desenvolvido. Utilizando-me de um exemplo pessoal: recentemente, ao planejar o I Fórum Brasileiro em Jacarepaguá, eu, meu apoio e minha administrativa consideramos como indicador o fato de termos ou não outras organizações que não o Movimento ajudando a construir o Fórum nas reuniões prévias de organização. Isso porque um dos objetivos do Fórum era integrar as forças progressistas do bairro. Assim, observamos a presença de outras organizações como um indicador de que o objetivo estava sendo cumprido. Um indicador é, portanto, como um sinalizador, pensado desde o primeiro momento do projeto, quando este ainda está no papel, que facilita com que não nos percamos do objetivo inicial. Alice menciona o trabalho com indicadores como uma das dificuldades de planejar para o semestre inteiro.

Fragmento 10.1

ANÁLISE DA SITUAÇÃO, TENSÕES E CLIMAS – ALICE

13	aparecendo os "detalhes", os dramas, rs. E como eu que me
14	propus a fazer, não foi ninguém que mandou, busco superar! Daí
15	vem as grandes aprendizagens, planificar o projeto ao longo do
16	semestre (que não é nada fácil, tem os tais dos indicadores...),
17	acompanhar aqueles que oriento! Escutar o outro, ir vendo como
18	o outro pode ir superando suas resistências, colocá-los em
19	situação. Ou seja, fazer pelo outro o que já fizeram por mim.
20	Mas é claro que tudo parte de uma intenção, e os aprendizados
21	seguem a partir disso. Da mesma forma que sou orientadora tb
22	sou orientada. Isso é muito engraçado, rs. Todas as vezes que me
23	descabelo com um orientado meu, lembro de como ajudei a
24	Brotar os primeiros fios de cabelo branco no meu orientador. Um

Ainda no fragmento 10.1, Alice menciona saber acompanhar, ouvir, saber ajudar seus orientados a superarem seus limites e saber “colocá-los em situação” (linhas 18-19) como exemplos de “grandes aprendizados”. Aqui cabe uma outra digressão em relação a como o termo “colocar em situação” é utilizado em nossa equipe. Segundo meu entender, colocar alguém em situação é uma expressão utilizada em situações nas quais um orientador não quer fazer uma determinada proposta de ação a um orientado, seja tal ação motriz ou reflexiva, pois considera que tal orientado não conseguiria, ou não iria querer, não teria as qualidades necessárias à realização do que estaria sendo proposto. Quando dizemos que um orientador é alguém que coloca a outros em situação, nos referimos à propor sempre o que tem que ser feito e dar a oportunidade de que os outros decidam se farão ou não, sem pré-julgar as pessoas. Ainda que a situação proposta seja difícil, o orientador ao colocar a pessoa em tal situação também gera a oportunidade de que seu orientador supere seus limites para realizá-la. Ao referir-se a tais aprendizados, Alice os resume em: “Ou seja, fazer pelo outro o que já fizeram por mim” (linha 19).

Na última afirmação, inferi uma ligação com o tema da reciprocidade, mencionado na estória de Valdir. Alice diz que já fizeram isso, o que ela aponta como grandes aprendizados, por ela, ou seja, já a acompanharam, ouviram, colocaram em situação. Voltando à estória, a Qualificadora é estruturada por Alice como alguém que coloca a Novata em situação de viajar, ainda que seja difícil, a partir de suas perguntas sobre como a menina pretende resolver seus impedimentos.

No fragmento 10.1, Alice reitera a importância da intenção de quem realiza uma determinada tarefa (linha 20-21): os aprendizados só são possíveis porque a pessoa quer fazer a tarefa. A partir daí, recupera a relação que tem com seu orientador dizendo que da mesma forma que é orientadora é orientada (linhas 21-22) algo que ela avalia como “muito engraçado” (linha 22). Alice exemplifica a partir de uma ligação na qual pede ajuda a seu orientador, vai consultá-lo e diz: “Todas as vezes que me descabelo com um orientado meu, lembro de como ajudei a brotar os primeiros fios de cabelo branco no meu orientador” (linhas 22-24). Aqui, aparece uma construção de orientador como alguém que tem paciência, “calma” (linha 26) e “clareza” (linha 27). O atributo clareza é visto como algo fundamental na

qualificação, do ponto de vista da estória. Ao dizer: “Eu, no final, faço o que quero claro!” (linha 27) surge novamente o tema da vontade, do querer fazer, que também já foi relacionado à “intenção” de quem faz.

Em termos identitários, existe uma certa polaridade no discurso de Alice, expressa em “clareza” *versus* “confusão” (linha 28) que sugere uma identidade pessoal bastante diferenciada daquela de seu orientador. Ao aplicar os procedimentos para criar um projeto, Alice diz gerar “calendários impossíveis de serem contemplados, imagens confusas...” (linhas 28-29) o que é justificado pelo fato de que ela faz o que quer com o que Ricardo orienta. Assim, a confusão é gerada porque, ao invés de seguir a orientação de alguém mais experiente, ela decide fazer o que quer fazer, o que gera confusão. O mesmo processo é descrito em relação às pessoas que Alice orienta: “Aí o meu orientado também me pede ajuda” (linhas 29-30). Alice busca inspiração em seu orientador que é visto como um modelo de ação, bastante semelhante à construção na estória de Valdir acerca de Robby. Percebo uma diferença entre o orientador que é fonte de consulta para a ação e o orientador que serve como modelo para a ação, a partir da imagem que Alice constrói dele, o “como ele faria” (linha 32).

É interessante observar que assim como Valdir relembra como Robby o qualificou, Alice se pergunta a respeito do que Ricardo faria em uma determinada situação. Na reflexão de Alice (anexo 2) o modelo serve como “inspiração” (linha 33) que permite que ela converse com seu orientado. A conversa parece ser entendida como uma co-construção, inferida pelo uso da primeira pessoa do plural: “Saímos dali com imagens do que fazer, como fazer, um pequeno calendário,... enfim. No final ele faz o que ele quer. Já viu, né? Claro que não sai como combinamos”.(linhas 34-36).

Observo que existe uma tensão entre a identidade coletiva, este senso de nós que realiza o planejamento, e as identidades pessoais dos orientados. Tanto Alice como orientada, quanto aqueles a quem orienta, armam um planejamento em co-construção, coletivo, baseado no aprendizado de pessoas mais experientes. No entanto, o que eles querem, que está relacionado a sua identidade pessoal, acaba impedindo que a planificação saia da maneira como o orientador esperava. Assim,

Alice termina sua reflexão dizendo que “o jogo é esse, ser recíproco!” (linhas 37-38). Assim como Ricardo não desistiu dela quando ela começou a sair do combinado, ela tampouco desistirá daqueles que orienta. Para ela isso está relacionado a “ter fé que somos capazes de romper com nossos determinismos” (linhas 39-40).

Tal trajetória de aprendizado parece basear-se em que a identidade coletiva permitirá que identidades pessoais e sociais sejam alteradas a serviço do projeto. Na reflexão de Alice, no entanto, superar-se ou ver alguém se superando no projeto é uma coisa útil não somente para o cumprimento de determinada tarefa, mas, acima de tudo, para superar determinismos pessoais. A transformação da identidade pessoal, portanto, é discursivamente construída como positiva, por ser intencional, ou seja, escolhida livremente por aquele que recebe a orientação. Existe uma reiteração clara da tendência discursiva em nossa comunidade que diz que seguir orientação é algo positivo. Passo agora a destacar alguns elementos avaliativos em sua estória.

A primeira motivação surgida quando da análise da estória de Alice era saber que tipo de construção identitária estaria expressa em um relato do qual Alice não participou diretamente. Comentei acerca da apropriação da aprendizagem de outros como possibilidade de interpretação para este fenômeno. Observei também que a estrutura identitária na estória não está explícita, já que não existem menções óbvias a como Alice se vê ou como é vista por outros. Mesmo na APE 2, a maneira como Alice se vê na ação está relacionada a posturas de outras pessoas em mais de um momento.

Considerando a identidade pessoal, atribuída a Alice por ela mesma, na estória esta só aparece como alguém que fica feliz por observar outros superando limites. A identidade pessoal expressa na APE 2 é a de uma pessoa cuja tensão está relacionada ao tema da distância e do acompanhamento e que, por não conseguir superar esses temas, sente-se incompetente e impotente. Também é a de uma pessoa que reconhece sua qualificação, seu processo de aprendizado como dependente de sua intenção, sua vontade de fazer com que o projeto aconteça. Ela posiciona-se claramente como alguém que quer agir e que, por isso, quer superar seus limites. Também se posiciona como alguém que, para ser qualificada, deu trabalho a seu orientador, exigiu paciência e fé, segundo suas palavras. Alice constrói um perfil de alguém que tem

dificuldades com planejamento, com acompanhamento. Isso aparece relacionado a uma confusão em oposição à clareza de seu orientador.

Em termos de identidade social, na estória, Alice é vista por sua orientada, a Qualificadora, como alguém que pode ser consultada em relação ao que fazer para superar os limites que impediriam a viagem. A identidade coletiva aparece em diferentes momentos na medida em que diversos entendimentos vão sendo expostos, gerados, entre as duas APEs, acerca da relação entre a trajetória de aprendizado de suas orientadas e sua própria trajetória de aprendizado.

Anteriormente, analisando as estórias de Rafael e Valdir, propus a questão da compensação: estariam as estórias voltadas para compensar as dificuldades observadas pelos participantes? Se tomar esse ponto de vista, posso dizer que a estória de Alice compensa suas dificuldades na medida em que constrói um exemplo de que as distâncias podem efetivamente ser superadas. O interessante é que Alice não escolhe partir de uma estória focada em si mesma, ou seja, não importa se quem superou o impedimento em questão foi ela mesma ou foram suas orientadas, o que importa é existe a possibilidade, na construção de uma identidade na prática em nossa comunidade, de que sejam mesmo superadas.

Alice parece construir um *nexus of multimembership* que não está baseado nas diferentes identidades que assume em diferentes comunidades de prática. Seu *nexus* é o das diferentes identidades que observa em diferentes membros (orientados, orientadores, a sua própria) e que refletem o mesmo procedimento explicitado na APE 2 organizado em forma de estória na APE 1. A forma como ela transita livremente, reconstruindo trajetórias de aprendizado de outras pessoas imbricadas na sua possibilita resignificar com facilidade as experiências do grupo para que sejam úteis para ela. Esse trânsito discursivo fluido organiza a identidade coletiva a partir, efetivamente, de várias vozes.

Alice me informou, como já foi mencionado anteriormente, que não reconhecia essa propriedade de seu discurso. Chegamos à compreensão de que conscientemente apropriar-se da estória de outros é um recurso interessante: uma maneira de reiterar nossa identidade como grupo. Também compreendemos que Alice não precisa excluir as estórias das quais é personagem principal, aquelas das quais

participa, ou mencioná-las simplesmente como coisas que deram errado ou são confusas. O fato de que, em sua estória, ela posicione suas orientadas como pessoas que reconhecem sua função, ainda que ela não reconheça a própria função em momento algum diretamente, poderia indicar uma necessidade de ter, no comportamento de outros, uma prova de que ela realmente está fazendo aquilo a que se propõe.

4.2.4– A estória de Cláudio

A estória de Cláudio, que pode ser encontrada em sua versão completa no anexo 1 (seqüência 4), foi gravada e transcrita e, no entanto, começa com “O que eu escrevi” (linha 1). Isso porque Cláudio, antes de nossa frequência, pensando acerca de aprendizados e de sua função, chegou a elaborar um texto. Eu não tive acesso ao texto, embora me parecesse interessante comparar os dois momentos, porque, depois da gravação, Cláudio o apagou de seu computador.

A análise da estória de Cláudio foi sem dúvida o momento mais desafiador desta pesquisa. Relaciono isso não somente ao fato de que esta seja o relato mais extenso do *corpus* que estudo, como também à complexidade da estrutura avaliativa utilizada por ele. Optei por selecionar três fragmentos de sua estória, cuja versão completa encontra-se no anexo 1 (seqüência 4), que me pareceram mais relevantes para a análise e três fragmentos da APE 2 (anexo 2, seqüência 11) nesta análise. A maior parte da estrutura secundária na avaliação de Cláudio está baseada em interrupções do fluxo narrativo, ou seja, avaliações externas que admitem grandes blocos de texto (em itálico na seqüência 4 do anexo 1) nos quais Cláudio dirige-se a mim e explica porque avalia que sua estória é reportável.

No entanto, existe um movimento em relação ao uso das pessoas no discurso, a partir do qual certos pontos da avaliação podem ser encarados como avaliação externa, mas também como ações avaliativas, i.e., coisas que Cláudio diz que os outros fizeram. Tal fronteira pode ser bastante tênue se observamos as influências discursivas do uso do “se” como indeterminador do sujeito (linha 139); da utilização de uma primeira pessoal do plural que, por vezes, parece referir-se a ele e Viviane,

por vezes parece referir-se ao grupo como um todo; existe ainda o uso da palavra “equipe” (linha 167) como uma entidade a que ele atribui ações e o uso de “você” (linhas 114-116). Assim, a fronteira entre o que é avaliação externa e o que é atribuído a outros a partir de ações avaliativas complexifica-se.

Cláudio começa dizendo que essa é “uma estória que eu passei a me dar conta mais agora há pouco tempo” (linhas 1-2) donde infere-se que existe uma elaboração prévia, uma reflexão acerca do tema. A trajetória de aprendizagem posiciona-se claramente desde o início do texto: a estória faz parte de um processo maior.

Cláudio diz ter “gravado” (linha 14) esse primeiro dia, lembrando: “Porque a gente trabalhava muito, né, e parecia que tinha um exército trabalhando e, mas eram duas pessoas só... eu e a Viviane colando cartaz no colégio...”. Aqui, começo a divisar a fronteira entre o que Cláudio abertamente avalia e o que ele coloca como tendo sido feito por outros.

Na estória de Alice, existe um ponto em que ela refere-se a uma reunião a partir da primeira pessoa do plural. “Nós fizemos reunião” que ela diz que foi “normal” e “natural”. Rafael, ao orientar-me acerca de seu grupo de amigos, diz: “A gente sempre se reúne” e tais avaliações parecem ser voltadas para quem ouve e se referirem à identidade coletiva em questão, seja ela a de humanista ou a de participante de um grupo de amigos. Ainda que tal identidade seja atribuída pelos autores em sua construção da estória, parecem alinhar-se à função de orientação, ou seja, preciso como ouvinte considerar que as coisas realmente aconteceram dessa maneira para compreender o restante da estória.

No caso de Cláudio, poderia considerar o uso de “a gente” (linha 15) da mesma maneira, não fosse a observação mais geral quanto à utilização das pessoas do discurso em diferentes pontos da estória. Considero importante destacar que as ações de trabalhar muito e colar cartaz nesse ponto estão se referindo a ações atribuídas a Viviane, sua acompanhante, ou seja, ações avaliativas. Destaco esse ponto porque é de fundamental importância para a estória de Cláudio que ele e sua acompanhante tenham realmente realizado tais atividades da maneira que ele as avalia. Cláudio começa a compartilhar com Viviane uma ação coletiva que é mais valorizada no texto, segundo seu ponto de vista, porque duas pessoas realizavam a função de

muitos, “um exército” (linha 16). Em seguida, Cláudio apresenta considerações em relação ao número de pessoas que ele estima tenham sido contatadas ao longo do período de divulgação, o que enfatiza ainda mais a desproporção do trabalho feito por ele e por Viviane.

No fragmento 4.4, Cláudio diz: “de fato eu não podia imaginar o que... que daquele momento ali, daquele dia” (linhas 22-23) iria surgir um projeto que “ia durar 6 anos” (linha 25) e “que eu iria conseguir organizar por um bom tempo um grupo de pessoas ao redor desse projeto” (linhas 25-27).

Fragmento 4.4

FREQUENTAÇÃO CLÁUDIO/SABINE – GRAVADA E TRANSCRITA

Avaliação externa

Avaliação encaixada

Ações avaliativas

22	<i>turmas por dia, às vezes, dá pra chutar isso...isso daí. E de fato eu</i>
23	<i>não podia imaginar o que...que daquele momento ali, daquele dia</i>
24	<i>que a gente convidou pessoas pra irem Sábado na UERJ fazer</i>
25	<i>inscrição que ia surgir um projeto que ia durar 6 anos...que eu ia</i>
26	<i>conseguir organizar por um bom tempo um grupo de pessoas ao</i>
27	<i>redor desse projeto, que eu ia ter pessoas que estão comigo até</i>
28	<i>hoje ou como amigos, né, ou participando do Movimento</i>
29	<i>Humanista e que ia ser tão rico orientar, né, e que ia ser tão rico</i>
30	<i>fazer projetos organizar coisas com outros. Basicamente o que a</i>
31	<i>gente fez foi colar cartaz, foi visitar colégios, dizer que havia um</i>
32	<i>pré-vestibular comunitário que se pagava 40 reais. Na época,</i>
33	<i>perdão, na época, não pagava nada pra para estudar, era tudo</i>
34	<i>grátis. A gente pedia uma...tinha uma taxa de material que eles</i>
35	<i>mesmo pagavam por conta própria, eles mesmo viam quanto é</i>
36	<i>que era de acordo com as xerox que cada um quisesse tirar, mas</i>
37	<i>não havia pagamento. Depois a gente passou a cobrar 30 reais</i>
38	<i>por semestre. <i>E legal desse dia foi que a gente ficou o dia inteiro</i></i>
39	<i>com esses alunos e...a tarde inteira, vamos dizer de 10 da</i>
40	<i>manhã, pegando a manhã, até quase 3 da tarde e no final</i>
41	<i>terminou no bar, num bar em frente a UERJ, conversando sobre</i>
42	<i>um monte de coisas que nada tinha a ver com vestibular e...</i>
43	<i>algumas pessoas saíram dali, foram pra outro lugar que a gente</i>
44	<i>tinha como ponto de referência das equipes do Movimento e</i>
45	<i>tal...E hoje, até hoje, eu ainda tenho contato com 1 pessoa...com</i>

No fragmento acima, Cláudio indica como outro motivo para a reportabilidade de sua estória, o fato de conseguir organizar uma equipe, função que tem como orientar, por um certo tempo, em função do projeto. Cláudio definiu inicialmente a estória como parte de um momento de reflexão: só recentemente ele passou a valorizá-la. Nesse momento, indica que só recentemente conseguiu perceber as conseqüências positivas daquele primeiro dia de inscrição. Ele insere novamente ações avaliativas em “a gente convidou”, o que aparentemente refere-se também à uma ação de Viviane, ou seja, uma vez mais ela aparece no texto como compartilhando do aprendizado sugerido por Cláudio.

Em seguida, começa um novo ciclo de ações avaliativas referindo-se a “pessoas que estão comigo até hoje ou como amigos, né, ou participando do Movimento Humanista” (27-29). Chamo de ciclos porque tais referências serão retomadas em momentos posteriores. Considerarei também a referência a pessoas que “estão” com Cláudio ou estão “participando” do Movimento como ações avaliativas: para a lógica interna na estória é essencial que tais pessoas sejam vistas por ele como em contato ou ativas.

Assim, observo dois argumentos cíclicos que serão retomados repetidamente ao longo da estória, os dois avaliativos e referindo-se a porque a estória é reportável: a) o trabalho intenso (que depende de uma visão de Viviane tendo feito o mesmo trabalho com a mesma intensidade) e b) pessoas que continuam ativas (que depende de uma visão das pessoas como ainda participando ou em contato). Cláudio refere-se ainda à sua função como algo “rico” (linha 29), sendo que orientar está relacionado a fazer projetos e organizar coisas com outros (linha 30).

Ao falar sobre o procedimento utilizado no pré, Cláudio insere uma ação avaliativa em relação aos primeiros alunos do curso: “tinha uma taxa de material que eles mesmo pagavam por conta própria, eles mesmo viam quanto é que era de acordo com as xerox que cada um quisesse tirar” (linha 34-36). Nesse momento, ao referir-se à ação dos alunos, Cláudio posiciona-os como parte do procedimento, ou seja, compartilha com eles a construção do curso ao construir seu discurso. Inicia-se, nesse ponto, um novo argumento que será retomado posteriormente, mais um motivo pelo qual a estória é reportável: os alunos organizavam o curso. Vale lembrar que o

argumento de que ainda existem pessoas hoje em dia envolvidas com Cláudio ou com o Movimento refere-se a alunos também, já que na organização estavam somente ele e Viviane. Um outro argumento é introduzido por “legal desse dia foi que” (linha 38) no qual ele diz que ele e Viviane (“a gente”) ficaram com os alunos durante um grande período de tempo, coisa que tampouco é o que normalmente se espera de uma inscrição, ainda mais quando ele diz que ficaram: “conversando sobre um monte de coisas que nada tinha a ver com o vestibular” (linha 42).

Na estória (anexo 1, seqüência 4), a partir da linha 45, Cláudio retoma o ciclo referente a pessoas que ainda estão em contato, novamente avaliando suas ações como as de pessoas que seguem “como colaboradores” e “outros mais presentes” (linhas 46-47). Em seguida, Cláudio apresenta um desdobramento para seu argumento inicial de que não podia imaginar o que surgiria a partir desse dia, antes relacionado somente às pessoas que ficariam, dizendo que outros projetos tiveram origem no exemplo do seu pré-vestibular (linhas 48 a 54). Ele introduz um novo argumento em: “o barato legal dessa história foi você ter organizado previamente as coisas, ter ido pesquisar é... ter acreditado que as pessoas iam dar aula” (linhas 54-57). O uso de “você” para referir-se a sua ação, já que a pesquisa sobre outros projetos como esse e a organização prévia foi feita por Cláudio, é um ponto interessante da avaliação.

Nesse caso, o texto segue com uma ação avaliativa atribuída a outras pessoas do Movimento Humanista (anexo 1, seqüência 4, linhas 57-60) que diz que vários procedimentos utilizados por outros orientadores atualmente para montarem cursos foram testados ou utilizados pela primeira vez naquele pré-vestibular. “Algumas verdades” (linha 57) que hoje, segundo Cláudio, são consideradas por todos os membros do Movimento, tiveram seu primeiro teste naquele dia. Considerando esse argumento como um foco no pioneirismo do projeto, ou seja, é reportável porque foi pioneiro em termos de procedimentos, o uso de “você” poderia estar relacionado a um distanciamento identitário: já que Cláudio sempre se refere ao projeto como construído por ele e por outros, não se colocar sozinho como pioneiro parece seguir uma tendência discursiva de inclusão de outras pessoas em sua avaliação.

Ao longo da estória parece existir uma sistematização de argumentos para defender sua reportabilidade relacionados ao trabalho intenso; à existência de pessoas que continuam ativas no Movimento; a que os alunos foram construtores do curso desde o princípio; os alunos e organizadores ficaram muito tempo juntos conversando sobre assuntos variados e que o projeto tenha sido pioneiro para outros semelhantes em termos de procedimentos. Para este último argumento existe uma variação difícil de precisar, por causa do uso de “você”, que indica que o importante do dia foi acreditar em coisas nas quais ninguém mais acreditava. Não está claro no texto se esse acreditar é uma ação dele, dele e de Viviane ou dele e de seu orientador (que aparece em um primeiro momento da estória, ajudando-o a pesquisar).

Após elaborar os motivos pelos quais a estória é reportável, Cláudio indica que é “gratificante lembrar desse momento, embora ele não tenha tido um retorno que a gente tá... tá sempre remendando ele” (linhas 71-73). Novamente há uma alteração, em um mesmo período de avaliação externa para ação avaliativa, realizada por um “a gente”. A expressão poderia estar referindo-se a Cláudio e Viviane como organizadores do projeto, ou mesmo somente a Cláudio, como observei no uso de “você” anteriormente.

No entanto, penso que cabe aqui uma informação quanto ao contexto no qual se realizam os projetos de pré-vestibular em nossa equipe. Como reportado na estória, Cláudio foi a primeira pessoa a montar um projeto de pré-vestibular em nossa equipe. Em seguida, quase todos os demais participantes de nosso conselho, inclusive Ricardo, eu mesma e participantes que já não estão mais no Movimento, organizaram cursos de pré-vestibular em diferentes momentos. Foram organizados projetos de cursos pré-técnicos para alunos de oitava série e cursos de idiomas, seguindo o mesmo modelo.

Após as primeiras iniciativas, passamos a chamar os projetos de curso de Rede ou Frente Humanista de Educação e a discutir em reuniões como seria a melhor forma de convocar, se haveria uma taxa ou não (fato a que Cláudio também se refere), entre outros procedimentos. Os pré-vestibulares e pré-técnicos funcionam até hoje e a cada nova turma produzem-se novos materiais, reavaliam-se procedimentos utilizados anteriormente. Uma brincadeira corrente em nossas reuniões no primeiro

semestre de 2006 era referir-se aos projetos como em versão 2.0, como se cada alteração representasse um *upgrade* de programa de computador.

Considerando tal contexto, interpreto o “remendando” a que Cláudio se refere como parte desses processos de transformação pelos quais os cursos foram passando e ainda passam hoje em dia, o que transformaria o “a gente” em uma referência à nossa equipe ou aos humanistas em geral. Nesse caso, apesar de todos os avanços, o projeto “não aconteceu da forma que a gente queria” (74-75) porque não houve o “retorno” (linha 73) esperado em termos de crescimento. Porém, “aconteceram outras coisas que a gente foi... foi apanhando no meio do caminho, que derivaram dele” (linhas 75-76).

No fragmento 4.5, a partir da expressão “o mais legal disso tudo” (linhas 79-80) surge um novo argumento para a reportabilidade da estória: “o lance da intenção” (linha 80). Novamente introduzindo um “a gente” que torna dúbio o entendimento que se segue, Cláudio diz que quando projetamos e intencionamos uma coisa, ela acontece. Ele conecta isso a uma retomada do ciclo referente às pessoas que seguem ativas em diferentes níveis. É interessante observar que, da última vez que mencionou tais pessoas, disse que eram uma ou duas pessoas. Nesse ponto, nomeia cinco pessoas e termina por resumir em “todo esse pessoal” (linha 85). Cláudio termina dizendo que a intenção foi “a princípio de um orientador que foi o meu, que me orientou a fazer o projeto” (linha 86-87).

Aqui, aparece o tema da intenção, já observado na estória de Alice e da superação de limites baseada na livre escolha, como algo que parte do orientador. Cláudio diz que “quando a gente tá com um projeto de orientação e quando a gente intenciona as coisas” (linhas 80-81) as coisas acontecem. Assim, não parece tratar-se da atribuição da intenção de realizar o projeto somente ao orientador dele e sim ampliar a questão da intenção a qualquer pessoa que queira orientar, inclusive ele. Além disso, a intenção aparece como ação em “intenciona”, como um verbo, uma das atribuições do orientador. Se compreendermos o verbo intencionar as coisas como colocar sua intenção na realização das coisas, teremos um procedimento atribuído à função de qualquer orientador.

Fragmento 4.5

FREQUENTAÇÃO CLÁUDIO/SABINE – GRAVADA E TRANSCRITA

*Avaliação externa*Avaliação encaixada**Ações avaliativas**

79	na, na Tijuca agora foi pro Fundão, né? Então é isso, <i>o mais</i>
80	<i>legal disso tudo é pro...é o lance da intenção que é a gente tá com</i>
81	um projeto de orientação e quando a gente intenciona as coisas e
82	planifica, realmente acontece, realmente você vai produzindo
83	<i>com a coisa. Então, se eu conheço a Cleide, se eu ainda tenho</i>
84	<i>contato com o David, se ainda tem alguma...a Marina, o...o</i>
85	<i>Ernani, Verena...todo esse pessoal que eu tenho contato ainda</i>
86	<i>ligado ao pré-vestibular parte dessa intenção a princípio de um</i>
87	<i>orientador que foi o meu, que me orientou a fazer projeto.</i>
88	Depois eu que aceitei, fiquei orientando outros nesse projeto e
89	daí em diante surgiram essas pessoas. <i>É a comprovação de que</i>
90	<i>não existe acaso quando...e que o acaso até pode existir, mas que</i>
91	<i>a gente não precisa esperar a sorte ou esperar que as pessoas</i>
92	<i>apareçam. A gente pode intencionar, de uma forma organizada a</i>
93	<i>construir projetos e as pessoas vão aparecer. É um papel que eu</i>
94	<i>posso fazer alguma coisa, tem o, se organizar, de forma como</i>
95	<i>um...como uma organização de uma orientação de um projeto e</i>
96	<i>que você planifica, coloca as coisas em prática, pensa, repensa,</i>
97	<i>avalia e coloca e do curso...em curso, constrói assim, no futuro,</i>
98	<i>uma situação que você não sabe pra onde vai. Pode ser infinita,</i>
99	<i>né...Eventos que a gente nem sabe...essas pessoas já viajaram</i>
100	<i>comigo pra outros estados, é...abriu a...a vida delas se abriu pra</i>
101	<i>outras coisas porque alguém colou um cartaz chamando alunos</i>

Ainda no fragmento 4.5, Cláudio retoma o argumento da intenção com sua colocação de que o acaso não existe ou, se existe, não determina nossas ações no mundo. (linhas 89-92). O “a gente” parece referir-se a um conjunto mais amplo de pessoas, poderia ser substituído por “qualquer um”, por exemplo. Existe a utilização do eu em: “É um papel que eu posso fazer alguma coisa” (linhas 93-94) como “uma organização de uma orientação de um projeto” (linhas 94-95), donde inferi que o “papel” anteriormente mencionado é o papel de orientador. A visão do orientador na história seria, portanto, a de alguém que organiza um projeto na prática, colocando sua intenção a serviço desse projeto.

Ao mencionar as ações desse “papel”, Cláudio muda de “eu” para “você”:
 “você planifica, coloca as coisas em prática, pensa, repensa, avalia e coloca e do

curso, constrói assim, no futuro, uma situação que você não sabe pra onde vai” (linhas 96-98). Assim, retoma o aprendizado de maneira impessoal, como um aprendizado do grupo ou um aprendizado que pode ser atribuído a qualquer pessoa que comece a montar um projeto a partir de tais procedimentos. O argumento recorrente, que aqui aparece de forma generalizada, é o de que as ações do passado geram conseqüências positivas e não controláveis no futuro. Isso fica claro na ação avaliativa que indica que as pessoas ativas até hoje já fizeram muitas outras coisas, ou seja, “a vida delas se abriu para outras coisas” (100-101).

Existe um outro argumento relacionado ao anterior que parafraseio em: a oportunidade que foi dada às pessoas a partir daquele dia, que Cláudio define como “grande mérito” (linha 104) da história toda. A princípio, acreditei que o grande mérito estivesse relacionado à participação das pessoas, porém, a partir daí, Cláudio define novos argumentos para a reportabilidade da estória: o fato de que Cláudio e Viviane fizeram o que se comprometeram a fazer; com um custo zero ou baixo; com “pessoas que passaram pra universidade” (linhas 107-108) e organizado por voluntários.

Apesar de que ao dizer “Então, esse é o grande mérito”, Cláudio sugere que ainda está no tema da oportunidade dada às pessoas, ele parte para uma maior delimitação das características do projeto, das qualidades do projeto em si, ampliando o conceito de oportunidade. Retoma o argumento do pioneirismo a partir de uma avaliação encaixada, um discurso direto atribuído a aqueles que diziam que “Não, isso não vai funcionar, isso é assistencialismo” (linhas 110-111) relacionado a uma ação avaliativa: “As equipes se formaram” (linha 11), ou seja, os alunos se responsabilizaram pelo curso, o que serviria como prova de que não estavam ali somente recebendo uma ajuda passivamente. A partir daí ele retoma o argumento das pessoas ainda ativas e da intenção, do intencionar como forma de ação.

Após o trecho referente a sua narrativa nuclear, anteriormente analisada, a partir de uma série de avaliações que eu encaro como ações avaliativas, por incluírem Viviane, Cláudio recria o “a gente” como sendo “ele e Viviane” e descreve procedimentos seguindo uma lógica temporal, realizados no dia. Da linha 128 a 139, amplia as características especiais do curso, mencionadas anteriormente, explicando a

parte ideológica do projeto, ou seja, de que ponto de vista os organizadores encaravam um projeto como aquele. Posiciona uma avaliação encaixada ao utilizar-se do discurso direto em “Mas quem coordena? Mas quem é que banca? Mas ninguém vai vir aqui dar aula de graça!” (linhas 141-142) que são dúvidas dos alunos ao inscrever-se. As dúvidas dos alunos retomam as crenças pioneiras do projeto mencionadas anteriormente e geram uma situação prática na qual Cláudio e Viviane têm que responder a coisas em que não eram unânimes nem entre os membros do Movimento Humanista.

Nesse ponto, Cláudio menciona o procedimento que ele chama de “saída mineira”, já comentado na primeira etapa desta análise, através do qual retoma a importância de deixar que as pessoas escolham se querem ou não participar do projeto, conforme vimos na estória de Alice. Em “desses ficaram, muita gente ficou” (linha 152), Cláudio retoma o argumento de que os alunos ficaram muito tempo com eles e de que existem pessoas que entraram naquele dia e seguem ativas: “a Cleide entrou pro Movimento Humanista nesse dia. E até hoje não saiu” (linhas 155-156).

No fragmento 4.6, nas linhas 166-169, Cláudio explica porque o projeto acabou em 2005. É interessante observar que existe uma mudança da identidade pessoal para a identidade coletiva, entre o “eu” e o “a equipe” que é justificada a partir da existência de “outros projetos” e “outros aprendizados”. A colocação é seguida por uma avaliação externa: “Então, na verdade, quando alguém procura, tem onde indicar” (linha 170) o que parece reiterar o argumento dos desdobramentos a partir do dia contado: ainda que o curso pelo qual Cláudio era responsável tenha acabado, o pré-vestibular humanista, no qual ele foi pioneiro, não acabou. Cláudio encerra sua estória retomando o argumento do pioneirismo: quem acreditou nessa iniciativa continuou e quem não acreditou deve estar fazendo outro pré (linhas 185-187).

Fragmento 4.6

FREQUENTAÇÃO CLÁUDIO/SABINE

Avaliação externa

Avaliação encaixada

Ações avaliativas

166	Bell onde a gente ficou até o ano de 2005 , quando eu decidi que
167	não ia mais estar fazendo pré-vestibular, né, a equipe decidiu que
168	não ia trabalhar mais com pré-vestibular , mas aí já existiam
169	outros aprendizados, né...outros projetos de pré funcionando.
170	<i>Então, na verdade, Quando alguém procura tem onde indicar.</i>
171	Tem o Fundão fazendo umas 4 turmas lá. Então a metodologia
172	naquele dia foi essa, foi muito simples. Era pedir reciprocidade
173	pedir que eles fariam o mesmo que foi feito por eles para
174	outros... E já na semana seguinte eles apresentaram o projeto.
175	Quando a gente se dividiu em grupos eles já sentavam no grupo.
176	E foi indo, foi indo. Na Segunda leva apareceu já um grupo de
177	alunos do colégio Graham Bell que eu convidei, que eram alunos
178	meus aqui, que se juntou a esse grupo, mais um pessoal do
179	colégio Prado Junior. E ali se formou a equipe e essa equipe foi
180	uma equipe que perdurou por ali por um ano, organizando esse
181	pré voluntariamente. Os alunos eram que organizavam, os
182	professores eram voluntários, os alunos é que coordenavam o
183	projeto. Eles é que tinham equipes pra tudo, pra professor, pra
184	ligar pra professor, para material, pra distribuir material, para
185	construir horário...Então, quem acreditou...nessa, nessa forma de
186	estrutura, de trabalho, voltou. Quem não acreditou foi procurar
187	outro pré, deve tá por aí em alguma faculdade, tomara...E a gente

Até então, não teçi muitos comentários em relação à construção identitária na estória de Cláudio. Preferi, primeiramente, tentar abordar a estrutura cíclica de seus argumentos ao longo da estória e o tratamento impessoal ou dúbio em diferentes momentos do discurso. A partir desta análise, considero que existe uma tendência a generalizar desde o mais específico relacionado ao dia que Cláudio reporta ao que se refere às realizações geradas por sua iniciativa pioneira: os mesmos argumentos utilizados para justificar a reportabilidade de sua narrativa nuclear, que ocupa algo em torno de 16% da estória completa, em relação ao dia de inscrição são ampliados em relação a outros cursos, outras atividades geradas a partir daquela iniciativa.

Existe uma tendência a relacionar todas as justificativas para a reportabilidade da estória a ações de outras pessoas, o que poderia ser visto como alinhado à tendência discursiva mais geral de nosso grupo de valorizar ações voltadas para outros. No entanto, a maneira como tal tendência é construída a partir da impessoalidade gera uma situação na qual a identidade coletiva está bastante saliente, a identidade social pode ser inferida a partir do argumento do pioneirismo, mas a identidade pessoal não é trabalhada explicitamente em quase nenhum momento da

estória. À diferença da estória de Alice, que se referia a um momento no qual ela não estava presente, quase todos os momentos, procedimentos, referentes ao dia de inscrição, contaram com a participação ativa de Cláudio, o que gera um questionamento interessante em relação à função de tal impessoalidade.

Ao analisar a estória de Cláudio, retornei a ele minhas impressões quanto ao grande número de argumentos utilizados para justificar sua estória. Apresentei-lhe uma interpretação em que acreditava que ele passava a maior parte do tempo se justificando. Ele comentou que não tinha observado isso, que poderia ser interessante observar se fazia isso em outros momentos, mas não tinha consciência de tal processo como uma tendência discursiva sua. Vale dizer que o tema da impessoalidade, que não cheguei a apresentar a ele, é algo que observo como tendência permanente sua em diferentes momentos, em especial a utilização de “a gente” referindo-se a diferentes grupos ou com a função de generalizar e a utilização de “você” ao mencionar aprendizados pessoais.

Cláudio realizou a reflexão proposta pela APE 2 oralmente (anexo 2). Ainda que tenha buscado organizá-la nos três momentos sugeridos (Análise da Situação, Tensões e Climax), vários dos temas presentes em cada um dos momentos se repetem, seguindo uma estrutura cíclica de argumentos semelhante à de sua estória. Assim, Cláudio começa descrevendo sua situação como sendo “de inércia” (linha 1)

Cláudio descreve sua inércia como uma falta de ação no sentido de construir projetos sociais: “eu não tenho caído pra fazer atividade, não tenho ligado pras pessoas pra me reunir com elas, eu não tenho... botado a mão na massa” (linhas 3-5). Ele indica estar “inquieto com uma... seqüência de fracassos” (linhas 7-8) e diz: “tô muito preocupado em até que ponto eu tô em resistência e até que ponto eu tô ponderando pra não entrar noutra furada” (linhas 8-10).

Vale esclarecer que o conceito de resistência, em nosso grupo, refere-se a dificuldades que temos diante de uma atividade proposta ou atitude a ser tomada que nós queremos realizar, porém apresentam limites a serem superados, tais como os limites apresentados por Alice como tensões suas. Assim, as resistências são limites que queremos e/ou devemos superar se quisermos realmente colocar alguma coisa em marcha. Daí vem a diferenciação entre estar em resistência e ponderar para não

“entrar em outra furada”. Minha primeira observação diz respeito à discrepância entre o ponto de vista apresentado anteriormente na estória e o ponto de vista de “fracasso” apresentado como “situação” atual.

Cláudio representa nesse trecho de sua reflexão o projeto de pré-vestibular como algo que não funcionou (linha 16), o que cria uma polarização com a interpretação de desdobramentos futuros proposta pela estória que ele conta. Para compreender tal polaridade é preciso distinguir entre os resultados que Cláudio esperava como orientador, expostos na APE 2 e os resultados expostos como argumentos na estória. Na APE 2, Cláudio diz que não gerou estrutura a partir do pré (linha 20), ou seja, não gerou uma equipe de membros ativos do Movimento Humanista a partir do pré.

A partir deste olhar, tenho uma nova compreensão da necessidade do ciclo de justificativas em relação à estória do primeiro dia de inscrição, bem como do argumento relacionado a pessoas que se mantiveram ativas. São poucas as pessoas que se mantiveram ativas, na estória, orientadas por Cláudio. Existem sim, pessoas que ficaram como colaboradoras mais distantes e pessoas que são bastante ativas, mas surgiram de outros projetos de pré-vestibular, não orientados por ele. Assim, observo a relação entre os exemplos de pessoas que Cláudio rememora ao longo da estória e a sensação de que talvez ele não tenha virtude para gerar estrutura a partir de um projeto como o pré (linhas 19-20).

No momento seguinte, Cláudio indica que não consegue fazer coisas diferentes do pré para montar estrutura (linhas 21-24) e que, portanto, dedica-se à formação do Partido Humanista, contato com instituições, abertura de outros estados, como possibilidade de gerar estrutura (linhas 24-29). Abre uma oposição entre este tipo de projeto e “aquele projeto arraigado como tem, como eu fiz na reprodução” (linhas 29-30). O que chamamos de projeto arraigado é uma atividade desenvolvida em um local onde existe uma concentração de pessoas por interesse comum, ou seja, um bairro, um local de estudo ou trabalho. Cláudio refere-se à “reprodução”, momento do início do semestre no qual nos reunimos para planejá-lo. Cláudio diz que apesar de Ter planejado um projeto arraigado, está seguindo com projetos diferentes,

porque, como ele diz: “não me sinto forte pra puxar uma questão de arraigo agora, que a minha situação é, é... motriz, é meio zero”.(linhas 31-32).

Cláudio indica não ter forças pra ir para um bairro, “mesmo com aquele papo de que ‘Não é só você, vão ser as pessoas que vão vir e tal’” (linhas 34-35) que parece referir-se a um intercâmbio durante a “reprodução” no qual falamos sobre como temos que delegar desde o início funções para aqueles que se aproximam dos projetos, dividir com eles o que precisa ser feito e observar quem permanece a partir da ação e quem sai. Como expliquei na análise da estória da Alice, é colocar os outros em situação de superar seus limites, não fazer sozinhos o projeto. Cláudio coloca que, ainda sim, o processo é muito trabalhoso, até que apareçam essas pessoas dispostas a ajudá-lo. (linhas 36-37). Representa como um “luxo” esse processo de “tentar encontrar uma coisa agora que não me seja tão trabalhosa” (linhas 38-39).

No fragmento 11.1, o excesso de trabalho com o pré-vestibular (linhas 39-44) está relacionado ao momento em que Cláudio diz que se “matar de novo” (linha 41), que não quer “construir um projeto que no final do semestre quando entrego os dados falo: ‘ Caralho, que bom que eu não preciso mais correr atrás disso ou daquilo’” (linhas 43-44). É interessante observar que o mesmo argumento de trabalho excessivo, realizado por duas pessoas apenas, e visto de maneira positiva na estória, é retomado aqui como algo negativo.

Fragmento 11.1

ANÁLISE DA SITUAÇÃO, TENSÕES E CLIMAS – CLÁUDIO

39	Encontrar uma coisa agora que não me seja tão trabalhosa. Esses
40	Anos todos de pré foram muito cansativos, eu...num tô a fim
41	de...de me matar de novo, entendeu? Num tô a fim de construir
42	um projeto que no final do semestre quando eu entrego os dados
43	falo: “ Caralho, que bom que agora eu não preciso mais correr
44	atrás disso ou daquilo. A tensão que eu tenho é justamente
45	essa...esse...é...essa dúvida que que até que ponto eu não tô me
46	fudendo só e num tô percebendo, eu tô...na verdade, eu

Já no fragmento 11.2, Cláudio retoma a tensão inicial expressa em estou “me justificando” (linha 47) para não agir, “tô me acomodando” (linha 48), “intelectualizando demais a história” (linha 49). Tal tensão foi oposta anteriormente a

uma necessidade de refletir para não entrar em outra “roubada” que, inferi, relaciona-se ao excesso de trabalho que parte de um curso de pré-vestibular. Cláudio diz preocupar-se com sua “falta de ação” (linha 53) e indica sentir-se “inútil” ou “funcionário público” (linhas 54 e 55). Aqui, ele parte de uma identidade social na qual ele seria visto pelos demais, como sugerido pelo discurso direto, como alguém que “tem potencial” (linha 56), um potencial para a ação: “porque ele faz, porque ele poderia ser isso, poderia trabalhar com isso...” (linhas 56-57), segundo a opinião que os outros teriam dele. No entanto, ele diz não se sentir “representando nada” e nem “orientando ninguém” (linha 58), donde inferi que uma das ações do orientador implícitas na reflexão é a de representar aqueles que orienta.

Fragmento 11.2

ANÁLISE DA SITUAÇÃO, TENSÕES E CLIMAS – CLÁUDIO

47	tô...é...me justificando mesmo, pra não fazer porra nenhuma. Até
48	que ponto eu num tô me acomodando, entendeu? Até que ponto
49	eu num tô...é...intelectualizando demais a história, né, e aí nunca
50	vou sair do lugar, por causa desse intelectual, nunca vou fazer
51	porra nenhuma...porque num...num (incompreensível), num é,
52	num é, num é real, essa porra. O que tá me preocupando mais é
53	essa minha falta de ação. Eu tô muito tenso porque eu me
54	sinto...é...inútil...dentro do Movimento Humanista...me
55	sinto...é...funcionário público. Eu num sei...as pesso...as pessoas
56	vão dizendo assim: “Pô, o cara tem potencial, porque ele faz,
57	porque ele poderia ser isso, poderia trabalhar com isso...” Eu não
58	me sinto representando nada, não me sinto orientando ninguém.

A visão do orientador em termos de representatividade, ainda não mencionada nas estórias anteriores, é apresentada como um problema que leva Cláudio a questionar sua presença nas reuniões (linhas 59-66). Ele diz não ter a quem representar, por não se sentir orientando ninguém e portanto, sente dificuldade em posicionar-se em relação às propostas da reunião por falta de representatividade. Aqui, parte para uma visão bastante negativa de sua participação como algo que faz “intelectualmente” (linha 66). Ele diz que não é um pensador (linha 67) e relaciona isso a um exemplo na área da política: “tem alguns cargos em partidos políticos que é

o cara responsável pela política, que é o cara que pensa a política... Mas ele fica em casa coçando o saco, enquanto tem o cara que age” (linhas 68-70), uma postura que ele rejeita (linha 72).

Existe uma referência, neste ponto, a uma função que Cláudio às vezes cumpre: a de porta-voz (linha 73) e que ele vê como negativa, como de “consultor” (linhas 75-77). Ele indica que tal posição é teórica (linha 80) e que isso é incoerente: falar o que ele fala e não ter uma ação correspondente na prática. (linhas 80-82). Ele assume a postura de quem está sendo “um pouco impiedoso” (linhas 81-82) e diagnostica que “não tem muita coisa construída” (linha 82). Uma vez mais, seu posicionamento reflexivo é o oposto do que ele constrói como avaliação dos resultados de anos dedicados ao projeto do pré-vestibular no qual reporta a questão do pioneirismo e dos desdobramentos futuros incalculáveis.

A reflexão, neste momento, retoma a questão de que não existem pessoas orientadas por ele, além de não existirem ações práticas no campo da “frente de ação, do campo social” (linha 85). Aparece a noção do pré-vestibular como “válvula de escape” (linha 87) que parece ser entendida por ele como um projeto que ao menos lhe fornecia uma ação no mundo, que lhe permitia responder perguntas em relação à sua ocupação no Movimento (linhas 88-91), ainda que, retomando a discussão anterior, ele não conseguisse “gerar estrutura” a partir dele, que é seu real objetivo como orientador. É interessante notar a influência da identidade social, da maneira como ele constrói sua imagem perante os outros.

Ao mencionar o “clima” que sente em relação à função de orientador, Cláudio reconhece que já mencionou como se sente, mas segue desenvolvendo o raciocínio da falta de prática aliada a teoria. Assim, diz sentir um clima de “meio de inutilidade” (linha 92), sentir-se “fútil” (linha 95), “um charlatão”, “meio canastrão” (linha 98), um clima de “meio de... individualismo” (linha 105). Ele retoma sua identidade social dizendo que os outros não vêem as coisas dessa maneira (linha 102-103), mas que ele vê sua ação como algo no passado.

No fragmento 11.3, Cláudio retoma a identidade social, construída a partir do discurso direto atribuído à Andréa que nega seu individualismo, colocando o fato de que Cláudio se veja como individualista na categoria de postura impiedosa (linhas

105-108) tal como ele mesmo caracterizou-se anteriormente. Ele parte, então, para a justificativa de seu individualismo dizendo que ter tanto acúmulo de experiência e não colocá-lo em prática é muito individualismo (109-112). Cláudio menciona uma lentidão como clima: “eu tô a 10 km por hora e a necessidade do momento é de acelerar muito mais” (linhas 115-116)

Fragmento 11.3

ANÁLISE DA SITUAÇÃO, TENSÕES E CLIMAS – CLÁUDIO

105	de...individualismo, nesse ponto, falei com a Andréa na última
106	reunião e ela falou “Bom, não seja tão impiedoso com você.
107	Você não é individualista. Acho que você não avaliou bem o que
108	você faz e tal.” É nesse sentido que eu faço...eu acho que eu
109	Tenho muita coisa, muito acúmulo de experiência...Eu tenho mal
110	Ou bem muita coisa pra...pra..pra colocar e não colocar isso em
111	Prática em projeto, em atividades, não me atirar de cara nisso é
112	Muito individualismo. Então assim, é...de repente pra alguém que
113	Veio indo em todas as reuniões dos organismos, todas as reuniões
114	Semanais, me chama pra fazer qualquer coisa eu não furo, parece
115	Que eu não sou individualista. Só que eu tô a 10 km por hora e a
116	Necessidade nesse momento é de acelerar muito mais. Então, um

Destacando alguns elementos avaliativos que me pareceram mais relevantes ao longo de toda a estória, a primeira observação diz respeito aos elementos numéricos, referentes à quantidade de pessoas envolvidas pelo projeto do pré-vestibular, como elementos avaliativos positivos (linha 19 e 53), relacionado ao fato de que Cláudio e Viviane trabalhavam “muito” e como um “exército” (linha 16). A mesma construção utilizada positivamente na estória e, inclusive, construída cuidadosamente a partir de estimativas numéricas, é vista como negativa quando Cláudio reflete acerca de querer ter todo esse trabalho novamente. No entanto, a falta de ação social, abundante na situação do pré segundo ambos os relatos, também é vista como negativa, o que configura sua contradição discursivamente.

Em segundo lugar, na estória existem duas menções a pessoas que seguem “até hoje” (linhas 27-28 e linha 156) que não são reportadas na reflexão posterior. Vale explicitar que a estória e a reflexão foram gravadas continuamente, em uma mesma frequência. A separação entre um momento e outro parece ser sugerida

quando Cláudio diz: “aquele presente que é hoje um passado tão distante que nem parece que existiu” (linhas 120-121). No que diz respeito às pessoas que ficaram em diferentes níveis de comprometimento no Movimento, realmente não existe menção na reflexão posterior. Cláudio menciona que “não podia imaginar” (linha 23) e “jamais ia imaginar” (linha 48) todos os resultados trazidos por aquele dia, chegando a dizer que o dia rendeu muita coisa (linha 121), “muito contato, muita coisa legal” (linhas 69-70). Ele diz que ver “tudo isso” é “muito gratificante” (linhas 70-71)

Cláudio diz que “o mais legal disso tudo” (linhas 79-80), o argumento que posiciona como o mais importante na estória, é o tema da intenção na prática, ou seja, o intencionar alguma coisa. A partir da intenção posta em prática por um orientador, ele diz que a ação “realmente acontece, você vai produzindo com a coisa” (linhas 82-83). Chega a mencionar tal argumento como uma “comprovação” (linha 89) de que “não precisa esperar a sorte ou esperar que as pessoas apareçam” (linhas 91-92), que podemos intencionar “de uma forma organizada” (linha 92) a construção de projetos e as pessoas “vão” (linha 93) aparecer. Se retomar as colocações da reflexão em relação ao “gerar estrutura”, no qual um dos problemas era justamente o que fazer enquanto as pessoas não aparecem e o trabalho é intenso, temos uma visão negativa e não tão determinista (como sugerido pelo verbo no futuro do presente) do mesmo fenômeno.

Cláudio indica que no “ritmo de orientação em equipe” (linha 114) você “transforma” o mundo. Que a situação gerada pela mudança pode ser “infinita” (linha 98) quando um orientador “intenciona colocar um projeto em marcha” (linhas 113-114). É interessante observar a utilização da palavra “ritmo” para descrever esse momento, quando na reflexão Cláudio refere-se a uma “lentidão”, a estar a “10km por hora” (linha 115).

Há também uma série de diminutivos relativos a transformação do mundo previamente mencionada, quando Cláudio diz que tal ação transforma “um pedacinho” (linha 115) a cada “momentinho” (linha 116) como nessa “historinha”, o que parece cumprir com a função de redimensionar o potencial de transformação do projeto tal qual este é construído no discurso. Assim, Cláudio refere-se à “um pedaço de revolução” (linha 116) e valoriza os momentos do projeto a partir de um olhar

processual, uma observação da trajetória de aprendizado, no que diz respeito à mudança do mundo, como algo que se constrói momento a momento.

A interpretação para a análise comparativa das duas APEs poderia indicar um conflito identitário profundo no qual a maneira como Cláudio se vê em ambas é totalmente contraditória. À luz das análises anteriores e buscando compreender se a estória serve como compensação a dificuldades observadas no processo reflexivo, poderia dizer que está seria uma estória compensatória e com tendências à fantasia, ou ter a estória como posicionamento principal e ver a reflexão como fantasiosa, identificando uma tendência à autocrítica que sairia do campo Lingüístico totalmente.

No entanto, existe um ponto de ligação entre as duas APEs: o momento em que Cláudio comenta na estória porque o projeto acabou, dizendo que não estava gerando “crescimento” e o momento em que, na reflexão, Cláudio coloca sua dificuldade em “gerar estrutura” a partir do pré-vestibular. Os dois momentos relacionam-se à dificuldade em armar equipes de membros qualificados do Movimento Humanista (“estrutura”) a partir de projetos como aquele. É interessante notar que, na estória, este é justamente o ponto em que Cláudio troca de “eu” para “a equipe” ao contar sobre quem decidiu acabar com o projeto. Na estória Cláudio diz que “a equipe” assim o decidiu, mas também informa que outros projetos semelhantes surgiram a partir daí, ou seja, alguma equipe certamente decidiu continuar. Na reflexão, Cláudio deixa claro que a impossibilidade de “gerar estrutura” a partir de um projeto como esse pode ser um problema seu, exclusivamente, ele pode não ter as “virtudes” necessárias para isso. A única coisa que posso inferir a partir dos dados é que a identidade pessoal foi transformada em identidade coletiva ao referir-se a uma decisão sobre a qual, posteriormente observo, Cláudio não tem muita certeza em termos de produtividade (considerando as discussões em relação à ação social e à inércia).

Eu poderia entender a estória como compensatória no sentido de que fornece material para justificar um novo projeto de pré-vestibular. Porém, as justificativas apresentadas ao longo da APE 1 são argumentos em prol da valorização da experiência passada de Cláudio, que ele delimita em sua trajetória de aprendizagem como passada, a ponto de fazê-lo comentar que parece que a experiência nunca

existiu. Além disso, já notei o caráter impessoal da construção discursiva na estória de Cláudio, no uso das diferentes pessoas do discurso e de estratégias de indeterminação. É a esse ponto que me apego ao buscar uma linha identitária entre os dois textos estudados.

Em termos de identidade pessoal, eu poderia inferir que Cláudio posiciona-se como alguém que trabalha muito, que explica ideologicamente a função do projeto, que é pioneiro, que é experiente, entre outros atributos relacionados na estória. No entanto, considerando a identidade pessoal aquela que o autor atribui a si mesmo, tais inferências tornam-se forçadas, dada a impessoalidade com que Cláudio apresenta sua experiência. Já na APE 2, tal identidade, no que diz respeito à função de orientar, é traçada a partir de um ponto de vista negativo, na qual ele coloca explicitamente que não se vê como orientador.

Em termos de identidade social, a tensão fica mais evidente na APE 2, na qual existe um movimento que vai da visão positiva (não-individualista, ativa) que os demais têm dele a uma preocupação com ter o que dizer aos outros. Neste último extremo, Cláudio chega a indicar como sua única atividade atual o fato de pensar e falar o que ele acha. Constrói ainda a representação do “humanista de merda” (linha 118) referindo-se a atitude de quem fala e/ou teoriza, mas não age. Essa representação parece estar na linha divisória entre a identidade pessoal e social, ainda que, em nenhum momento, Cláudio indique pessoas que tenham visto ele dessa forma, ele refere-se a diferentes posições sociais (cargos políticos, funcionários públicos, bambambans) que remetem a tal construção social da identidade. Isso poderia indicar uma percepção de que, o que os demais falam, não é o que pensam.

Em termos de identidade coletiva, observam-se tendências e construções discursivas do que é ser um orientador alinhadas ao conceito de reciprocidade, vontade/intenção (agora colocada como uma ação e não somente uma predisposição como na estória de Alice), valorização da ação direcionada a outros (oportunidades dadas aos alunos dos curso) e da visão da trajetória de aprendizado como um processo, que está marcada desde o início mesmo do relato. Todos esse posicionamentos corroboram as visões anteriormente percebidas no discurso como

tendências de nossa equipe, dadas pela comunidade de prática na qual estamos envolvidos.

O que me parece interessante observar é que apesar de que ao pedir a estória relacionada a um aprendizado na função de orientador (a) eu não tenha pedido que essa fosse uma estória particularmente positiva ou dotada de um final feliz, por assim dizer, todos os relatos têm desfechos positivos. Isso pode ser alinhado a nosso sistema de expertise que nos ensina a observar toda experiência a partir do positivo. No caso de Cláudio, na tentativa de observar o positivo em uma experiência passada, poderia ter nascido a necessidade do recurso da impessoalidade. Tal recurso permitiria que ele justificasse com base a argumentos menores, no sentido de que não estão diretamente relacionados à sua função como orientador de gerar equipes, a validade da experiência e posteriormente se colocasse na sua reflexão como um não-orientador. Essa interpretação torna-se ainda mais interessante se considero a visão de narrativa como a reconstrução de um momento vivido, uma resignificação a partir do presente. Se Cláudio se vê como um não-orientador construir uma narrativa de sucesso na qual a impessoalidade é a maneira de relacionar pontos positivos é uma estratégia útil para seus propósitos.

Vejo esta estória como fundamental para o entendimento de como nossa identidade constrói-se discursivamente. Minha hipótese é a de que a estória de Cláudio não é compensatória porque não está baseada na impessoalidade. Não existe apropriação da experiência de outros, como na estória de Alice, é o próprio narrador que arma a estrutura que o permite distanciar-se do ocorrido. De tal maneira que a estória não pode chegar a servir como inspiração, nesse momento de sua trajetória de aprendizado, pois está construída como algo relevante para o passado, o que justifica sua recusa em aceitar os pontos de vista positivos que os demais têm dele, segundo sua reflexão. Parece existir uma influência direta entre a maneira como Cláudio constrói-se identitariamente no momento atual e a maneira como sua estória é resignificada. Isso faz com que o positivo seja observado à distância, como algo que nada tem a ver com sua identidade na prática.

4.2.5

A estória de Ricardo

Na análise anterior, observei que a estória de Ricardo (anexo 2 – seqüência 5) referia-se a um momento específico no tempo, uma reunião de planificação na Argentina, mas que sua reportabilidade não estava baseada em uma ação no mundo e sim em um processo reflexivo, tal qual o observado na estória de Valdir. A orientação é construída a partir de ações avaliativas em relação às ações de membros da equipe da qual ele participava – uma equipe de pessoas orientadas por uma mulher chilena – e em seguida, o momento do *insight* reflexivo que torna a estória reportável é narrado a partir de avaliações externas.

Nas ações avaliativas do início da estória, Ricardo divide os participantes da reunião entre pessoas que deram um “salto estrutural” (linha 5) e pessoas que como ele, não tinham “dado esse passo ainda” (linha 7). Ricardo explicita em uma avaliação externa que as pessoas participantes dessa reunião eram todas orientadas pela mesma pessoa, ou seja, seus pares. (linhas 2-4) Acredito que tal orientação esteja direcionada a um possível público imaginado desta dissertação, assim como acontece no início da estória de Alice, porque a definição explicitada é bastante conhecida entre todos os participantes da equipe. A atenção a dizer algo que seja útil para a pesquisa também pode ser inferida a partir da interrupção “É pra contar o caso todo?” (linha 9). O “salto estrutural” a que ele se refere é descrito como conseguir configurar as equipes de cada um, “fazer o último passo” (linha 6). Cabe aqui uma digressão para explicar que o “último passo” para um orientador, dentro das experiências que Ricardo já teve, é entrar para a Assembléia do Movimento Humanista, ou seja, chegar ao nível de coordenador geral, o que implica um nível de mobilização e uma estratégia de autofinanciamento bastante bem planejadas.

Ricardo diz: “Eu e algumas outras pessoas não tínhamos dado esse passo ainda... e nos sentimos bastante pressionados a ter que dar esse passo e não sabíamos se estávamos preparados ou não” (linhas 6-9). É interessante observar que, em nenhum momento a pressão está relacionada a algo negativo. A divisão dos participantes da reunião em dois grupos, o dos deram o salto e os que não deram o

salto, com a inclusão dele mesmo na última categoria, parece sugerir uma identidade coletiva momentânea. Snow (1991) refere-se a identidades coletivas como podendo ou não ser espontâneas e permanentes do tempo. Uma manifestação contra o aumento de salários pode incluir membros de sindicatos que já possuem uma identidade coletiva baseada na identidade de membros de uma comunidade de prática. Porém, a mesma manifestação pode incluir membros da classe que reivindica seus direitos que não estejam diretamente relacionados ao corpo sindical ou não se sintam parte dele ao incluírem-se na manifestação. Neste exemplo, criar-se-ia uma identidade dos manifestantes, temporária, um “senso de nós” provisório, dado pelas condições da tarefa realizada em conjunto.

Na estória de Ricardo, a configuração inicial parece ser a de uma identidade coletiva provisória (a daqueles que não conseguiram completar o passo em questão) no contexto de uma identidade coletiva maior (humanistas ou participantes da equipe dele como um todo).

No momento seguinte, Ricardo posiciona-se mais diretamente ao colocar-se em: “em dúvida se eu... como eu e se eu ia dar o salto no próximo semestre, né?” (linhas 11-13), ou seja, sua identidade pessoal é a de alguém que, dentro de um grupo maior que se sente pressionado, fica em dúvida. É uma dúvida em relação ao procedimento (como) e também à possibilidade (se) que ele resume em: “Como é que eu ia fazer a mesma coisa que as outras pessoas tinham feito antes”. (linhas 13-14). Assim, partindo de uma ação avaliativa na qual outras pessoas geraram um modelo do que deve ser feito, Ricardo questiona sua identidade na prática. A ação avaliativa é de extrema importância, pois sem a consideração de que outros fizeram algo que realmente se almeje, não existe problema.

O motivo pelo qual a estória é reportada está baseado no trecho seguinte (fragmento 5.2) no qual Ricardo conta uma experiência interna, individual, dentro da identidade coletiva provisória, a partir da qual ele constrói “uma imagem inicial” (linhas 16-17) que destrava, segundo ele mesmo, sua dúvida em relação à maneira/impossibilidade. O “click” (linha 14) ou “estalo” (linha 15) é expresso “dizendo” (linha 15) coisas: “dizendo que era óbvio que ia ser feito, como ia ser feito” (linhas 15-16). A utilização de “dizendo” me intrigou bastante, pois, em uma

primeira aproximação, existe uma personificação do fenômeno que parece ser retratado discursivamente como psicológico ou interno, na acepção vygotskyana de “diálogo interno” (Vygotsky, 1978). A partir de tal acepção personificada, posso divisar uma diferenciação identitária entre o pessoal – em dúvida como e se – e o fenômeno interno que o leva à compreensão de como fazer e à certeza de que seu “salto” acontecerá. Partindo de tal interpretação, o fenômeno admitiria uma localização discursiva diferenciada em relação à sua identidade pessoal inicial.

Fragmento 5.2

FREQUENTANÇA RICARDO/SABINE – GRAVADA E TRANSCRITA

Avaliação Externa

Avaliação Encaixada

Ação avaliativa

14	tinham feito antes. <i>E foi bastante interessante quando deu o click</i>
15	<i>na cabeça, quando deu o estalo...dizendo que era óbvio que ia ser</i>
16	<i>feito, como ia ser feito e eu consegui construir a...uma imagem</i>
17	<i>inicial na minha cabeça que destravou...que a única coisa eram</i>
18	<i>os detalhes, mas que a decisão tinha sido tomada que sim ou sim</i>
19	<i>aquilo ia ser feito. E obviamente depois de muito trabalho,</i>
20	depois de muita gente ajudando, <i>a imagem conseguiu se</i>
21	<i>concluir...a partir daquele projeto lá naquela reunião na</i>
22	<i>Argentina. Mas foi muito duro, foi muito difícil...é como se você</i>
23	<i>tivesse...é...se atirando... numa piscina sem saber a profundidade</i>
24	<i>da piscina, sem saber direito se você sabe nadar...né?...uma</i>
25	<i>imagem é desse tipo, sem saber se a água tá congelada ou</i>
26	<i>não...mas você resolve se atirar...Você acredita que você vai se</i>
27	<i>atirar e...vai chegar lá do outro lado, né? Num vai morrer</i>
28	<i>afogado. É isso, agora eu tô vendo se eu não vou morrer</i>
29	<i>afogado.”</i>

No fragmento 5.2, Ricardo informa que: “a única coisa eram os detalhes, mas a decisão tinha sido tomada que sim ou sim aquilo ia ser feito” (linhas 17-19). Assim, partindo de uma situação de pressão sentida por um grupo no qual Ricardo se inclui, em relação a um modelo de sucesso na ação provido por outro grupo de pessoas, segundo ele às constrói, existe uma dúvida e um movimento de valorização de uma instância interior que assegura e indica em linhas gerais, pois faltam os detalhes, o

que fazer. É interessante observar que, ainda que eu possa identificar uma espécie de consulta, considerando que o fenômeno diz é o que acaba com a dúvida dele, essa é uma consulta de outra espécie. A diferença da imagem de orientador como alguém que é fonte de consulta em relação ao que fazer e como fazê-lo, ou como uma referência ou modelo, aqui existe uma referência interna. Depois de “muito trabalho” (linha 19) e com “muita gente ajudando” (linha 20) a imagem se concretiza, ou seja, não se trata de um processo em si, mas de uma “imagem inicial” que permite destravar as dúvidas em relação à possibilidade e procedimento. Não se trata de uma negação da necessidade de ação e tampouco da necessidade de ajuda de outras pessoas. Tampouco se trata da negação da necessidade de planejamento (já que os “detalhes” não estavam ainda presentes nessa imagem).

Ainda no fragmento 5.2, Ricardo cria uma alegoria em relação ao momento posterior à configuração da imagem inicial. A imagem se concretizou, mas “foi muito duro, foi muito difícil” (linha 22). Ele coloca uma tomada de decisão como aquela ocasionada por seu “click” ou “estalo” é como “se você tivesse... é... se atirando... numa piscina sem saber a profundidade da piscina, sem saber direito se você sabe nadar... né?... uma imagem é desse tipo, sem saber se a água tá congelada ou não... mas você resolve se atirar...” (linhas 22-26).

Utilizando um marcador de impessoalidade, Ricardo parece introduzir uma generalização acerca de como imagens deste tipo atuam em nós. É uma sistematização da trajetória de aprendizado interno, iniciada por um deslocamento identitário frente a um grupo bem-sucedido naquilo que ele queria realizar e que termina em um diálogo interno que constrói o conhecimento de como sair do estado de dúvida. Ele termina dizendo que “você acredita que você vai se atirar e. vai chegar lá do outro lado, né? Num vai morrer afogado” (linhas 26-27), ou seja, é uma imagem que permite acreditar no ele quer fazer ainda que ele não saiba o que encontrará pelo caminho (“se a água tá congelada ou não”).

Destacando no fragmento 5.2 alguns elementos avaliativos, temos a representação do processo de aprendizagem como “muito duro” e “muito difícil” (linha 22) e como um momento em que a pessoa está “se atirando” (linha 23) e fazendo “sem saber” (linha 24 e 25). A decisão é tomada porque você “resolve se

atirar” (linha 26) e “acredita” que não vai morrer “afogado” (linha 28), segundo a alegoria criada por ele. Assim, parece existir uma justificativa para o fato de que, mesmo que as pessoas que orienta sejam “dedicadas” e “comprometidas”, elas não consigam crescer estruturalmente: é difícil tomar essa decisão, porque não se têm garantias, só aquilo em que se acredita no momento. Ricardo termina realizando uma ligação entre sua alegoria e o presente, ao utilizar-se de “agora” (linha 28), dizendo que no momento de sua reflexão posterior está vendo se não vai morrer “afogado” (linha 29).

Na APE 2 (anexo 2, seqüência 12), Ricardo realiza sua reflexão de maneira organizada, dividida em análise da situação, tensões e climas. É interessante observar que sua situação atual como orientador baseia-se no ponto de vista que ele tem sobre as pessoas de sua equipe. Observei que, ainda que esteja indiretamente relacionada a suas ações, já que ele é o orientador das pessoas sobre as quais comenta, suas ações não são o foco da situação. O foco está em que a equipe que orienta tem “muitas pessoas bastante interessadas, bastante dedicadas, envolvidas, trabalhando, só que, em geral, essas pessoas com muita dificuldade... de juntar outras pessoas nas suas próprias equipes” (linhas 1-4).

Ricardo resume a situação como a de “equipe reduzida... é... nesse momento... reduzindo” (linhas 4-5) o que parece indicar um processo do “reduzida” ao “reduzindo”, um processo em andamento. Observando que identidade se constrói a partir de tal análise de sua função, posso referir-me a um orientador que retoma diretamente a tendência à ação voltada a outros. É também um orientador que reconhece virtudes e qualidades em seus orientados, mas também a dificuldade em reproduzir o que ele mesmo já fez: montar uma equipe.

Na estória, Ricardo coloca-se como alguém que participa do grupo daqueles que ainda não deram o passo necessário e em sua reflexão, posiciona-se como orientador de pessoas que não conseguem dar o passo necessário. Tratam-se de passos de diferentes escalas. Porém, o interessante é que em sua estória ele recupera um momento em que tampouco conseguia ver-se realizando um projeto estrutural, de construção de equipes (ainda que, no seu caso, o projeto fosse mais amplo).

Quanto a suas tensões, Ricardo indica a possibilidade de que a equipe “demore muito para voltar a crescer” (linhas 6-7), ou seja, sua tensão, assim como a situação que descreve como orientador, não está relacionada a uma identidade puramente pessoal e sim uma identidade coletiva, já que o fato de que a equipe não cresça não é atribuído por Ricardo a ele mesmo, como falha sua. No caso das estórias de Valdir e Cláudio, existem posicionamentos pessoais nos quais eles se vêem como responsáveis pela não geração de equipes. No caso de Ricardo, este parece não ser o caso. Ao mencionar na estória que a imagem inicial deu-lhe segurança e um procedimento a ser seguido em linhas gerais, Ricardo diz, entretanto, que o cumprimento da imagem só foi possível com muito trabalho e com a ajuda de muitas pessoas. Da mesma maneira, sua situação e tensão estão relacionadas a outras pessoas.

Ele esclarece isso ao dizer que a tensão é de que “as pessoas da minha equipe, que precisam armar equipe, continuem com equipes pequenas, com pouca possibilidade de ação sobre o meio” (linhas 7-9). Em seguida, posiciona-se como participante do problema ao dizer que “nós” (linha 9) podemos não ter potência para fazer o que precisa ser feito. A potência está relacionada à “nossa possibilidade de influência em direção ao avanço da sociedade” (linha 11-12).

Na estória, Ricardo posiciona-se como parte de um grupo que ainda não conseguiu “dar um salto” que outros deram. Na reflexão, posiciona-se com o uso da primeira pessoal do plural como alguém que faz parte também de uma equipe – aquela orientada por ele – que não consegue multiplicar-se, ou seja, gerar novas equipes a partir das pessoas “dedicadas” e “comprometidas” que ele orienta. Na estória, o que precisa ser feito é ampliar a própria equipe, a equipe de Ricardo, que naquele momento contava com menos membros que atualmente. No momento atual, a tensão é a de que seus orientados não consigam fazer o que ele fez em outro momento. O que ele fez foi basear-se em um modelo de ação de outros que ele coloca como algo que “tinha que” ser reproduzido. Assim, eles (nós) também não teriam um modelo de alguém que tenha conseguido crescer, gerador da pressão que permitiu que ele se voltasse para dentro em busca de uma imagem inicial.

Assim, podemos inferir uma trajetória de aprendizado na qual uma proposta de crescimento (como o "salto") é realizada a partir da observação de modelos existentes: aqueles que foram bem-sucedidos passam a ser para Ricardo modelos do que tem que ser feito. Para conseguir ajustar tal modelo à sua realidade e cumprir o projeto, ele refere-se a um diálogo interno. Já com sua equipe armada, ele tem como tensão que as outras pessoas, as pessoas que ele orienta, não consigam crescer e dar o mesmo salto que ele. Poderia interpretar a construção da sua estória como uma compensação, a partir de um evento muito pessoal, um *insight*, do que está faltando para que as pessoas que ele orienta cheguem ao mesmo ponto em que ele chegou.

Em seguida, Ricardo apresenta sua tensão relacionada a não cumprir o "planejado" (linha 14). O planejado é aportar ao "processo de humanização da Terra" (linha 14). Ele indica uma "solidão" (linha 15) que está relacionada à busca de pessoas que estejam "numa situação parecida" (linha 17) com a dele. Na estória, dois fatores são importantes antes do *insight*: a pressão e a participação em um grupo que estava na mesma situação que ele. A pressão, como já observei antes, não é tida como negativa em nenhum momento e ainda que não seja explicitamente avaliada como positiva, é um dos fatores contextuais que leva ao *insight*.

Em seu posicionamento atual, existe uma busca por um grupo a integrar-se, que poderia ser considerada a busca de um "senso de nós" provisório, tal qual o expresso na situação da estória. Não basta ser parte do Movimento Humanista, desenvolver a postura de orientador, a busca explicita a necessidade de estar com outros que estejam "realmente com vontade de... de dar esse salto" (linhas 17-18). O "salto" em questão já não se refere ao mesmo momento da estória, mas o uso do vocábulo poderia sugerir um alinhamento entre os dois momentos. Em ambos os momentos, existe um "salto" a ser dado.

No entanto, o primeiro momento estava relacionado a um *insight* seu que, ainda que tenha dependido de outros para ser concretizado, partiu de uma "decisão" dele. O segundo está relacionado ao crescimento de equipes orientadas por outros, à decisão de outros. Ricardo não questiona que tal decisão tenha que ser tomada: não diz que as pessoas que estão com ele não querem, não devem ou podem desistir. Ele diz que as pessoas "precisam armar equipe". Assim, parece indicar que, em seu ponto

de vista, existe a necessidade, mas não a decisão. A decisão estando posicionada em um campo de discurso interno que está muito além do procedimento prático nos projetos sociais.

Representa-se uma identidade, portanto, na qual a forma como ele é visto por outros não aparece, nem poderia ser inferida a partir do discurso. Tal dimensão não está enfatizada. A ênfase está em uma identidade pessoal de orientador que, por causa de seu posicionamento na identidade coletiva de nossa comunidade de prática, depende de outros para não morrer afogada, usando suas palavras. Existe uma tensão em relação a modelos a serem seguidos e como tais modelos afetam sua atual identidade, já que foi útil para ele referir-se a um grupo bem-sucedido e tal grupo não existe nem para ele (já que ele busca pessoas que pensem da mesma maneira), nem para as pessoas que ele orienta (já que nenhum deles é colocado como tendo sido bem-sucedido em crescer).

Observando a necessidade de uma “identidade coletiva” provisória, de pessoas com o mesmo objetivo ou com mais experiência, na trajetória de aprendizado de Ricardo, retomo o conceito de ação voltada a outros, nesse momento, em outro nível. A estória de Ricardo poderia ser compreendida como a sistematização de algo útil para ele e que faltaria em seus orientados: a decisão interna. Tal sistematização está expressa na impessoalidade com o uso de “você” com a qual Ricardo parece tentar dizer o que deve ser feito, ainda que esse procedimento esteja relacionado a um discurso interno. Nesse sentido, posso dizer que a estória é uma compensação, pois se refere a algo que ele não consegue produzir atualmente.

4.2.6 – A estória de Andréa

A estória de Andréa (anexo 1 – seqüência 6) parece partir de uma estrutura avaliativa secundária bastante simples. Praticamente toda a estória está baseada em avaliações externas. Andréa realiza somente uma ação avaliativa na qual refere-se ao que seus pares fizeram e que ocupa uma posição importante no relato. Andréa começa com uma orientação referente a seu posicionamento diante de uma atividade e estabelece o conflito de sua estória a partir de dois pólos: por um lado ela “deveria

dar o tom, o ânimo” (linha 2) da atividade; por outro lado seus “hormônios” (linha 2) e a “TPM” (linha 3) fazem com que ela queira “matar um” (linha 3).

Seu questionamento é: como “ser uma referência de bom humor e calidez” (linhas 3-4) em uma situação como essa? Minha primeira observação foi a de que a própria forma como ela organiza o contexto permite a inferência de um conflito entre as identidades pessoal, social e coletiva. Se por um lado sua identidade pessoal não propicia as condições para o desenvolvimento de sua função, por outro lado sua função mesma depende de uma identidade social, de ser vista pelos demais, como uma referência de ânimo.

Pela primeira vez, no *corpus* analisado, tenho uma menção clara à identidade social como meio para a realização de uma função que poderia ser colocada como parte do procedimento da função em si. Ser vista como alguém que é referência de positividade é construído discursivamente como parte de sua identidade na prática. O “Ah” (linha 3) termina a orientação em relação à função esperada sugerindo que o que se espera nem sempre é compatível com a identidade pessoal.

Ao reconhecer como “fato” (linha 4) que ela “podia” (linha 4) não estar presente, Andréa prepara a base para sua decisão como algo prévio ao trabalho com o guia interno. Existia a possibilidade de não ir, mas ela diz que tal possibilidade “parecia pior” (linha 5) do que estar presente.

No fragmento 6.2, Andréa apresenta a possibilidade de não ir como “pior do que ir” (linha 5) e relaciona isso a uma ação avaliativa: seus pares “havam se preparado muito tempo, mobilizado seus grupos” (linhas 6-7). Tal construção esclarece uma trajetória de aprendizado ao longo da qual, como procedimento, existe um impedimento pessoal (a identidade violenta justificada pela TPM e os hormônios), uma avaliação de que ceder a ela não é a melhor saída e, a partir daí a decisão de buscar uma solução.

Fragmento 6.2

FREQUENTAÇÃO ANDRÉA/SABINE – POR ESCRITO

Avaliação Externa

Avaliação Encaixada

Ação Avaliativa

5	<i>Não ir...Mas essa possibilidade parecia ser pior do que ir. Afinal,</i>
6	Era uma atividade para a qual meus pares haviam se preparado
7	Muito tempo, mobilizado seus grupos, e eu havia trabalhado
8	<i>Bastante para o evento. Me sentia com um registro de injustiça</i>
9	<i>Muito grande, indignada contra a natureza, mal dizendo minha</i>
10	<i>Condição, claro, fazia parte do clima. Algo tinha que fazer. Então</i>

É importante que ela avalie a ação de seus pares como envolvida na atividade, além do fato de que ela também tenha “trabalhado bastante para o evento” (linhas 7-8) porque são esses dois fatores os que farão com que ela considere melhor ir do que não ir. É essa ação avaliativa, somada a sua própria avaliação de esforço pessoal, o que faz com que ela conclua: “Algo tinha que fazer” (linha 10) apesar de sentir-se injustiçada, “indignada contra a natureza” (linha 9). Ela diz que isso “fazia parte do clima” (linha 10) e nesse caso, interpreto a palavra clima a partir de seu uso corrente em nossa equipe para referir-se a sentimentos irracionais ligados a determinadas tensões, tal qual a defini no trabalho análise da situação, tensões e climas da APE 2.

O tempo dedicado à construção da atividade é o fator que fará com que seja pior não participar. É interessante observar que, devido à identidade social construída discursivamente para sua função, Andréa não considera a possibilidade de ir e participar ainda que de mau humor. Não existe a possibilidade de participar sem ser referência de clima positivo: participar pressupõe no texto exercer a função por completo. Assim, quando ela diz que sentia uma “injustiça muito grande” (linhas 8-9) ou uma indignação contra a natureza e diz que isso é “claro” (linha 10), localiza seus sentimentos com o agir mecanicamente a que vai se referir posteriormente (linha 20).

Ela utiliza a palavra “registro” que é usada entre nós para referir-se à maneira como nos lembramos de ou sentimos uma determinada atividade (linha 8). Assim, a transformação que ocorre quando da consulta ao “guia interno” é uma transformação de registros, ou de ponto de vista, de um “registro de injustiça muito grande” para registros de “alegria” e “entusiasmo” (linha 15). Como sua decisão de reverter o “clima” está explícita no discurso, podemos inferir acerca do mecanismo do “guia interno” que ele é visto como uma forma de acessar, ou evocar, para usar as palavras

de Andréa, pontos de vista diferenciados e positivos. É realmente uma ferramenta, pois só é utilizada na medida em que ela diz que “algo tinha que fazer” (linha 10).

Na última parte de sua estória (anexo 1 – seqüência 6), Andréa pede ajuda ao “guia interno” (linha 11) para “superar o climaço” (linha 12). O trabalho pessoal ou ferramenta de autoconhecimento, conforme a chamamos, do guia interno é a configuração de uma imagem interna que, tal qual explicitado na revisão de literatura, pode ser visual, sonora, tátil, emotiva ou qual quer configuração permitida pelos sentidos, de acordo com o que mais seja útil para cada um.

O guia interno pode ser um personagem fictício, criado ou não por seu operador, ou uma pessoa de quem se lembre. Pode, inclusive, não ser uma pessoa. O único que se delimita é que tal imagem esteja carregada de três atributos: sabedoria, força e bondade. A idéia é que essa imagem configurada aproxime o operador do que ele acredita/sente de tais atributos e que se converta em fonte de consulta para questões importantes do cotidiano. Indicando uma a paz como “necessária”, junto com a “sabedoria e a força” (linha 12), Andréa posiciona tais atributos como aqueles que poderão ajudá-la a transformar seu “registro” de injustiça. Se retomarmos a questão da espacialidade no texto, sugerida pela conexão com o “profundo” (linha 19), poderíamos inferir que os atributos, a alegria, o entusiasmo, o ânimo são coisas já existentes, já que são evocadas, sistematizadas em imagens “carregadas de significado” (linha 14) e que não são mecânicas, estão em uma localização interna mais profunda. Na superfície, portanto, estaria a mecânica de não se mover por conta de uma situação pessoal desfavorável, um “clima interno infernal” (linha 18) a qual ela estaria submetida. Assim, a superfície é a mecânica e está relacionada a aspectos negativos e o profundo é o positivo (relacionado a memórias ou “registros” positivos em forma de imagem). Tal descrição corresponde fielmente ao que descrevemos como nossa visão de homem, dentro de nosso sistema de expertise e à nossa visão do funcionamento do “mundo interno”.

Assim, Andréa utiliza-se de seu “guia interno” para pedir ajuda e o resultado é imediato (linha 13). Andréa descreve a experiência: “como se abrisse uma caixinha, um conjunto de imagens carregadas de significado começaram a aparecer em minha mente, evocando registros de alegria, de entusiasmo...” (linha 13-15). É interessante

traçar um paralelo entre o “discurso interno” que Ricardo constrói em sua estória e a experiência de Andréa. Em ambos os casos, existe o termo imagem referindo-se a uma construção significativa agregada de sentimentos e não somente a uma imagem visual, tal qual o proposto por nosso sistema de expertise. Tanto a “imagem inicial” de Ricardo, quanto às imagens que aparecem na mente de Andréa são geradoras de ação, o que também corresponde a nosso sistema de expertise. Em termos identitários, tanto Ricardo quanto Andréa posicionam-se como alguém que, por dificuldades pessoais, voltam-se a uma consulta interna. Assim, ao invés de referirem-se à orientação ou qualificação baseada em alguém mais experiente, buscam uma resposta internamente. Esse conceito, presente pela primeira vez nessas duas estórias, interpreto como uma “referência interna” complementar a função do orientador como referência externa.

A partir das imagens que aparecem quando Andréa pede ajuda ao “guia interno”, ela vai para a atividade “cheia de ânimo” (linha 16) e tudo corre muito bem. Nesse momento, Andréa refere-se à “decisão de estar nesta ou naquela situação interna” (linha 17) como sendo de cada um. Comparando o uso da palavra “decisão” na estória de Andréa e na estória de Ricardo, observo que ambas surgem da necessidade. Na estória de Ricardo, uma necessidade que parte de ter que dar um “salto” e de uma pressão. Na estória de Andréa, parte da avaliação de que era melhor “ir do que não ir” à atividade já que muitos, inclusive ela, trabalharam para sua realização. Em sua trajetória de aprendizado, Andréa recupera que “mesmo submetidos a um clima interno infernal” (linha 18) nós podemos superá-lo a partir do que ela denomina de “conexão com o profundo” (linha 19). Em sua construção discursiva, conectar-se com o profundo é não aceitar as coisas mecanicamente (linha 20), o que me remete à narrativa de Alice, na qual coloca-se a questão de superar os “determinismos”.

Considerando a relação entre o “profundo” e a consulta ao guia interno, é interessante notar a espacialidade sugerida pela palavra. Na descrição de Andréa, bem como na descrição de Ricardo, existe uma referência interna a ser consultada que não corresponde a sua identidade pessoal: nem a “imagem inicial” de Ricardo, nem as imagens de ânimo de Andréa estão relacionadas diretamente a como eles se vêem. O

que poderia ser inferido é que Ricardo não posiciona sua decisão como partindo de uma identidade pessoal, já que é a imagem que diz que o projeto será realizado “sim ou sim”. No discurso, ele posiciona-se como se a decisão fosse trazida a ele. Já na estória de Andréa, com sua sistematização final, a escolha aparece anterior à consulta ao guia interno. Seu aprendizado parte do princípio que é possível escolher outra atitude e apoiar-se em outros pontos de vista. Seu posicionamento fica ainda mais claro quando ela percebe, após enumerar seus climas, que “algo tinha que ser feito”.

A análise da situação, tensões e climas de Andréa (APE 2 – anexo 2, seqüência 13), referente à função que ela ocupa, a de setor apoio, é bastante resumida e apresentada organizadamente. Ela descreve sua situação atual como “falta de tempo para acompanhamento” (linha 2), relacionada à tensão de que precisa ajudar seus pares (linha 3) e a um clima de “frustração” (linha 4). A partir de tal reflexão, posso interpretar a estória de Andréa como uma estória de compensação, no sentido de estar referindo-se a uma situação em que ela realmente acompanhou seus pares apesar de dificuldades pessoais. Assim, superou suas dificuldades por avaliar a ação de seus pares como mais importante do que não ir a uma atividade por causa de um clima, ainda que um “clima infernal”.

A estória e a reflexão de Andréa lançam um ponto de vista novo acerca dos climas que são transformados por um mecanismo interno. Poderia representar o aprendizado como: existe a opção de observar o lado positivo das coisas e a partir do positivo construir ações relevantes. A diferença na forma como ela constrói discursivamente tal aprendizado está na escala de valores positivo e negativo, que apresenta o positivo como algo não habitual (não mecânico), profundo e a que acedemos somente por decisão e necessidade. Esse ponto de vista permite que Andréa reitere sua identidade na prática como a de alguém responsável pelo “clima” positivo da equipe: caso contrário, ela não poderia decidir transformar. É interessante observar que é a função que mobiliza tal compreensão de seus próprios sentimentos.

4.2.7 – A minha estória

Minha estória (anexo 1 – seqüência 7) é também bastante extensa e foi redigida durante o processo de realização das outras APEs com meus pares. Em um primeiro momento, definido anteriormente como uma espécie de narrativa dentro da narrativa que serve de orientação, existe uma série de ações avaliativas quanto à preparação de uma viagem que é o tema da estória.

As ações avaliativas posicionam o evento perante “todos os humanistas” (linha 1), afirmação através da qual estabeleço a importância histórica (linha 3) do lugar para onde fomos como se tal importância fosse a mesma para todos os que me acompanhavam. Não tenho como saber como os presentes vivenciaram a mesma estória, no entanto, reforço a orientação como algo em comum para todo o grupo, estabelecendo uma suposta identidade coletiva única, um “senso de nós” que está saliente ao longo do relato. Ao inserir a avaliação externa (linhas 7-8) que explica porque o início do Movimento aconteceu nesse lugar, completo com o uso do discurso direto, atribuído à “ditadura argentina” (linha 7) que teria dito a Silo que fosse falar para as pedras (linha 8). Tal imagem parece reforçar a identidade coletiva inicialmente proposta, já que cria uma polarização ditadura/Movimento Humanista útil à caracterização de nossos ideais não-violentos para possíveis leitores da estória. Assim, me coloco participando de um grupo coeso e oposto à ditadura, além de permanente no tempo, já que “35 anos depois” (linhas 9-10) vai “ouvir o homem falar de novo!” (linha 10).

Quando descrevo as tarefas necessárias a organização da viagem, atribuo sua realização ao Movimento como um todo, seguindo um modelo de que ações foram realizadas: “uma comissão foi armada” (linhas 10-11), “dois ônibus foram alugados” (linha 11). Indico que Ricardo “estava preocupado que a gente chegasse atrasado se fosse de manhã” (linhas 14-15), ainda que o ponto de encontro fosse somente oito horas depois da hora em que chegamos em São Paulo. Assim, construo uma imagem de Ricardo como alguém que se preocupa e, infere-se, exagera em sua preocupação com o horário. A partir da constatação de que “fizemos uma baita confusão” (linha 18), começo a listar uma série de condições difíceis pelas quais passamos, baseadas

em ações avaliativas dos motoristas e da empresa e avaliações externas relacionadas ao tempo. Todo esse preâmbulo que conforma uma narrativa prévia de orientação serve para introduzir “a pior situação” (linha 24) que é o ponto da estória.

A partir do uso da primeira pessoa do plural, começo a referir-me ao grupo de viajantes como passando por situações difíceis na hora de comer ou tomar banho. Existe uma inserção de avaliação externa em: “O almoço era ruim, eu não tinha dinheiro, mil coisas!” (linha 27) que sugere um posicionamento pessoal complicado diante da situação. No entanto, toda estória é contada com base no que o grupo fez e me incluindo, o que poderia ser interpretado como uma avaliação externa, mas que aqui, observo, como ação avaliativa pois, assim como no início da estória, existe a construção de que todos os participantes do grupo estavam interpretando a mesma coisa diante da situação. Assim, discursivamente o “senso de nós” é reiterado a cada momento, na medida em que não só eu, mas o grupo passa por situações difíceis junto e as interpreta da mesma maneira.

No fragmento 7.2, ao dizer: “Foi quando bateu em todo mundo um espírito de ‘não importa o que aconteça, temos que ficar em um bom clima’” (linhas 34-36), realizo uma transição. Até o momento, referi-me às ações de todos os viajantes como um grupo e, por vezes, avaliei meus próprios sentimentos e ações dentro do grupo em separado. A partir daqui, no entanto, a reportabilidade de minha estória passa a depender de um “clima” compartilhado (linha 36) que “bateu em todo mundo” (linhas 34-36). A caracterização de que todas as pessoas entenderam a coisa da mesma maneira é tão marcada e apresentada no discurso como tão acima de dúvida, que, em seguida, coloco uma dúvida: “Eu não sei bem porque isso aconteceu” (linha 37), posicionando o fenômeno de que todos tenham sentido o mesmo como algo que aconteceu realmente. Em seguida, eu me refiro à questão da organização de funções que foram eficientes no “ônibus mais legal” e nem tanto no “ônibus mais ferrado” (linha 37) e introduzo a partir daí uma avaliação quanto à minha colocação diante do grupo, até então indissolúvel como identidade coletiva, como a de uma pessoa que tenta fazer o que deve ser feito por um orientador mais não consegue (linhas 41-45). Eu justifico minha dificuldade dizendo que “a viagem tinha acabado comigo” (linhas 44-45) e que por isso eu “estava com preguiça de tomar qualquer atitude” (linha 45)

Fragmento 7.2

ESTÓRIA DE APRENDIZAGEM – SABINE – POR ESCRITO

*Avaliação Externa*Avaliação Encaixada**Ação Avaliativa**

34	Estávamos parados há seis horas. Foi quando bateu em todo
35	modo um espírito de “não importa o que aconteça, temos que
36	ficar em um bom clima”. <i>Eu não sei bem porque isso aconteceu.</i>
37	<i>No ônibus mais legal (eu estava no ônibus mais ferrado),</i>
38	durante a viagem, as pessoas tinham organizado funções, tinha
39	até uma função de entretenimento, para manter o ânimo durante
40	a longa viagem. No nosso ônibus ferrado, não tinha muito isso,
41	<i>ou se tinha (não me lembro), não foi levado a sério. Eu tentei me</i>
42	<i>animar, me colocar em uma posição de referência, pensar em</i>
43	<i>mim mesma como uma orientadora, que põe as coisas para</i>
44	<i>frente, que anima, que dá gás, mas a viagem tinha acabado</i>
45	<i>comigo e eu estava com preguiça de tomar qualquer atitude. Foi</i>

É interessante observar como a construção de um “senso de nós” indestrutível em termos de coerência textual pode admitir uma participação minha contraditória já que sou parte do grupo que descrevo como motivado por razões históricas e enfrentando grandes dificuldades (uso da primeira pessoa do plural) e, no entanto, me distancio do grupo ao dizer que não estava assumindo a função que me correspondia. Isso cria uma situação de polarização eu/todos os humanistas que, até então, não estava sugerida no texto e a partir da qual eu poderia inferir uma impessoalidade na construção do “senso de nós” já que consigo espaço para observar-me fora dele, nesse ponto. Crio uma tensão entre minha identidade pessoal (como me vejo) e a identidade coletiva (como me vejo no grupo) na medida em que as distancio através da polarização.

Introduzo, nesse momento, o fato que relaciono à vontade do grupo de mudar o “clima” da viagem, apesar de todas as dificuldades: a formação da roda de dança e capoeira. A partir de uma mescla de ações avaliativas e avaliações externas, começo a reportar a formação da roda, o que fizemos e introduzo um discurso direto que é a canção ou brincadeira proposta por um dos paulistas: “a Dança do ChapChap” (linha 58). É interessante observar que com o mecanismo de intercalar ações avaliativas e

avaliações externas, sigo produzindo o distanciamento que me permite atribuir a formação da roda a alguém ou ao grupo como um todo: “sabe-se lá porque, talvez sugestão de alguém para melhorar o clima” (linhas 46-47). Minhas ações são avaliadas como um processo na qual me vi inserida, não necessariamente uma escolha, o que seria coerente com a visão de que eu não estava fazendo, estava “com preguiça” de fazer o que devia como orientadora. Assim, ao dizer que: “eu fui me aproximando” (linha 48); “Quando vi, estava no meio de uma imensa roda de capoeira” (linhas 49-50), vou descrevendo minha participação como a de alguém que vai se envolvendo aos poucos na proposta de todo o grupo, lembrando que esse todo é construído discursivamente.

Ao posicionar-me no grupo, descrevo que: “Eu me sentia uma criança, foi um momento mágico, o clima era completamente outro. Senti que pertencia aquele grupo, registrei o sentido de tudo que estávamos fazendo, lembrei do verdadeiro sentido de ser humanista” (linhas 58-63). É interessante observar que, no texto, é a atividade da roda que permite como que eu me veja novamente parte do grupo, do qual havia me destacado anteriormente. Existe um movimento de distanciamento e proximidade que culmina na utilização da ação avaliativa “estávamos fazendo” (linha 61) em meio a minha avaliação externa e que me posiciona como parte da ação por um clima melhor, trazida por ações de outros, mas novamente reconciliando-me em um “senso de nós” de que a partir desse momento também compartilho. A trajetória de aprendizado baseia-se na mobilização de um conjunto para uma viagem, em meu desgarramento por motivos relacionados às dificuldades da viagem e minha reintegração ao grupo, mediante uma atividade lúdica, em meio às condições adversas.

Tal trajetória está sistematizada em: “essa força do conjunto era o que pulsava dentro de mim” (linhas 66-67). Construo assim uma visão da identidade humanista como a da força de superar dificuldades mediante a união e relaciono a experiência da roda com momentos de minha experiência como orientadora. Assim, digo que a mesma força que senti presente naquele dia é a força que sentia “toda vez que um orientado meu se desesperava, que um projeto desmoronava, uma equipe sumia...” (linhas 67-69). A partir da experiência construo a identidade do orientador como

alguém que “cria condições” (linha 69) para o que quer fazer e justifico isso a partir do fato de que havia vários orientadores presentes naquele dia e que todos queriam que a viagem fosse lembrada positivamente (linhas 70-74). Uma vez mais, construo um certo distanciamento entre eu e o grupo, dizendo que o posicionamento de outros orientadores gerou as condições para que eu me reintegrasse e a partir daquele momento assumisse meu papel com gosto (linha 74).

Existe uma colocação em relação às ações que se seguiram ao momento da roda, nas quais descrevo o que seria “meu papel”. Um papel que está relacionado a promover um bom clima e buscar oportunidades para meus orientados (linhas 75-78). Finalizo a estória acrescentando problemas posteriores a lista inicial de empecilhos à realização da viagem e reforçando que, apesar disso “o clima havia mudado” (linha 81) e que “estávamos relaxados, felizes e muito unidos” (linhas 81-82). Assim como na estória de Andréa, portanto, existe uma transformação de climas que é, no entanto, realizada a partir de uma atividade concreta – a roda de dança – proposta por outros orientadores e que me leva a cumprir, posteriormente, minhas funções como orientadora também. É interessante observar que o movimento identitário coletivo/pessoal/coletivo reforça uma trajetória a partir da qual participar de um grupo e ter a colaboração de outros nas horas difíceis é fundamental para a realização de minha função.

Minha reflexão na APE 2 (anexo 2 – seqüência 14) é curta e também está organizada de acordo com o sugerido pelo trabalho pessoal. A partir dela, é possível explorar a dimensão identitária social – como acho que os outros me vêem – de maneira mais explícita do que no texto. Assim, avalio minha situação como a de uma “orientadora recomeçando equipe com projetos novos” (linhas 1-2) e, dentro desse escopo, indico diferentes tensões.

Considerando o “querer mostrar serviço” (linha 3), o distanciamento ocorre quando eu não correspondo à imagem do que, segundo meu ponto de vista, um orientador deve fazer, coisa que justifico a partir da viagem e da “preguiça”. Da mesma maneira, as tensões relacionadas ao que “os outros vão pensar de mim” (linha 4) e ao “cansaço por antecedência” (linha 5) que “me faz ter vontade de me poupar” (linhas 5-6) poderiam ser alinhadas a tal distanciamento. A situação a qual

normalmente nos referimos em nossa equipe como “inércia estrutural” (linha 6) refere-se a um momento da equipe ou do orientador no qual seguimos fazendo o mesmo que fazíamos ainda que as coisas não estejam resultando em crescimento, sem avaliar o que poderia ser modificado. Exemplificando: seguimos indo a uma reunião cujo objetivo era concentrar sempre gente nova, ainda que não estejamos convidando, o que remete a uma sensação de acomodação.

Na estória (anexo 1 – seqüência 7), existe um posicionamento acomodado meu, ainda que justificado pela “preguiça”, que me leva a posicionar-me como incapaz de cumprir minha função. A viagem é representada como cheia de dificuldades, o que dá força à justificativa posterior. No entanto, a reportabilidade da estória está na superação da acomodação e não na justificativa em si. É interessante observar como a justificativa encontra ressonância na “vontade de me poupar”, descrita como um “cansaço por antecedência”. Minha estória poderia ser vista como uma compensação desse aspecto, na medida em que a justificativa me posiciona como alguém que tem motivos palpáveis para estar cansada e mesmo assim se supera, o que desvaloriza a tensão exposta. Também poderia ser vista como compensação no sentido de que resignifica uma estória de viagem como estória de superação da inércia a partir da vontade do conjunto. O ponto mais interessante de compensação, no entanto, me parece ser em relação a minha tensão com a identidade coletiva, já que me distancio, mas volto a ser integrada na atividade da roda e existe uma redenção quando, após um momento em que não me coloco como parte do grupo, volto a estar participando dele não só por meio do sentimento gerado na roda, mas também por meio das atividades que passo a realizar durante a viagem.

Quando menciono climas na APE 2 (anexo 2 – seqüência 14), listo dois medos: o “medo de cometer os mesmos erros” (linha 7) e o “medo do novo” (linha 8). Na estória, o medo não aparece explicitamente em relação às situações difíceis descritas, o que poderia ser visto também como uma compensação. Porém, se me ativer a observar o medo e ampliar o contexto em questão, saindo um pouco da análise textual, posso dizer que a situação de ter dois orientados viajando comigo para outro país era nova e juntando isso à tensão em relação ao que os outros pensariam de mim, há um agravante, pois aqui existem o ponto de vista não só dos orientados, mas

de todos os viajantes, que totalizavam oitenta brasileiros. Como eu já havia viajado para o Movimento em outras situações, o medo de cometer os mesmos erros também estaria presente.

O que me chama maior atenção em relação aos climas é a questão da “solidão” (linha 8), já que na estória também falo de transformação de climas, mas, além da transformação superficial do negativo ao positivo, existe toda uma construção identitária compensatória da solidão na estrutura avaliativa secundária. Eu saio de um “nós” engajado para um “eu” que não consegue se integrar e, por fim, organizo discursivamente meu relato, baseando-me no evento da roda de dança, de maneira a incluir-me novamente. Além disso, indico que é a “força do conjunto” o que me faz seguir quando minhas atividades como orientadora não apresentam os resultados esperados.

Considerando a construção do “senso de nós” coeso proposta desde o início do texto em ações avaliativas, observar a utilização de alguns elementos avaliativos em especial na estória torna-se relevante. O uso de “todos” (linhas 1, 50, 58 e 72); “todo mundo” (34-35 e 72); a oposição “vários” e “ninguém” (linha 71). Em apenas dois momentos, crio relações que põem em dúvida a participação sem exceções em atividades e interpretações. O primeiro momento é quando digo que “todos” estavam na roda, “à exceção de uns poucos” (linha 50) que ficaram resolvendo o problema da correia do ônibus. O segundo momento é quando digo que todo mundo queria ver o positivo, “mesmo que” a idéia da roda tenha sido “de um ou de outro” (linha 73). Em ambos os casos, me parece que a dúvida é justificada por uma questão de coerência interna da estória já que, se todos parassem para dançar, não seguiríamos viagem e, por outro lado, imaginar que a idéia da roda partiu de todos seria difícil de reportar. No entanto, existe uma estratégia de minimização do valor de tais pontos na narrativa, quando sugiro que “alguns poucos”, o que é quantitativamente inexpressivo, ficaram para resolver a parte mecânica e uso o “mesmo que” que deixa em aberto a possibilidade de que a idéia tenha, sim, surgido de todos ao formarmos a roda.

As dificuldades da viagem são reforçadas em avaliações como: “muita coisa” (linha 19); “péssimas condições” (linha 21); “frio de rachar” (linhas 22 e 33); “várias vezes” (linha 22); “tão longe” (linha 24); “ruim” (linha 27); “mil coisas!” (linha 27),

o que vai criando um clímax para a colocação de que “a pior situação” (linha 24) será a da parada no Rio Grande do Sul, que culmina na constatação de que estamos “juntos por pior que seja a situação” (linha 64). É interessante observar que em “não sei bem” (linha 36) e em “sabe-se lá porque” (linha 46), me distancio do que proporcionou a formação da roda e a transformação do clima. Sem referência específica a ninguém, atribuído ao conjunto, “bateu” um “espírito” em todos (linhas 34 e 35) e isso cria um “momento mágico”, no qual digo me sentir uma “criança” (linha 59) apesar de não estar conseguindo me colocar em “posição de referência” (linha 42). Isso transforma o clima em “completamente outro” (linha 60).

Existem duas menções a “sentido” (linha 61 e 62) relacionadas ao fato de que dançando “esbaforida” (linha 62), eu estava “muito feliz” (linha 63). Isso porque estávamos juntos e relacionados por uma “causa maior” (linha 65) e ao fato de sermos capazes de “reverter qualquer quadro” (linha 65). Assim, climas de solidão e tensões relacionadas a minha identidade social e pessoal são superadas a partir de um “senso de nós” saliente que é reconquistado, na medida em que me deixo envolver pela “força do conjunto”. Posso inclusive dizer que, dada a relação direta estabelecida entre essa aprendizagem e o dia-a-dia de orientação, no qual também me basearia na força do conjunto, a estória transforma-se em alegoria para momentos nos quais lido diretamente com minhas tensões e climas.

O processo de analisar meu próprio texto foi interessante por vários motivos. Estabeleci que analisaria também meu relato para integrar como participante a pesquisa e não me colocar como consultora em relação a meus pares. Decidi também analisar meu relato por último porque, sabendo de antemão do desafio representado aqui, considerei que seria melhor ter a prática de outras estórias antes de aventurar-me a fazê-lo. Em determinados momentos, busquei distanciar-me para encontrar o que poderia ser inferido somente a partir de meu texto, tal como busquei fazer com meus pares.

Analisar-me tornou-se parte fundamental de tal pesquisa, pois pude, reavaliando as recordações que tenho dos dias que relatei observar que, realmente, a estória é uma reconstrução baseada em determinado ponto que pretendo desenvolver e que é esse ponto o que organiza toda estrutura textual. Basta com dizer que, ao

escrever o relato, havia uma preocupação com o que seria dito, de maneira a não ofender os princípios de uma dissertação, que acabaram por dissiparem-se na medida em que me envolvia mais na Prática Exploratória e compreendia melhor o paradigma dentro do qual aquela atua, bem como os objetivos de uma dissertação.

Assim, a construção da identidade coletiva indissolúvel, baseada no fato de que todos os humanistas compartilharam, segundo a construção de personagens realizadas na estória, sentimentos e ações que compuseram um “senso de nós”, dificilmente seria reproduzida neste momento, caso eu recontasse essa estória. Não sei dizer se isso é devido a minha conscientização em relação a como manipulo o discurso ou ao fato de que, enquanto analisava os dados, lembrei-me de que várias das pessoas que viajaram não estavam no Movimento Humanista há muito tempo e algumas inclusive declararam ter ido a passeio, o que impossibilitaria posicioná-los a todos como pessoas comprometidas com a visitação ao local histórico. O que me parece importante observar é que, ainda assim, naquele momento de resignificação ao qual me ative, encontrei entendimentos úteis a minha formação identitária atual como orientadora.

4.3

Terceira Etapa: Coerência Global e Temática

Para finalizar meu processo de análise, propus buscar uma narrativa mestre humanista, segundo o proposto por Överlien e Hydén (2003) a partir das análises de cada estória realizadas até o momento, ou seja, narrativas que conectam a outras pessoas e a uma identidade moral. Para tanto, buscarei os níveis de coerência global e temático propostos por Agar e Hobbs (1982).

O nível de coerência global refere-se a tendência das estórias a dirigirem-se a uma intenção geral ou ponto. As estórias aqui analisadas são todas surgidas de um trabalho para o entendimento de nossa identidade como orientadores e as frequências referiam-se a aprendizados que tivemos nesse sentido. Assim, um primeiro objetivo comum seria o de reportar aprendizados. De maneira mais ou

menos direcionada, posso dizer que todas as estórias ressignificam nosso *modus operandi*, ou seja, nosso “como”.

Baseando-me nesse nível de coerência mais amplo, observo que: a) na estória de Rafael existe um como se tornar referência para um grupo de não-participantes, ainda que essa não seja nossa intenção primeira: convertendo-se em um orientador da não-violência na prática; b) na estória de Valdir existe uma avaliação de como podemos nos apropriar da forma **como fomos qualificados** para conseguir qualificar outras pessoas; c) na estória de Alice existe um **como qualificamos** para levar a superação de limites financeiros e de distância; d) na estória de Cláudio existe um **como organizamos** um projeto a partir de poucos recursos e pessoas e, com muito trabalho, conseguimos gerar resultados no futuro que seguem além do que podíamos inicialmente prever; e) na estória de Ricardo existe um **como geramos uma imagem** inicial que leva à decisão de realizar um projeto difícil, porém necessário; f) na estória de Andréa existe um **como o coletivo e o cumprimento de uma função pode transcender problemas pessoais** de ordem física e g) em minha estória existe um **como o coletivo transcende dificuldades pessoais e práticas** de um projeto, levando ao cumprimento de uma função.

Na ordem da coerência global, posso referir-me ainda a uma tendência à superação de limites, mais ou menos explícita, presente em todas as estórias. Ao avaliar separadamente cada relato, investiguei a possibilidade de que as estórias fossem formas de compensar tensões e climas expostos pelos participantes, buscando olhar os dados a partir de tal ponto de vista. Observando uma coerência que tende a superação de limites, posso dizer que o *corpus* de estórias em geral sugere uma **compensação positiva**, na medida em que produz conhecimento compartilhado e negociado a cada momento. Tal negociação está presente no uso de expressões próprias do Movimento, na interação ocasional e/ou implícita comigo ou com os possíveis leitores da dissertação, na referência a temas que fazem parte de nosso sistema de expertise como orientadores. A forma como tais significados são negociados, constrói uma trajetória de aprendizado, ao menos no âmbito das APes1, sempre positiva, levando a resolução de conflitos e sempre voltada à superação daqueles que recontam suas experiências.

A partir do nível de coerência temático, busquei os pontos tratados em minha revisão de literatura em relação à nossa visão de homem e de história, na tentativa de observar como/se aqueles apareciam em nossa construção discursiva. Lancei um novo olhar ao *corpus* construído por nós, baseando-me na seguinte sistematização:

Quadro 4 **Nível de Coerência Temático**

	Temas
Visão de Homem	1. O ser humano como dotado de consciência ativa
	2. Condição humana <i>versus</i> natureza humana
	3. Intencionalidade
	4. Imagens como estruturadoras da realidade <i>versus</i> produção de subjetividade (problemas pessoais <i>versus</i> problemas sociais)
Visão de Orientador	1. Referência perceptual do que é humanismo
	2. Integrador das capacidades individuais – do eu aos nós.

Os pontos acima sistematizados representam uma síntese do exposto no capítulo 2 quanto à nossa visão de mundo, em nosso sistema de expertise. Considerando que um dos pontos de interesse de nossa busca por entendimento identitário é justamente tentar compreender se nosso discurso é ou não coerente com a proposta a que buscamos nos dedicar, analisar tematicamente as estórias tendo nosso sistema de expertise como referencial esclareceria se nossa tendência discursiva é semelhante às crenças nas quais baseamos nossa atividade.

Em relação à nossa visão de homem como dotado de consciência ativa, é interessante observar que em todas as estórias a questão de tomar a decisão de seguir a proposta do grupo é o que permite chegar a aprendizados. Assim, a consciência aparece como ativa, não porque os autores das estórias se colocam como perseguindo resultados e sim porque nos colocamos como disciplinados em relação ao que está sendo proposto.

Na estória de Rafael, ele deixa claro um posicionamento identitário no qual não se reconhece como tendo escolhido tornar-se referência: tornar-se referência surge da ação que ele tem e que o qualifica como orientador da não-violência na prática, segundo suas próprias palavras. Na estória de Valdir, é sua aceitação da sugestão de seu orientador o que leva ao entendimento em relação aos modelos que operam nele. Na estória de Alice, é o processo de qualificação do mais experiente ao

menos experiente o que leva à superação dos limites da menina. Na estória de Cláudio, atender às decisões da equipe (pesquisando formas de funcionamento de outros cursos pré-vestibulares em São Paulo, terminando com o pré) é o que permite que os resultados desse projeto sejam percebidos até hoje. Na estória de Ricardo, atender à necessidade de dar um salto em uma equipe e na estória de Andréa, atender à necessidade de seus pares, são os motivadores que os levam a decidir a partir de um discurso interno ou ferramenta de trabalho pessoal. Na minha estória, interpretar a alegria de um momento em uma viagem como indicador da força do conjunto é o que permite mudar de comportamento em relação a meus orientados.

Sugiro que, em todas as estórias, a escolha de **seguir a orientação** ou o planejamento da equipe, adequando-nos a **visão de qualificação** como partindo do mais experiente, é um tema subjacente que gera um discurso no qual todos os envolvidos somos pessoas que ativamente escolhem sua função.

Ao longo de nossas APE 1, reiteramos uma identidade na prática baseada na consciência ativa: não por termos escolhidos as melhores opções e procedimentos, mas por termos escolhido acreditar na filosofia da revolução humanista em si. Em termos identitários, isso pode ser observado na impessoalidade com que Cláudio refere-se ao que realiza, no distanciamento de Rafael que não se vê como alguém que intenciona ser referência para seus amigos, em minha atitude de ver o grupo como fonte de inspiração. Nas estórias, nossa consciência só aparece como ativa, se compreendermos que participar dessa comunidade de prática foi uma escolha. Fora isso, todos nos referimos a uma entidade maior, uma identidade coletiva extremamente saliente, que está na reportabilidade mesma das narrativas.

O tema da condição humana *versus* natureza humana é mais facilmente observável, dada a tendência em que as estórias sejam estórias de superação a partir de uma identidade coletiva. Não parecem existir referências nas estórias a uma visão de homem como ser dotado de natureza e sim como ser dotado de capacidade transformadora da realidade. Tal tema está relacionado à questão da intencionalidade e das imagens como estruturadoras da realidade. Em todas as estórias a questão da **intencionalidade** está presente na escolha que os narradores realizam de integrarem-se a uma atividade em particular.

Na estória de Rafael o tema ganha maior importância, pois nessa estória sua decisão de tornar-se orientador da não-violência na prática influencia âmbitos que ele não esperava influenciar (seu grupo de amigos). O tema da imagem como estruturadora da realidade aparece mais diretamente nas estórias de Andréa, Ricardo e na minha estória, nas quais a conversão de uma situação negativa e/ou sem saída (no caso da estória de Ricardo) acabam permitindo que as atividades sejam realizadas de acordo com a necessidade observada por seus narradores. Nas narrativas de Andréa e Ricardo, a palavra “imagem” mesma é utilizada no sentido de objetivo que nos move em direção a uma atividade.

Em relação à visão de orientador, observo que em todos os relatos o orientador é uma **referência perceptual de humanismo**, i.e., humanismo é o que podemos perceber a partir da atitude do orientador. O orientador também aparece ao longo do corpus como um integrador, alguém que serve como guia para novos aprendizados, que conecta diferentes pessoas em diferentes âmbitos e sugere maneiras de agir. Nesse ponto, é importante observar o tema da hierarquia forte que organiza nossa equipe tendo em base a qualificação prévia de cada membro e a função específica que tais membros ocupam no conselho. A visão hierárquica tem forte influência na maneira como organizamos nosso discurso, posicionando personagens que nele surgem.